

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM SOCIEDADE,**  
**CULTURA E FRONTEIRAS – NÍVEL DE MESTRADO**  
**ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIEDADE, CULTURA E FRONTEIRAS**

NARA REGINA OLMEDO DE OLIVEIRA

**FOZ DO IGUAÇU INTERCULTURAL:**  
**COTIDIANO E NARRATIVAS DA ALTERIDADE**

FOZ DO IGUAÇU – PR

2012

NARA REGINA OLMEDO DE OLIVEIRA

**FOZ DO IGUAÇU INTERCULTURAL:  
COTIDIANO E NARRATIVAS DA ALTERIDADE**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para obtenção do título de Mestre em Sociedade, Cultura e Fronteiras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Sociedade, Cultura e Fronteiras, área de concentração: Sociedade, Cultura e Fronteiras.  
Linha de Pesquisa: Território, Cultura e Memória

Orientador: Prof. Dr. José Carlos dos Santos

FOZ DO IGUAÇU – PR

2012

### FICHA CATALOGRÁFICA

O48 Oliveira, Nara Regina Olmedo de  
Foz do Iguaçu intercultural: cotidiano e narrativas da alteridade /  
Nara Regina Olmedo de Oliveira – Foz do Iguaçu, 2012.  
153 f., il., tab., mapas

Orientador: Prof. Dr. José Carlos dos Santos.  
Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em  
Sociedade, Cultura e Fronteiras – Universidade Estadual do Oeste  
Paraná.

1. Foz do Iguaçu (PR) – Sociedade e cultura. 2. Foz do Iguaçu  
(PR) – Imigrantes – Memórias. 3. Interculturalismo. 4. Alteridade. I.  
Título.

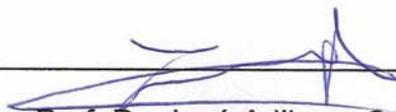
CDU 316.722(816.2Foz do Iguaçu)  
908.816.2Foz do Iguaçu

NARA REGINA OLMEDO DE OLIVEIRA

**FOZ DO IGUAÇU INTERCULTURAL:  
COTIDIANO E NARRATIVAS DA ALTERIDADE**

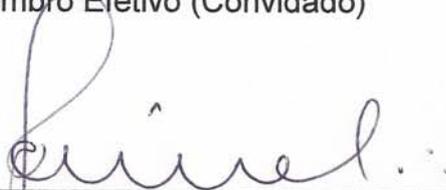
Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre em Sociedade, Cultura e Fronteiras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Sociedade Cultura e Fronteiras – Nível de Mestrado, área de concentração em Sociedade, Cultura e Fronteiras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

**COMISSÃO EXAMINADORA**



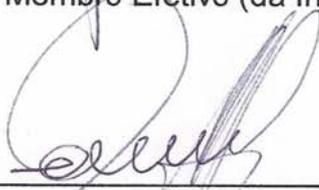
---

Prof. Dr. José Adilçom Campigoto  
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO  
Membro Efetivo (Convidado)



---

Prof. Dr. João Jorge Correa  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE  
Membro Efetivo (da Instituição)



---

Prof. Dr. José Carlos dos Santos – UNIOESTE  
Orientador

Foz do Iguaçu, 30 de março de 2012.

Para o geógrafo professor  
Edison Fernando de Oliveira Freire (*in memoriam*).

Para Everton Santos,  
arquiteto de um cotidiano monumentalmente feliz.

## AGRADECIMENTOS

Começo por agradecer ao meu orientador, professor Dr. José Carlos dos Santos pelo seu exemplarismo inspirador. Nestes dois anos de convivência pude vê-lo praticar sempre uma ausculta atenta, cuidadosa, interessada e profilática capaz de assegurar vitalidade e saúde à relação orientador-orientando e transbordar para o campo de pesquisa qualificando a relação com os demais participantes; demonstrar nas suas posturas e atitudes, o apreço pela alteridade situando-se empaticamente no processo de orientação; afirmar continuamente que são os sujeitos o sentido basilar e bussolar da pesquisa; posicionar-se respeitosamente, sem intrusão, acerca do tratamento e aprofundamento dos textos; socializar seus saberes e disponibilizar suas experiências iluminando a compreensão, tornando a relação com o conhecimento uma experiência sensível. É dele o mérito de fazer do processo de orientação uma vivência memorável. A ele dedico profundo reconhecimento.

Aos imigrantes, sujeitos da pesquisa, Mustapha, Valois, Maria, Carlos, Norma, Margarita, Alex, Mari, Mario, Rodrigo, Enrique, Mei, Qin Yon, Pin Yin e aos descendentes Elisabeth, Leila e Zhang Jie agradeço o privilégio de poder embarcar em suas histórias e viajar em suas lembranças. Com eles, pude realizar este projeto, desejado há mais de uma década e, pensando neles, refletindo sobre suas experiências, pude me perceber como migrante e revisitar também este episódio da minha vida.

A Amálio, Bayan, Khalil, Marcelino, Nathalie, Roberto e Zaki, colaboradores desta pesquisa.

Sublinho as preciosas contribuições e incentivos dos professores examinadores. Agradeço as profícuas sugestões tecidas de forma amistosa e acolhedora pelos mestres Dr. Tarcísio Vanderlinde e Dr. João Jorge Correa na ocasião da banca de qualificação e também as contribuições do Dr. José Adilçom Campigoto quando da defesa.

Carinhosamente, já me pego lembrando dos colegas, dos jeitos atrevido do Kleber, perspicaz do Washington, calado do Celso, irreverente da Cláudia, dinâmico da Carmem, obstinado da Juliana, transparente da Dione, acolhedor da Lara e sossegado da Ana. Representantes de diferentes trajetórias, fizeram valer a polifonia necessária às práticas interdisciplinares.

E por falar em polifonia, toda orquestra necessita de um competente maestro. Agradeço ao prof. Dr. Ivo José Dittrich pela coragem, própria dos pioneiros, em assumir a Coordenação do Programa e os desafios decorrentes desta empreitada e a todos os professores com os quais tive a oportunidade de conviver, em especial aos mestres Dr. Geraldo Augusto Pinto e Dra. Regina Coeli Machado e Silva. Estendo meu reconhecimento à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, instituição responsável pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Sociedade, Cultura e Fronteiras.

À talentosa correspondente especial e porta-voz do programa de mestrado, Vânia Maria da Costa Valle, o meu muito obrigada pela disponibilidade em atender com solicitude às nossas dúvidas e solicitações.

Aos jornalistas Robson Meireles, Jackson Lima e Daniela Valiente e aos amigos Youssef Elhoure e Paulo André Norberto minha gratidão por interfacearem o contato com os imigrantes.

Ao Sr. José Reiner Castione, engenheiro cartográfico da Secretaria Municipal de Planejamento e à jornalista Mônica Nasser, assessora de imprensa do Centro Cultural Beneficente Islâmico de Foz do Iguaçu, pelo apoio técnico.

Ao Professor Waldo Vieira pelo estímulo à carreira docente e, sobretudo, pelo tanto que com ele aprendo.

Aos amigos presentes, mesmo em tempos de confinamento, em especial aos queridos Waldson Dias, Verônica Serrano, Roberto Leimig, Domingos Impérico, Luciano Melo e Mabel Teles, agradeço a cumplicidade, escuta e estímulo. Agradeço também ao companheiro de trajeto, João Paulo Costa pelas caronas de casa à universidade durante todo o ano de 2010.

À presença afetuosa da minha família: meus pais, Julio e Odete, com eles, desde menina, aprendi o gosto pelos deslocamentos, o prazer de descobrir o que está na rua, além dos muros da casa; minha irmã Cristina, vigilante e cuidadosa, pela companhia harmoniosa e harmonizadora; meu irmão, Julio, de quem tenho uma saudade sem fim; meu cunhado, Humberto, por irrigar nossas relações com uma espécie de sublime sensatez; minha sobrinha, a adorável Lis, por irradiar alegria e poesia incluindo-me no seu mundo feliz; e, também, aos tios Maria, Clodoaldo e Laudelina e aos primos Marisa e Daureci por abastecerem continuamente e amorosamente o meu repositório de deliciosas lembranças. O valor de todos vocês é, para mim, inestimável.

Agradeço aos amigos Ildo, Tereza, Eliane, Edson e Lara pelo acolhimento, apoio, companheirismo e, especialmente, pela incondicional compreensão.

Ao meu marido, amante, amigo e parceiro Everton Santos, presença definitiva, meu infinito reconhecimento por renunciar a projetos e compromissos, abrindo mão de seu tempo para estar comigo nesta caminhada, encorajando-me a enfrentar inquietações e dificuldades. A ele sou imensamente grata pelo enorme afeto e pela extraordinária paciência. Devo a ele também, agradecimentos pela leitura cuidadosa e pela revisão minuciosa desta dissertação.

## **O Encontro das Águas**

As águas...  
Mar do Cassino,  
Arroio Bolacha,  
Rio Guaíba,  
Lagoa dos Patos,  
Barra do Ribeiro,  
Mar de Cidreira,  
Lago Negro,  
Mar do Farol de Santa Marta,  
Balneário do Retiro,  
Termas do Gravatal,  
Cataratas do Iguaçu,  
Rio Tamanduazinho,  
Mar de Carapibus.  
... Sólidas memórias líquidas!

OLIVEIRA, Nara Regina Olmedo de. **Foz do Iguaçu intercultural: cotidiano e narrativas da alteridade**. 2012. 151 p. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Foz do Iguaçu.

## RESUMO

Este texto aborda as vivências cotidianas de imigrantes residentes em Foz do Iguaçu, município brasileiro que integra a Tríplice Fronteira, em conjunto com Puerto Iguazú, na Argentina e Ciudad del Este, no Paraguai. Compreender melhor a cidade de Foz do Iguaçu, imergir na atmosfera de alteridade narrada por essas pessoas comuns, sujeitos praticantes do cotidiano, e traçar de forma mais nítida contornos das relações interculturais ambientadas nos espaços de fronteira é o interesse central deste estudo. Identidades, memórias, pertencimentos, vínculos de parentesco, amizade e conterraneidade, espacialidades, redes de sociabilidade, estratégias e jogos relacionais são temáticas desenvolvidas no texto a partir dos relatos dos imigrantes participantes da pesquisa – argentinos, paraguaios, chilenos, libaneses e taiwaneses – e das contribuições teóricas de Michel de Certeau, Michel Maffesoli, Clifford Geertz, Zigmunt Bauman, Ulf Hannerz, Jacques Derrida e Fredrik Barth, dentre outros autores. A *história de vida tópica* é a perspectiva metodológica eleita para abordar o episódio da imigração nos contextos específicos das histórias de vida dos sujeitos. A partir das pistas dadas a conhecer nas interações com os *saberes-fazeres* dos imigrantes, é possível inferir que na experiência de imigração, identidades, sentidos, afetos e práticas culturais transbordam os limites dos territórios de origem. Novos arranjos criam e recriam significados e formas, confrontando ordenamentos inscritos nos imperativos estatutos vigentes no país de destino. São *saberes-fazeres* que no cotidiano perseguem liberdades intersticiais para nelas cultivar outras racionalidades e sociabilidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** imigrantes, práticas interculturais, memórias, espacialidades, fronteiras, imaginários.

OLIVEIRA, Nara Regina Olmedo de. **Intercultural Foz do Iguaçu: quotidian and narratives of the otherness.** 2012. 151 p. Dissertation (Masters' Degree in Society, Culture and Borders) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Foz do Iguaçu.

### ABSTRACT

The text discusses the quotidian experiences of immigrants living in Foz do Iguaçu, a Brazilian municipality that is part of the Triple Frontier, with Puerto Iguazú, in Argentina and Ciudad del Este, in Paraguay. The main interest of this study is to better understand the city of Foz do Iguaçu, to immerse into the otherness atmosphere reported by common people, quotidian practitioner citizens, and to draw in a clearer way the contours of the intercultural relations set in the frontier environment. Identities, memories, belonging, bonds of kinship, friendship and fellow-citizenship, spatiality, sociability networks, strategies and relational games are themes developed in the text from the stories of the immigrants that took part in this research – Argentine, Paraguayan, Chilean, Lebanese and Taiwanese people – and the theoretical contributions of Michel de Certeau, Michel Maffesoli, Clifford Geertz, Zigmunt Bauman, Ulf Hannerz, Jacques Derrida and Fredrik Barth, amongst other authors. The *topical life history* is the methodological perspective chosen to approach the immigration episode in specific contexts of the citizens' histories of life. From the clues made known in the interactions of the immigrants' *knowhow*, one can infer that in the immigration experience, identities, senses, affection and cultural practices exceed the limits of the original territories. New arrangements create and recreate meanings and forms, comparing orders enrolled in the imperative effective statutes of the destination country. They are *knowhow* that, on the quotidian, seek interstitial freedom in which they cultivate other rationality and sociability.

**KEYWORDS:** immigrants, intercultural practices, memories, spatiality, borders, imaginaries.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES<sup>1</sup>

Figura 01 – Vista aérea do encontro das águas dos rios Paraná e Iguazu.....	18
Figura 02 – Mapa do Território Transfronteiriço do Iguazu .....	21
Figura 03 – Tabela Povos Guarani.....	23
Figura 04 – Gráfico de distribuição por países .....	23
Figura 05 – Ponte Internacional da Amizade, 1965.....	25
Figura 06 – Ponte Internacional da Amizade, 1995.....	25
Figura 07 – Ponte Internacional da Amizade, 1998.....	25
Figura 08 – Quadro ilustrativo das iconografias do Programa Ñandeva .....	29
Figura 09 – Vista aérea Fronteira Brasil-Paraguai .....	31
Figura 10 – Divisa entre Brasil e Argentina – Ponte da Fraternidade.....	36
Figura 11 – Divisa entre Brasil e Paraguai – Ponte da Amizade .....	36
Figura 12 – Bandeira do MERCOSUL.....	38
Figura 13 – Países do MERCOSUL .....	38
Figura 14 – Marcos das Três Fronteiras – Argentina, Paraguai e Brasil .....	39
Figura 15 – Quadro sinóptico sobre tipos e conteúdos do multiculturalismo.....	46
Figura 16 – Dança do Ventre pelas dançarinas da comunidade taiwanesa.....	69
Figura 17 – Quadro: Contato dos imigrantes no país de destino .....	87
Figura 18 – Área central de Foz do Iguazu .....	102
Figura 19 – Cataratas do Iguazu .....	105
Figura 20 – Vertedouro – Itaipu Binacional .....	105
Figuras 21 a 27 – Áreas de lazer e dependências da Casa Paraguaia.....	109
Figura 28 – Última página da Ata de fundação da Casa Paraguaia.....	110
Figura 29 – Lista de fundadores e de presidentes da Casa Paraguaia.....	110
Figura 30 – Nathalie, Denis Pryen e Laurent Terzieff.....	112
Figura 31 – Livraria L’Harmattan .....	112
Figura 32 – Nathalie e Claimar.....	114
Figura 33 – Vitrine da livraria Kunda .....	114
Figuras 34 e 35 – Dependências da livraria Kunda.....	116
Figuras 36 a 41 – Fachada e dependências do mercado Hayet .....	118
Figuras 42 a 45 – Fachada, dependências e produtos da doceria Almanara .....	119

---

<sup>1</sup> As fotos sem identificação de fontes foram fotografadas pela autora.

Figuras 46 e 47 – Fachada da panificadora Cataratas.....	120
Figuras 48 a 50 – Equipamentos da panificadora Cataratas.....	121
Figuras 51 a 53 – Dependências e produtos da panificadora Cataratas.....	121
Figuras 54 a 56 – Rua Meca .....	124
Figuras 57 e 58 – Fachada e interior – Mesquita Omar Ibn Al-Khattab.....	124
Figuras 59 a 61 – Imagens do Jardim Central.....	124
Figura 62 – Sociedade Beneficente Islâmica .....	125
Figura 63 – Grupo Escoteiro Líbano Brasileiro.....	125
Figura 64 a 66 – Ruas da Vila Paraguaia.....	126
Figura 67 – Jogadores do Esporte Clube Vila Paraguaia.....	127
Figura 68 – Bar do Quincho – Vila Paraguaia .....	128
Figura 69 – Oratório – Valois e Maria.....	131
Figura 70 – Camelo de pelúcia – Mercado Hayet .....	131
Figura 71 – Coleção de rádios – Claimar .....	131
Figura 72 – Miniaturas – Leila .....	131

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>1 FOZ DO IGUAÇU POLIÉDRICA</b> .....	<b>18</b>
1.1 NOTUÁRIO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO .....	21
1.2 FRONTEIRAS: ESPAÇOS DE COEXISTÊNCIA .....	31
1.3 MULTICULTURALIDADE .....	44
<b>1.3.1 A intercultural Foz do Iguaçu multicultural</b> .....	<b>47</b>
<b>2 COTIDIANO E NARRATIVAS DA ALTERIDADE</b> .....	<b>55</b>
2.1 ESTRANGEIROS? QUAIS? OS DE DENTRO OU OS DE FORA? .....	60
<b>2.1.1 Conexões entre o lá e o cá, entre os que migram e os que ficam</b> .....	<b>66</b>
2.2 FAMÍLIAS IMIGRANTES: UNIDADES CONSTRUÍDAS .....	74
<b>2.2.1 Uma família argentina</b> .....	<b>75</b>
<b>2.2.2 Uma família taiwanesa</b> .....	<b>75</b>
<b>2.2.3 Uma família paraguaia</b> .....	<b>76</b>
<b>2.2.4 Uma família libanesa</b> .....	<b>77</b>
<b>2.2.5 Uma família chilena</b> .....	<b>78</b>
<b>2.2.6 Morfogênese familiar</b> .....	<b>78</b>
2.3 VIZINHOS: CONHECIDOS, CONTERRÂNEOS E CORRELIGIONÁRIOS.....	82
2.4. VIVENDO ENTRE BRASILEIROS .....	92
<b>3 ESPAÇOS E PRÁTICAS INTERCULTURAIS</b> .....	<b>96</b>
3.1 MEMÓRIA: ESPAÇOS INTERCULTURAIS .....	98
3.2 NATUREZA PRÓXIMA.....	102
3.3 OS ESPAÇOS URBANOS .....	107
<b>3.3.1 A Casa Paraguaia</b> .....	<b>108</b>
<b>3.3.2 A Kunda Livraria Universitária</b> .....	<b>112</b>
<b>3.3.3 Os estabelecimentos comerciais árabes</b> .....	<b>116</b>
<b>3.3.3.1 O Mercado de Produtos Árabes Hayet</b> .....	<b>117</b>
<b>3.3.3.2 A Doceria Árabe Almanara</b> .....	<b>119</b>
<b>3.3.3.3 Os Fornos Cataratas Automáticos</b> .....	<b>120</b>
<b>3.3.4 Bairros: Ilhas de Convivência</b> .....	<b>123</b>

<b>3.3.4.1 O Jardim Central .....</b>	<b>123</b>
<b>3.3.4.2 A Vila Paraguaia .....</b>	<b>126</b>
<b>3.4.5 Universos particularmente coexistentes.....</b>	<b>130</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>134</b>
<b>FONTES.....</b>	<b>138</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>140</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>148</b>

## INTRODUÇÃO

No interior da Tríplice Fronteira, Foz do Iguaçu, o *locus* geográfico da pesquisa, corresponde ao território eleito pelos imigrantes para fazer a *nova* vida, a *outra* vida, a alteridade. Para estas pessoas que também fazem o lugar, a trajetória da cidade apresenta significados forjados em experiências, espacialidades e temporalidades desencontradas, frequentemente dissociadas dos marcos memorialísticos oficiais fixados a partir das transformações urbanas macroestruturais praticadas pelos gestores do município. Neste sentido, importa sobremaneira investigar a multiculturalidade de Foz do Iguaçu em suas particularidades, recorrendo a significações fundadas na realidade local.

O estudo adota o cotidiano como perspectiva a partir da qual é pretendido o encontro com os libaneses, chineses, paraguaios, argentinos e chilenos – *homens simples, ordinários*<sup>2</sup> – sujeitos da pesquisa, com vistas a perceber, sensível e cognitivamente, suas práticas culturais.

Objetiva-se, na aproximação das histórias de vida da população imigrante, das suas experiências de socialização e de relação com o lugar, conhecer os protagonistas de um cotidiano intercultural: pessoas que constroem a multiculturalidade e a interculturalidade sem saber que estão a fazê-lo.

É necessário esclarecer que diferentemente das abordagens nas quais o objeto configura-se como coletividade e o objetivo consiste em identificar padrões culturais e homogêneas razões fundadoras de agrupamentos comunitários, ao modo de generalizações, este estudo propõe outro caminho: concentra-se nas pessoas – imigrantes vindos de diferentes países, sujeitos viventes da imigração – com o propósito de imergir na atmosfera de alteridade narrada por essas pessoas comuns, ocupando-se de singularidades.

Não há uma questão problema, um centro localizado tomado isoladamente, nem tampouco um quadro teórico nuclear através do qual se busca uma unificação final do sentido. Na trajetória prevalece a intercambialidade, a tentativa de construção de uma ponte que aproxime dialogicamente as narrativas dos sujeitos (investigação empírica), as situações (circunstâncias correlacionadas) e os conceitos e discursos teóricos, investigação especulativa interdisciplinar.

---

<sup>2</sup> O homem simples ou o homem ordinário, na definição de Certeau (1994, p. 60 a 62) compõe o conjunto de anônimos que estão na base da sociabilidade moderna.

O percurso textual, portanto, considera múltiplas frentes e múltiplas perspectivas, assim como seus desdobramentos em derivativas temáticas e problemáticas também plurais, admitindo contingências, ambiguidades, ambivalências e instabilidades inerentes às verdades relativas, por natureza, questionáveis.

A adoção de uma conduta flexível e interdisciplinar na relação com o tema, principalmente ao indagar e tratar os relatos, vai de encontro ao desafio de descobrir e reconhecer os múltiplos saberes dos quais os sujeitos da pesquisa são portadores.

Apostamos no contato com as específicas realidades vividas pelos imigrantes arrolados no contexto desta pesquisa para desvendar perspectivas ignoradas, desencadear a compreensão, revisão e reflexão das leituras estabelecidas nas proposições teóricas, estimular o entrecruzamento de múltiplos olhares, semear tramas interpretativas do tecido cultural regional e contribuir para o entrosamento entre os saberes acadêmicos e dos diferentes sistemas de conhecimento existentes na comunidade.

Acerca das questões tipológicas dos métodos de pesquisa, a *história de vida tópica ou temática* (DENZIN, 1970), apresenta-se como recurso apropriado para focalizar determinada etapa ou segmento da vida. Este estudo recobre parte da experiência vivida na imigração sugerindo correspondência entre objeto e metodologia. As narrativas constituem-se de fragmentos e os excertos selecionados para construção do texto representam frações da íntegra das entrevistas.

Encontra-se nesta perspectiva, a possibilidade desejada de tratar a história da imigração como a história das memórias das pessoas que viveram a experiência, admitindo-se como ínsita a interdependência entre fenômenos sociais e fenômenos pessoais; entender a memória como um continente de acontecimentos, personagens e lugares; e tomá-la como construída e seletiva, organizada de acordo com as circunstâncias do momento em que está sendo expressada pelo sujeito.

A *história de vida tópica* ocupa-se em captar interpretações e representações da própria vida desenhadas pelos participantes, levando em conta a indeterminação própria do caráter misto de temporalidades diversas entrelaçadas nas reconstruções discursivas, sem perseguir a reconstrução dos fatos em ordenamentos temporais lineares. Não abarcando integralmente a história de vida, restringe-se a pontuar fragmentos, passagens, casos e memórias relativos à

imigração, respeitando as preferências dos sujeitos quanto a determinados episódios, bem como, os diferentes estilos de percepção e narração.

Esta modalidade propõe o entrosamento entre relato e roteiro de entrevista semiestruturado, a exemplo da *entrevista por pautas*, preferencialmente utilizada neste estudo, guiada por pontos de interesse explorados pelo pesquisador ao longo da entrevista, sobre os quais o entrevistado discorre livremente. Aplicadas na perspectiva da *história de vida tópica*, esta técnica busca, na aproximação das experiências, crenças e elementos simbólicos, ultrapassar o narrador na tentativa de compreender os seus contextos de pertencimento, captando entrecruzamentos da vida pessoal e social.

A qualidade dos dados está associada às condições de interação entre pesquisador e pesquisado, sendo os sentidos da experiência desencadeada pela pesquisa, produzidos por estes sujeitos (pesquisador e pesquisado) como saberes em participação.

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, portanto retrata a especificidade das pessoas atingidas pelo recorte possível no tempo da pesquisa, não priorizando o critério numérico, tampouco pretendendo estender suas representações à totalidade da comunidade multicultural de Foz do Iguaçu.

A população selecionada está contida no universo dos maiores coletivos culturais representados na cidade. Dentre os dezessete participantes – nove homens e oito mulheres – encontram-se: três libaneses, três paraguaios, três chineses, quatro argentinos, um chileno e três brasileiros descendentes de libaneses, chineses e paraguaios.

As entrevistas realizadas de novembro de 2010 a março de 2011 envolvem depoimentos de: cinco pessoas, quatro casais, um deles acompanhado da filha, e, um pai acompanhado de dois filhos. Com exceção de apenas dois agendamentos com casais, todos os outros são individuais, portanto, as demais formações incluindo familiares partiram espontaneamente dos entrevistados.

A exceção de dois imigrantes conhecidos no meio acadêmico, os demais eram desconhecidos. A aleatoriedade caracterizou as aproximações. O contato com alguns foi interfaceado por amigos, outros resultaram das sugestões dos próprios participantes. A quase totalidade das entrevistas aconteceu, por preferência dos entrevistados, nas suas residências. Cumpre ressaltar que os homens e mulheres, atores da pesquisa, são pessoas comuns integradas ao cotidiano da cidade.

As narrativas destes sujeitos acerca das práticas espaciais inscreveram locais e pessoas incorporados à pesquisa. Nos meses de novembro e dezembro de 2011, foram realizadas entrevistas com outros sete sujeitos: dois paraguaios, um descendente de paraguaios, três libaneses e uma francesa. As duas etapas, abarcaram, portanto, vinte e quatro atores sociais no universo desta pesquisa, todos residentes em Foz do Iguaçu.

No texto, o elenco de depoentes é mencionado pelos nomes reais ou fictícios respeitando a opção de cada um. Dados complementares de identificação são descritos em notas de rodapé quando estes são referidos pela primeira vez e reproduzidos nas referências das fontes orais junto aos elementos pós-textuais. As falas dos entrevistados estão transcritas em itálico, diferenciadas das citações teóricas.

Os resultados da pesquisa foram organizados em três capítulos. No primeiro, o foco aponta para a Tríplice Fronteira e para a cidade de Foz do Iguaçu, no segundo, a ênfase recai sobre a alteridade dos imigrantes, sujeitos da pesquisa e no terceiro, a relevância é atribuída aos espaços onde são praticadas as relações interculturais dos sujeitos.

*Foz do Iguaçu Poliédrica* é o título do capítulo I que trata das muitas facetas do cotidiano multicultural da fronteira, das práticas interculturais, da condição de descentramento própria dos locais onde coexistem múltiplos pertencimentos. Cenários onde objetiva e subjetivamente são enunciadas e negociadas as condições de existência das diferenças culturais, as designações de identidades e os valores culturais.

O capítulo II, denominado *Cotidiano e Narrativas da Alteridade*, aborda os caminhos da imigração, discute a questão da alteridade, os vínculos, partilhas e pertenças sociais dos imigrantes, suas práticas culturais, as conexões entre os locais de emigração e de imigração, as peculiaridades nos arranjos das famílias imigrantes, as redes sociais de apoio e os vínculos de parentesco, amizade e conterraneidade.

O pertencimento e o deslocamento da memória fortemente expressados nos lugares frequentados pelos imigrantes, os espaços simbólicos demarcadores da presença destes sujeitos e das práticas interculturais que neles se estabelecem, os particulares percursos e itinerários traçados nos usos polissêmicos dos territórios

urbanos e naturais, enfim, as dimensões moventes da existência constituem o enfoque do capítulo III, intitulado *Espaços e Práticas Interculturais*.

## 1 FOZ DO IGUAÇU POLIÉDRICA

O poliedro é uma figura tomada por empréstimo da Geometria para expressar fenômenos que apresentam numerosas faces, interpretações e representações a depender do sujeito que enfoca a matéria e dos ângulos pelos quais o faz. Uma cidade de fronteira é uma sociedade poliédrica. Os poliedros irregulares, aqueles cujas faces além de múltiplas são também diferentes, afiguram-se mais apropriados para retratar Foz do Iguaçu. Usados como metáforas, representam a multiplicidade de culturas, cotidianos, temporalidades e espacialidades. Significam também a interdisciplinaridade onde conceitos e ciências distendem seus significados originários abandonando linearidades ou fronteiras definitivas.

Pela toponímia, a expressão composta Foz do Iguaçu resulta da reunião da palavra *foz* originária do latim, que significa “passagem estreita” com o termo *Iguaçu*, que significa “água grande”, na língua Guarani. Posicionada no encontro dos rios Paraná<sup>3</sup> e Iguaçu, a cidade recebeu o nome de Foz do Iguaçu: *Passagem das Águas Grandes*.



Figura 01: Vista aérea do encontro das águas dos rios Paraná (1) e Iguaçu (2).  
Fonte: Depósito de imagens do fotógrafo Alexandre Marchetti.

Os topônimos são as expressões comprobatórias da tese de que a história dos vocábulos move-se contiguamente à história sociocultural do grupo que ocupa o

---

<sup>3</sup> Paraná, palavra guarani para enunciar “parecido com o mar”.

espaço geográfico nominado. Especialistas em toponímia nacional afirmam que os nomes próprios dos espaços geográficos brasileiros focalizam originalmente as “línguas da terra”. Somente no século XIX, o idioma português começa a alcançar a hegemonia linguística. De acordo com Freire (2003, p. 15), “[...] no século XVI, não havia um único falante de português na Amazônia, mas em seu território eram faladas cerca de 700 línguas indígenas.”

Aprender as línguas autóctones era necessário ao colonizador para que pudesse conhecer e dominar a terra. Segundo Certeau (1998, p. 216) “todo poder é toponímico e instaura a sua ordem de lugares dando nomes.” Assim considerando, a colonização linguística é resultado de um processo histórico de encontro dos imaginários culturalmente vivenciados pela língua nativa, própria do território e pela língua adventícia, chegada de fora: “uma constituindo os substratos e os adstratos de etnias e falares; a outra, os superestratos de índole civilizatória.” (DICK, 2006, p. 95).

A complexidade relacionada ao lugar e suas representações onomásticas aparece em Certeau (1998, p. 184 a 186) quando argumenta que “os nomes bastam para produzir no lugar o não-lugar que cava aí a lei do outro.” O não-lugar se situaria em oposição ao lugar identitário e histórico no seu sentido ou significado primário, original. A expressão ágrafa Iguaçu, por exemplo, anatomizada pelo “outro”, o colonizador, recebeu representação gráfica e significados distantes do original.

Para a maioria das pessoas que visitam Foz do Iguaçu e para muitos dos seus moradores, tal denominação, quando muito, é explicada como: a cidade designada pela foz de um rio de nome indígena. Cabe ressaltar ainda, que o rio foi nomeado por práticos. Os praticantes dos rios movimentavam-se no chamado por Bhabha *entre-lugar* – espaço social vivido em situação de fronteira – já que na condição de condutores de embarcações não eram nem nativos, nem colonizadores, embora estivessem, frequentemente, a serviço dos colonizadores.

Os significados do Rio Iguaçu são outros para o jovem de 22 anos Rodrigo<sup>4</sup>, residente em Foz do Iguaçu desde 2001, ocasião em que chegou do Chile:

*Eu gosto bastante de ir pro Rio Iguaçu, para a prática de esporte. É um lugar que você sai um pouco da rotina do dia a dia de ônibus e*

---

<sup>4</sup> Rodrigo Andrés Molina Quijada, natural de Concepción, Chile, 22 anos, residente em Foz do Iguaçu-PR há uma década. Atua no ramo de turismo, é estudante universitário de Comunicação Social: Publicidade e Propaganda. Entrevista gravada em 26.11.2010.

*carro, poluição. Você vai para um lugar mais puro, que é só contato com a natureza. Parece que você entra no rio e já lava a alma. A gente pratica wakeboard, a lancha puxa e um vai com uma prancha atrás, vai pulando e essas coisas assim. Se desse pra mim, iria todo dia – pratico uma vez por semana, uma vez a cada duas semanas, quando dá uma folga aqui (no trabalho).*

A enunciação *sair da rotina* manifesta a necessidade de afastamento do trabalho e dos espaços urbanos. Já entrar no rio, deslizar sobre ele, estar em contato com a natureza treinando *wakeboard* é o mesmo que *lavar a alma*. Dos sentidos atribuídos pelos primeiros seres humanos nos contatos com as águas do Rio Iguaçu aos nexos adotados atualmente, a exemplo da prática de esportes radicais apreciada por Rodrigo, sucederam-se diferentes pessoas e grupos a estabelecerem práticas e significá-las de acordo com interesses e circunstâncias específicas.

A expressão hidrotponímica de base indígena *Foz do Iguaçu*, se aproxima, à primeira vista, de uma espécie de oximoro já que água grande correndo em passagem estreita não sugere uma boa combinação, perigando transbordar e inundar, considerando a noção de combinação associada à estabilidade, proporção e simetria imperativa em tempos da chamada por Bauman *modernidade sólida*. Por outro lado, em tempos de *modernidade líquida*<sup>5</sup>, a ideia de transbordar, verter, espalhar, indicando contraste, intensidade e impetuosidade marcam a ambiguidade como condição intrínseca aos elementos que, nesta visão, passam a combinar não somente por semelhanças, mas também por diferenças. O jovem no rio, lavando a alma, ilustra este transbordamento. Os sentidos foram alargados distanciando-se dos sentidos originários.

O poliedro não está escrito nos espaços naturais e urbanos, públicos e privados, discretos ou monumentais da cidade, mas nas experiências vividas em tais espaços relacionais e revividas nas memórias narradas por pessoas como Rodrigo.

---

<sup>5</sup> Bauman utiliza o termo *modernidade líquida* para referir-se à contemporaneidade e para assinalar as diferentes condições de vida deste período em relação ao período moderno ou *modernidade sólida*. Bauman (2007) explica a *liquidez* como “a incapacidade endêmica de nossa sociedade, e de qualquer parte dela, de manter sua forma por algum período de tempo.”

## 1.1 NOTUÁRIO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO

Localizada no extremo Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu faz fronteira com Ciudad del Este no Paraguai e Puerto Iguazú na Argentina. Das nove tríplices fronteiras brasileiras, a também chamada Fronteira do Iguaçu é a mais “conhecida<sup>6</sup>” no país.

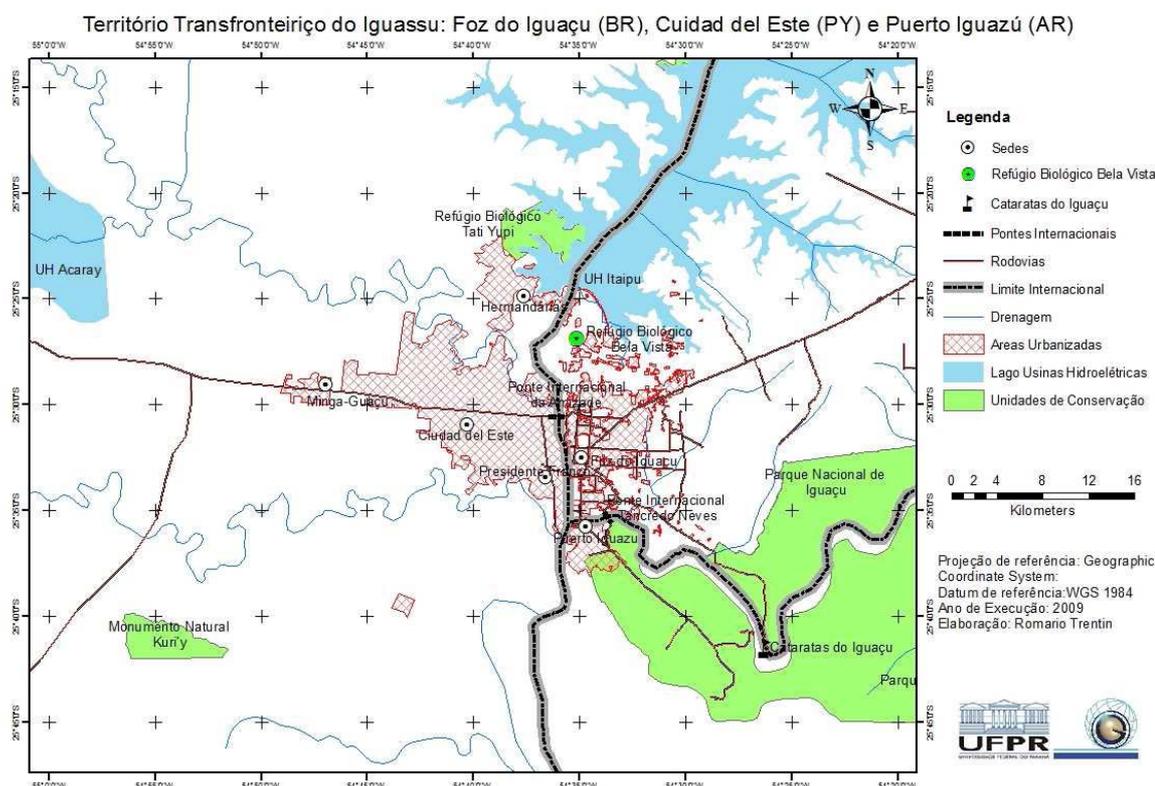


Figura 02: Mapa do Território Transfronteiriço do Iguaçu (versão ampliada, Anexo 1).

Em uma área total de 617,71 km<sup>2</sup>, o território urbano de Foz do Iguaçu está circunscrito a 191,46 km<sup>2</sup>. Envolvida por 69% de área natural, é a pequena urbe – suas gentes, histórias e memórias – que, principalmente nas últimas cinco décadas, vem transbordando para além das águas dos rios Iguaçu e Paraná rumo às urbes vizinhas.

É na fração, hoje denominada Região Oeste do Paraná ou Alto Paraná, que está situada a cidade de Foz do Iguaçu. A primeira narrativa demarcatória da presença de um ser humano cidadão nesta porção de terra é também demarcatória da descoberta da presença dos índios Guaranis. O relato de Álvaro Núñez Cabeza de

<sup>6</sup> A Tríplice Fronteira ou Fronteira do Iguaçu, embora englobe os limites territoriais entre Brasil, Argentina e Paraguai é comumente referida pela mídia para retratar o espaço de fronteira que compreende Brasil e Paraguai, sobre o qual se interpõe a Ponte da Amizade.

Vaca<sup>7</sup> (1492–1558) data de 1541 / 1542 quando ao atravessar o território andando em direção ao Paraguai, o conquistador espanhol registra o testemunho da existência de indígenas nos arredores dos rios Iguazu, Piquiri e Paraná: “[...] eram lavradores e criadores, além de ótimos caçadores e pescadores.” (1999, p. 166).

Segundo José Maria de Brito, cronista da expedição fundadora da Colônia Militar, datada de 1889, “a costa do Rio Iguazu até 72 km acima era ocupada, no momento da fundação, por poucos brasileiros e muitos índios e estrangeiros” (RIBEIRO, 2005, p. 28), no entanto o Oeste do Paraná, aparece na historiografia oficial idealizado como um *vazio demográfico, sertão desabitado* (MARTINS, 1989, p. 18).

A idealização do processo colonizatório inscreve esta região como *terras virgens, deserto de gente, área abandonada*, dentre outros adjetivos imputados ao território. Esta noção ignora a presença das comunidades indígenas como anterior às primeiras frentes de migrantes nacionais, negando a *ancestralidade indígena sobre o território*.

Para os Guaranis, as terras onde emergem as cidades circundantes aos rios Iguazu e Paraná, constituíam uma unidade espacial. O território desses povos originais foi transformado em frações geográficas de três países: Paraguai, Brasil e Argentina.

A história territorial de Ciudad del Este, Foz do Iguazu e Puerto Iguazú foi semeada e cultivada sobre as bases da história do território Guarani, cuja cartografia indígena estava representada pela presença milenar daquele povo e por sua organização social, política, cultural e religiosa. Apesar das fronteiras demarcadas pelos *Karai*<sup>8</sup> e das comunidades dizimadas pelo genocídio, o mapa Guarani *Retã*<sup>9</sup> (2008) demonstra que vivem hoje quase 100 mil pessoas distribuídas em aproximadamente quinhentas aldeias nos três países (GRÜMBERG, 2008).

---

<sup>7</sup> Álvaro Núñez Cabeza de Vaca era governador e capitão-geral da província do Paraguai e Rio da Prata. Segundo Rosana Bond (1998), Cabeza de Vaca não teria realizado a primeira travessia do atual estado do Paraná, teria seguido os passos de Aleixo Garcia, náufrago português que, 20 anos antes, partiu de Florianópolis e percorrendo o Caminho do Peabiru, atravessou o Paraná, descobriu o Paraguai e atingiu o Alto Peru.

<sup>8</sup> Branco-estrangeiro pela língua Guarani.

<sup>9</sup> Versão digital disponível na Internet: [http://www.campanhaguarani.org.br/pub/publicacoes/mapa\\_guarani\\_reta.pdf](http://www.campanhaguarani.org.br/pub/publicacoes/mapa_guarani_reta.pdf).

**Povos Guarani\***

	Argentina	Brasil**	Paraguay	total
<b>Mbyá</b>	5.500	7.000	15.000	27.500
<b>Ava-Guarani Ñandeva</b>	1.000	13.000	13.200	27.200
<b>Pãi Tavyterã Kaiowá</b>	0	31.000	13.000	44.000
<b>Aché</b>	0	0	1.200	1.200
<b>total</b>	<b>6.500</b>	<b>51.000</b>	<b>42.400</b>	<b>99.900</b>

\*A cifra não inclui a população urbana \*\* Em todo o Brasil

Figura 03: Tabela Povos Guarani.

Fonte: Publicação explicativa do mapa Guarani *Retã*.

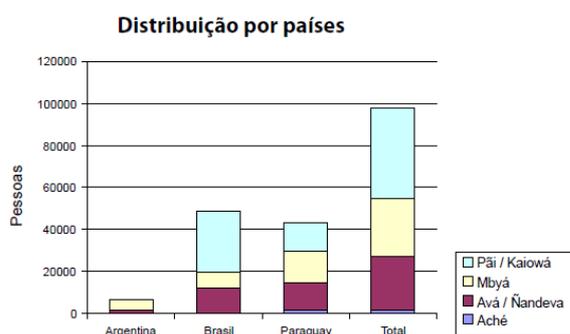


Figura 04: Gráfico de distribuição por países.

Fonte: Publicação explicativa do mapa Guarani *Retã*.

A colonização linguística cultural desta Tríplice Fronteira teima em construir identidades, todavia elas resultam de referências relacionais orientadoras individuais e coletivas, construídas historicamente, numa espécie de saber praticado pela população. A organicidade deste conhecimento permite ao povo produzir, ao longo do tempo vivido, o mapeamento social, emocional, cognitivo e cultural do lugar que transforma-se – através das representações e sentidos traçados nos deslocamentos particulares e partilhados – em *espaço existencial* (Merleau-Ponty) “lugar de uma experiência de relação com o mundo de um ser situado em relação com o meio.” (AUGÉ, 2003, p. 75).

Por outro lado, como ensina Certeau (1998, p. 189), “os lugares vividos são como presenças de ausências, aos quais estamos ligados pelas lembranças. São histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro.”

Os territórios são cenários de sociabilidades onde paisagens imaginadas ao serem construídas, constroem outros imaginários e, mesmo se destruídas, se reconstituem como paisagens imaginadas que inquietam memórias de sujeitos que, materialmente ou imaterialmente as reinventam e recompõem.

Enquanto Guaranis, nativos das cidades fronteiriças, estrangeiros nelas radicados e turistas fizerem deste, um lugar de passagens e de paragens, haverão mapas poéticos cujos traçados leves, sinuosos, enigmáticos e sedutores confrontarão as linhas duras, fixas e insistentemente intransponíveis da cartografia oficial. A este ponto, recorro as palavras de Bauman (2003) em entrevista à Folha de S. Paulo, quando questionado sobre o que aprendeu com o escritor e poeta argentino Jorge Luiz Borges:

Acima de tudo, aprendi sobre os limites de certas ilusões humanas: sobre a futilidade de sonhos de precisão total, de exatidão absoluta, de conhecimento completo, de informação exaustiva sobre tudo; sobre as ambições humanas que, no final, se revelam ilusórias e nos mostram impotentes. Lembremos, por exemplo, do conto de Borges que fala sobre o mapa: o sonho do mapa exato que acaba ficando do mesmo tamanho da própria coisa mapeada e, portanto, sem nenhuma utilidade.

Ainda que hoje sejam poucas as tribos indígenas mantendo relativo isolamento, a miscigenação se encarrega de lembrar aos observadores mais atentos que a origem do povo guarani está presente no biótipo, sincretismo linguístico, religioso e cultural dos seus descendentes urbanitas. Também, fragmentos da cultura guarani estão perpetuados na infinidade de ruas, praças, bairros, monumentos e estabelecimentos comerciais nomeados na língua guarani, sendo a Usina Hidrelétrica Itaipu Binacional uma das mais expressivas demonstrações desta realidade.

Diz a lenda que um velho cacique indígena, ao escutar o murmúrio do Rio Paraná na pequena ilha situada exatamente à porta da atual barragem, deu-lhe o nome Itaipu, que, em sua língua, quer dizer “pedra que canta”. Nos anos 70, a ilha ficou silenciada para sempre. Seu nome foi dado a mais onerosa e extraordinária obra da engenharia já construída, a Usina Hidrelétrica de Itaipu. [...] De acordo com a mitologia guarani, o Rio Paraná é o lugar onde a música nasceu. Itaipu para os antigos guaranis, significava o som ou o canto das pedras do rio. (RIBEIRO, 2002, p. 22).

Discursos da identidade regional sustentam que os primeiros habitantes brasileiros chegaram nesta região em 1881, embora o marco de ocupação oficial date de 1889 quando foi fundada a Colônia Militar. Nesta ocasião, além dos indígenas, consta nos registros do historiador Romário Martins a presença de 324

peças no território: 188 paraguaios, 93 brasileiros, 33 argentinos, 5 franceses, 2 uruguaios, 2 orientais e 1 inglês. Em 1912, a Vila Iguassu, ex Colônia Militar, distrito de Guarapuava desde 1910, é emancipada e, em 1914, criado o município de Vila Iguçu, instalado oficialmente em 10 de junho do mesmo ano, passando a denominar-se Foz do Iguçu somente em 1918.

Antecede a todo este processo, a proposta do Engenheiro André Rebouças ao imperador, em 1876, para a criação do Parque Nacional do Guairá, mas foi o apelo do aeronauta e inventor Alberto Santos Dumont ao governo do Paraná, em 1916, que resultou na desapropriação da área que pertencia ao uruguaio Jesus Val. Aquele ano é assinalado como o início da implantação do Parque Nacional do Iguçu, inaugurado em 1939. O povoado de pouco mais de duas mil pessoas no começo do século XX, não demoraria muito a ser descoberto por mais e mais brasileiros e estrangeiros interessados, entre outras coisas, em conhecer as exuberantes Cataratas do Iguçu.

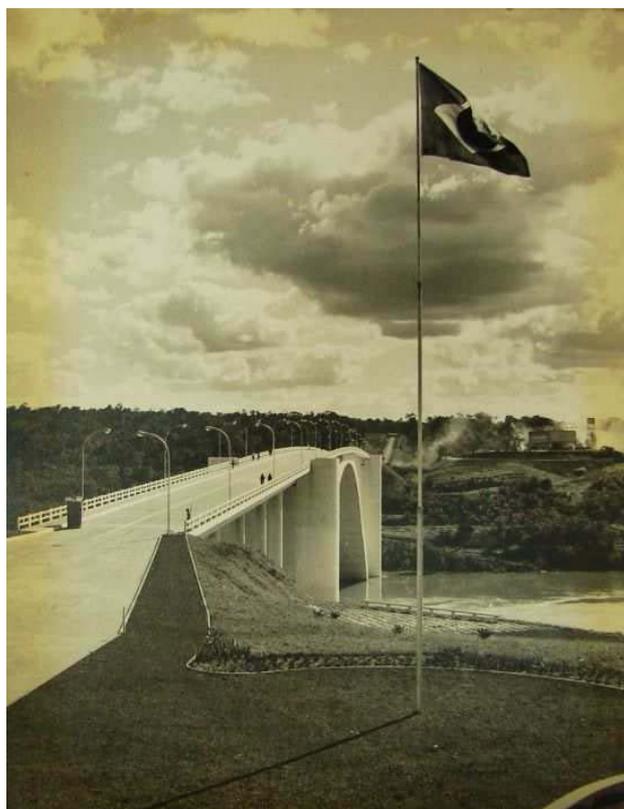


Figura 05: Ponte Internacional da Amizade – 1965.  
Fonte: Álbum de fotografias do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem DNER, reproduzida por Marcos Labanca – 2009 e por Mauro Cury – 2010.

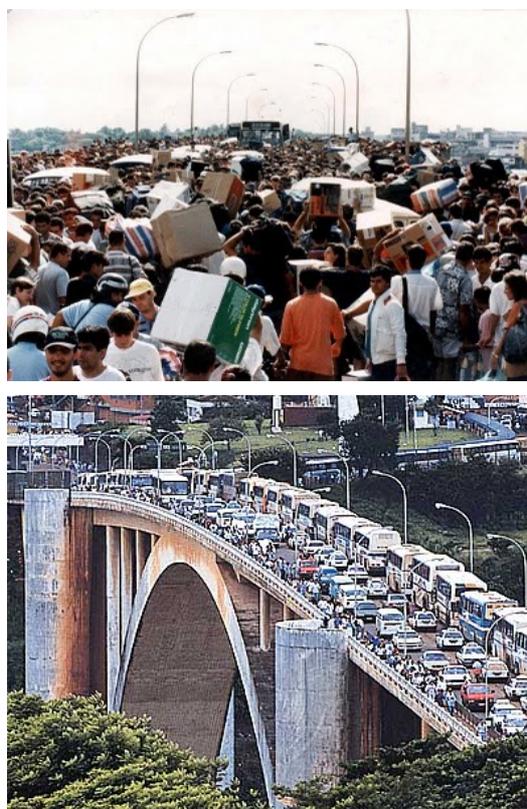


Figura 06: Ponte Internacional da Amizade 1995 (acima), final do ano de 1995.  
Fonte: Fotografia desconhecida.

Figura 07: Ponte Internacional da Amizade 08/04/1998 (abaixo).  
Fonte: Revista Veja – Edição *on line*.

Com a inauguração de Puerto Flor de Lis, no Paraguai, em 1957, cidade que durante a ditadura do Presidente Stroessner levou o seu nome e que, a partir da queda do ditador (1989), passou a denominar-se Ciudad del Este, e com a criação do município Eva Perón, na Argentina, em 1950, denominado Puerto Iguazú, a partir de 1955, consolida-se a institucionalização dos marcos urbanos das três fronteiras.

A construção da Ponte da Amizade, trafegável a partir de 1965, incrementa o acesso entre Brasil e Paraguai, e a inauguração da BR-277, ligando Foz do Iguaçu à Curitiba e ao litoral, em 1969, potencializam os fluxos intermunicipais, interestaduais e internacionais.

Em 1970, os pouco mais de 30 mil habitantes de Foz do Iguaçu começam a acompanhar a espantosa transformação iniciada com as obras para construção da Hidrelétrica de Itaipu. Em 1980, a população da cidade era de 136.320 pessoas, registrando um crescimento populacional de 385% em uma década. Foz literalmente transbordou.

Neste período, Ciudad del Este se estabelece como a terceira maior zona franca de comércio do mundo e a segunda cidade mais populosa do Paraguai, permanecendo assim inscrita até a atualidade.

As duas cidades de fronteira e os municípios lindeiros ao Lago de Itaipu nos dois países, viveram, no período de duas décadas, uma radical mutação das paisagens humana, urbana e natural.

O crescimento desordenado transforma aceleradamente a pequena Foz em cidade média<sup>10</sup>, alterando seus traços urbanos. As mudanças rápidas são percebidas à época e, por muitos, hodiernamente, como invasivas, violentas e descaracterizantes das tradições culturais.

A cidade do interior, tranquila (que Foz do Iguaçu era antes), permanece apenas na memória de seus antigos moradores, visto que a “explosão” populacional, provocada pela construção da usina, bem como o seu crescimento, provocou muita insatisfação em seus moradores. [...] A construção da usina causou um impacto não apenas no espaço físico dos municípios envolvidos, mas também na vida de seus moradores. (RIBEIRO, 2002, p. 56 e 105).

Uma outra cidade foi construída para acomodar um contingente de mais de 80 mil pessoas mobilizadas em torno da usina que, no ápice das obras, atingiu o

---

<sup>10</sup> Termo usado em urbanismo para designar cidades que abriguem de 100 a 300 mil habitantes.

número de 40 mil barrageiros. As vilas “A”, “B” e “C” foram habitadas por trabalhadores de médio, alto e menor poder aquisitivo ou nível de qualificação, respectivamente.

Após a desterritorialização dos moradores das áreas destinadas à Itaipu, a construção das vilas residenciais, projetadas como espaços altamente padronizados e uniformizados, imprimiram uma feição homogeneizadora a esta fração territorial do município, cuja população local, de acordo com Ribeiro (2002, p. 55), resiste a reconhecer como parte integrante da cidade.

Durante a construção de Itaipu, e mesmo atualmente, percebe-se um distanciamento dos trabalhadores de Itaipu com relação à cidade de Foz do Iguaçu e aos seus habitantes. Estes trabalhadores interagem muito pouco com a cidade, não se reconhecendo como parte integrante dela, e vice-versa, pois os habitantes da cidade também não reconhecem as vilas de Itaipu como parte da cidade.

Outras obras foram criadas para consolidar o crescimento local. Em novembro de 1985, a Ponte Tancredo Neves, também denominada Ponte Internacional da Fraternidade, é entregue ao público favorecendo o acesso e as negociações comerciais entre Brasil e Argentina.

Em 1997, foi instituído o Espaço das Américas, sede das negociações destinadas ao fortalecimento das relações entre os países do Mercosul. No mês de dezembro de 2001, é inaugurada a Praça das Nações. Em 2003, é implantado o Parque Tecnológico de Itaipu – PTI, espaço de fomento à educação, pesquisa, turismo e empreendedorismo, voltado ao desenvolvimento da *Região Trinacional do Iguassu*. Em 2010, foi criada a Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA, ambiente multicultural e interdisciplinar cuja estrutura acadêmica é constituída pelo Instituto Mercosul de Estudos Avançados – IMEA, instituição constituída a partir da aprovação do conselho da Universidade Federal do Paraná – UFPR, tutora da UNILA.

Os ares da modernidade sopram como brisa em Foz do Iguaçu até 1970, quando se transformam em ventania. A cidade, a partir de então, passa a conhecer as promessas do progresso capitalista. Ruptura com o passado em nome do crescimento, da liberdade e autonomia urbanas.

Passados trinta anos, no despontar do novo milênio, a vida contemporânea cidadina começa a reclamar as promessas não cumpridas e solicitar diálogos entre

passado e presente. O clima nostálgico evocando um tempo mítico que ecoava como brado nas capitais brasileiras, soava apenas como rumor na nova Foz. Os nomes *amizade* e *fraternidade*, fazem frente a razões cotidianas que fragmentam uma visão de integração. As palavras querem juntar as coisas “quebradas”: Ribeiro disse que as Vilas não faziam parte da cidade.

A primeira década do século XXI marca a história política brasileira. Em 2003, a aliança entre os partidos de coalizão governista leva Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência da República e garante a continuidade do poder presidencial ao Partido dos Trabalhadores – PT até o tempo presente. No mesmo ano, o iguaçuense Jorge Samek é nomeado presidente da Itaipu Binacional pelo presidente Lula, posto no qual se mantém. No ano seguinte, 2004, a formação de uma frente de oposição inédita, apoiada pelas lideranças nacionais do PT, consegue romper com a hegemonia dos políticos da família Silva no município de Foz do Iguaçu. A partir de então, o prefeito Paulo Mac Donald Ghisi permanece no poder até hoje.

Nessa onda de renovação política, a Itaipu ouve e começa a traduzir os rumores e apelos de afirmação identitária da cidade, sonoramente produzindo outros sons. A até então vilã, vislumbra a oportunidade de transformar-se em redentora nas mãos de um filho da terra. Jorge Samek é o primeiro gestor a assumir publicamente os débitos sociais da maior hidrelétrica do mundo com as comunidades de Foz do Iguaçu e dos municípios liminhos ao Lago de Itaipu e a comprometer-se em restituir tal dívida.

Desde então, uma série de investimentos são destinados a este fim, interessando destacar neste estudo aqueles que procuram restaurar equipamentos culturais, “reinventando<sup>11</sup>” costumes e valores da região que envolve a Tríplice Fronteira. Cria-se uma oferta de bens e serviços culturais e pratica-se a comercialização de *tradições inventadas* através da indução do consumo de mercadorias simbólicas.

[...] por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado.

---

<sup>11</sup> A reinvenção das tradições é um fenômeno característico da pós-modernidade e da também reinventada, modernidade tardia ou reflexiva (Anthony Giddens, Ulrich Beck e Scott Lash) que critica a noção de uma única modernidade defendendo a ideia de múltiplas modernidades.

Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (HOBSBAWM, 1984, p. 10).

A ocorrência frequente da invenção de tradições como um fenômeno social está associada a transformações rápidas que enfraquecem ou eliminam “[...] padrões sociais para os quais as ‘velhas tradições’ foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições são incompatíveis” (HOBSBAWM, 1984, p. 13).

O Programa de Artesanato Trinacional Ñandeva, desenvolvido pelo Polo Tecnológico Itaipu – PTI, é talvez um dos exemplos mais emblemáticos desta realidade construída. Ñandeva significa “todos nós” no idioma Guarani. O programa busca o fortalecimento de uma identidade trinacional (na região de fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai) através da inserção de elementos e ícones que remetem à cultura destes povos.

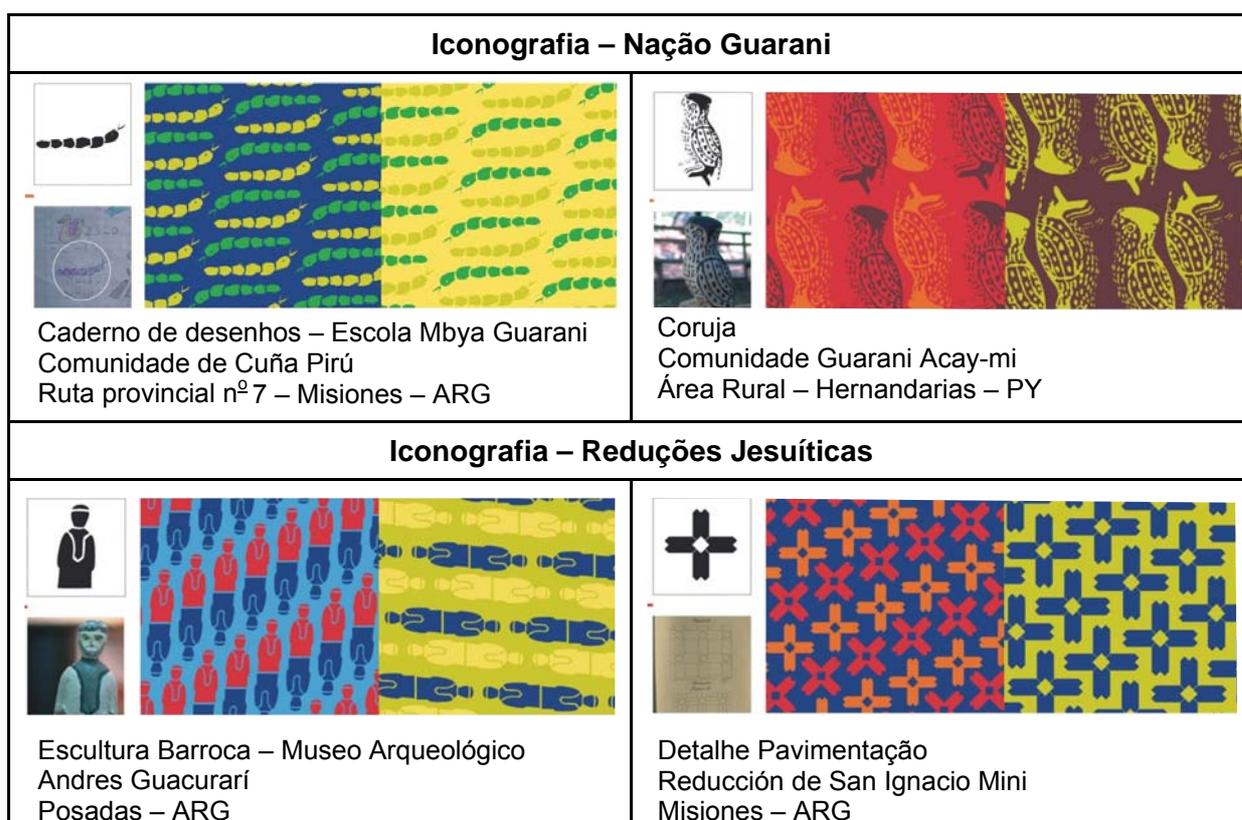


Figura 08: Quadro ilustrativo das iconografias do Programa Ñandeva.  
Fonte: Site Programa Trinacional de Artesanato Ñandeva – [www.nandeva.org](http://www.nandeva.org).

Em 2006, ao modo de uma expedição moderna, o famoso *designer* italiano, radicado em Milão, Giulio Vinaccia, apoiado por antropólogos e historiadores,

coordena uma viagem para realização de pesquisa iconográfica. Em 28 municípios dos três países, a equipe visita aldeias indígenas, museus, matas, rios e prédios. São captadas 5 mil imagens e delas extraídos 350 ícones.

O *site*<sup>12</sup> do programa Ñandeva divulga como objetivo: “disponibilizar os ícones para contextualizar peças artesanais, materiais gráficos e ambientação de espaços com elementos regionais. Com o seu uso assimilado pelos moradores, espera-se fortalecer a identidade regional e agregar um valor cultural adicional à experiência dos turistas que nos visitam”. Ainda, de acordo com o site oficial do Intégral Studio Vinaccia<sup>13</sup>, a missão da empresa italiana é a “mediação entre a cultura e as competências, para desenvolver uma nova consciência nos artesãos: a tradição pode modernizar-se sem perder seu próprio DNA”.

O imaginário urbano idealizado pelos gestores do programa, enquanto tradução, nem sempre corresponde às traduções, sejam elas comuns ou particulares – da comunidade ou do cidadão locais – quanto à história da cidade e região. Bhabha (1998, p. 36) explica que:

[...] a tradução é também uma maneira de imitar, mas num sentido traiçoeiro e deslocante – o de imitar um original de tal modo que a sua propriedade não é reforçada [...]. O “originário” está sempre aberto à tradução, portanto nunca pode ser dito que tenha um momento antecedente, totalizado de sentido ou de ser uma essência. [...] as culturas só são constituídas em relação a essa alteridade interna à sua própria atividade formadora de símbolos que as faz estruturas descentradas e que através deste deslocamento ou liminaridade abre-se a possibilidade de articularem práticas e prioridades culturais *diferentes* e mesmo incomensuráveis.

Dos usos pioneiros às modernas e diferentes funções sociais e políticas dos locais e tradições que compõem a história, travam-se aquecidos embates simbólicos na defesa de interesses de distintos atores sociais. São tempos que ora aterrorizam mentes e corpos obstinados em evitar que o “todo sólido se desmanche”, ora inspiram outras mentes e corpos obstinados em navegar na liquidez e fluidez de uma *modernidade sem ilusões* – tradução de Bauman para *pós-modernidade*.

---

<sup>12</sup> [http://www.nandeva.org/home\\_new2/iconografia\\_tema.php?l=pt](http://www.nandeva.org/home_new2/iconografia_tema.php?l=pt)

<sup>13</sup> [http://www.vinaccia.it/social\\_projects/mission.html](http://www.vinaccia.it/social_projects/mission.html)

## 1.2 FRONTEIRAS: ESPAÇOS DE COEXISTÊNCIA

Ao se observar a vista noturna do alto de um dos hotéis localizados no centro, a cidade parece grande, considerado o alcance das luzes contornadas pelo horizonte escuro. No entanto, o limite de Foz esta mais ou menos ao meio entre o local de observação e o início do horizonte escuro. A outra metade iluminada é Ciudad del Este no Paraguai. Não fosse pela fenda negra do Rio Paraná demarcando territórios, tudo pareceria uma só cidade.



Figura 09: Vista aérea Fronteira Brasil-Paraguai.  
Fonte: Agência Estadual de Notícias – AEN.

Associada à face deslumbrante da paisagem natural e da paisagem tecnológica, corporificadas nos atrativos Cataratas do Iguaçu e Itaipu Binacional, está a contrastante face estarrecedora do crime, ilegalidade e impunidade que constituem a imagem contundente pela qual a Fronteira do Iguaçu é conhecida local, nacional e internacionalmente.

Contrabando de mercadorias, tráfico de drogas, armas, pessoas (menores e adultos) e animais silvestres, sequestros, violência, roubo de veículos, estelionato e extorsão são algumas das ocorrências criminosas registradas na fronteira. Alinhados a esse estado de imoralidade, corrupção e licenciosidade, vivem nas cidades da

fronteira, políticos, magistrados, policiais, empresários e opinólogos dentre outros pseudoprofissionais que ganham a vida promovendo a sustentação do crime.

A Ponte da Amizade e o centro comercial de Ciudad del Este são frequentemente retratados nos depoimentos de muitas autoridades e formadores de opinião, como espaços de aglomeração disforme onde amontoados de consumidores circulam em edificações construídas sem a menor preocupação estética ou com regras de ordenação urbana, beneficiando-se das vantagens próprias do que costumam chamar de comércio ilegal. Muitos adeptos desta enunciação são consumidores regulares dos estabelecimentos comerciais de Ciudad del Este, o que denota que a sensibilidade ética e estética, manifesta no discurso proferido pelos opinantes, é fraca e pusilânime, diante dos sedutores apelos ao consumo. Trata-se de uma retórica preposicional e de uma prática, a ela visivelmente contraditória, em que a execrada, ilícita e injustificável imoralidade encontra asilo na amoralidade atuando, neste caso, como expressão de conveniente “neutralidade”.

Apesar deste cenário, largamente projetado pelos telejornais, os turistas sucumbem à irresistibilidade das exuberantes Cataratas do Iguaçu, à monumental Usina Hidrelétrica de Itaipu e aos apelos para o consumo no comércio de Ciudad del Este e continuam a transitar anônimos pelas ruas da cidade como matizes da paisagem.

A Ponte da Amizade, localizada na fronteira entre Brasil (Foz do Iguaçu) e Paraguai (Ciudad del Este), veiculada como o *locus* do crime, parece, também, afetar pouco o cotidiano da população local: pesquisa realizada em 2008 e 2009, pelo Instituto de Pesquisa Aplicada Ethos para a Rede Paranaense de Televisão, divulgou que 72% dos jovens de 18 a 24 anos “consideram que uma coisa boa de Foz do Iguaçu é poder fazer compras no Paraguai” e 75% da população pesquisada<sup>14</sup> encara a compra de mercadorias do Paraguai para venda no Brasil como um trabalho normal.

Acerca do referido descompasso entre mensagens de advertência e práticas que parecem ignorá-las, Rabossi (2004, p. 27) refere:

---

<sup>14</sup> A pesquisa consistiu em 800 entrevistas face a face entre 29.10 e 18.11.2008, com amostra representativa da população entre 16 e 75 anos e cotas proporcionais por gênero, faixa etária e região da cidade.

Há uma inadequação entre o retrato da insegurança e ilegalidade e aquilo que se faz e incentiva naquele espaço fronteiriço. Não estou dizendo com isso que o que aparece como objeto das denúncias não ocorra ou que seja invenção dos meios de comunicação ou de funcionários interessados. O ponto que quero assinalar é outro. Que, antes que nada, as denúncias que informam o retrato da Tríplice Fronteira operam em função de modelos de ordem e de lei que talvez não sirvam para pensar o funcionamento efetivo da lei nem as atividades que se desenvolvem na fronteira. As inconsistências e contradições entre as agendas políticas e as agendas econômicas que emergem nesses retratos derivam de modelos contraditórios sobre o que é o mercado e o estado, a legalidade e o desenvolvimento econômico. Por isso é necessária uma abordagem que não assuma como ponto de partida as definições que informam esses retratos, mas sim que as incorpore como parte do universo a ser analisado.

O autor salienta os limites dos oficiais modelos de ordem e de lei para interpretar a fronteira. O poliédrico da cidade permite abordar e perceber a intertemporalidade operando nos multifários fazeres-viveres dos sujeitos praticantes do cotidiano de fronteira, cujas identidades manifestam-se como híbridas, dinâmicas e móveis.

Foz é depositária de riquezas que não estão adstritas aos limites geográficos da cidade: as Cataratas do Iguaçu são patrimônio natural da humanidade, a Usina de Itaipu é investimento tecnológico binacional e os coletivos de diferentes nacionalidades são patrimônio cultural transnacional. As categorias constituintes da tradicional noção de Nação ou território nacional (povo, jurisdição, idioma, hábitos, religião, tradição e consciência nacional) nesta porção do Brasil são, portanto, de difícil enquadramento.

O século XX, anunciou novos entendimentos para conceitos e categorias, reconsiderando concepções importantes construídas no período moderno, a exemplo de cultura, identidade e nação. Diante do declínio das tradicionais<sup>15</sup> visões de cultura como conjunto de padrões ou de mecanismos de controle; das noções fixas e estáveis de identidade cultural; e da imagem de nação como unificadora, ordenadora e normatizadora de culturas e identidades contidas no território nacional, despontam as ideias<sup>16</sup> de *cultura* como sistema dinâmico e intercambiável de símbolos, significados e sentidos; de identidades abertas, contraditórias, móveis,

---

<sup>15</sup> Tradições criadas e recriadas pela modernidade.

<sup>16</sup> Clifford Gueertz, Homi Bhabha, Stuart Hall, Néstor García Canclini, Pierre Bourdieu, Michel Maffesoli, Salman Rushdie, Edward Said, Talal Assad, Eric Hobsbawn, Ernest Gellner, Benedict Anderson e Gilles Deleuze.

fragmentárias, híbridas ou traduzidas; e de descentramentos ocidentais a interpelarem progressiva e continuamente a artificialidade dos fundamentos de nação.

Estes novos entendimentos permitem que regiões de fronteira, habitadas por migrantes nacionais e internacionais, possam ser pensadas numa perspectiva includente, integrada, na qual suas particularidades ou peculiaridades representem, no tempo presente, práticas ordinárias, embora eventuais.

Às fronteiras móveis, marcadas pela indeterminação de limites, correspondem a temporalidades múltiplas e contraditórias.

Os libaneses Mustapha<sup>17</sup> e Alex<sup>18</sup> e o argentino Carlos<sup>19</sup> ao abordarem a questão da experiência de deslocamento, referem temporalidades contrastantes entre os locais de emigração e de imigração:

*O país (Líbano) é muito antigo, isso vem de uma história de 1,5 mil ou 2 mil anos. Então, ficou fechado, aqui (Brasil) não, ainda está aberto, ainda está em crescimento, em desenvolvimento, todo dia tem coisa nova (Mustapha).*

*Nós voltamos ao Líbano e achamos as pessoas que deixamos lá do mesmo jeito que estavam, enquanto aqui no Brasil corremos, trabalhamos, não economizamos nem tempo nem trabalho para fazer a vida (Alex).*

*De você não estar todos os dias lá (La Plata), então vai mudando tudo. Eu tinha amigos lá e os amigos já não são mais como antes. Depois da mudança, não é mais essa união. Aqui (Foz do Iguaçu), de um ano para outro muda, coisa nova, lá, 30 anos depois não muda nada. Não tem mudanças radicais. Mudou pouco, parece que parou no tempo. Eu não me sinto bem (Carlos).*

As narrativas localizam a biografia desses imigrantes – sincronia – interpondo-se e sobrepondo-se à história das estruturas sociais – diacronia – dos

<sup>17</sup> Mustapha Abdul Razzak Ghaziri, natural de Beiruti, Líbano, 57 anos, radicado no Brasil há 31 anos, morou em Sobradinho-DF, Anápolis-GO, Planaltina-DF, São Paulo-SP e Uberlândia-MG e está em Foz do Iguaçu-PR desde 1995. Proprietário de comércio em Ciudad del Este, Paraguai. Entrevista gravada em 01.12.2010.

<sup>18</sup> Alex (nome fictício), natural de Baalu, Vale do Becaá, Líbano, 64 anos, radicado no Brasil há 49 anos, morou em São Paulo-SP, Santa Catarina-SC e está em Foz do Iguaçu-PR desde 1994. Proprietário de loja de confecções em Foz do Iguaçu. Entrevista gravada em 22.03.2011.

<sup>19</sup> Carlos Alberto Rizi, natural de La Plata, Argentina, 67 anos, radicado no Brasil, em Foz do Iguaçu-PR, há 32 anos. Proprietário de oficina mecânica em Foz do Iguaçu. Entrevista gravada em 03.12.2010.

locais de procedência. As críticas expressadas aos sistemas monológicos dos locais de emigração são traduções produzidas a partir das suas histórias de imigração.

Estrangeiros não se portam como locais ou nacionais, estão presentes como são, participando a sua maneira da coletividade. As experiências vividas, concreta e simbolicamente, em diferentes sítios constituem repertórios biográficos por eles manejados e adaptados para atender aos limites e possibilidades de compreensão de cada comunidade receptora, minimizando os impactos interculturais. Contudo, os embates e estranhamentos decorrentes destas novas sociabilidades dependerão dos diferentes níveis de resistência de indivíduos e comunidades em relação às diferenças .

As palavras de Bauman (2001, p. 111) sobre o encontro de estranhos nos espaços públicos da cidade, contribuem para esclarecer essa questão:

Estranhos têm chance de se encontrar em sua condição de estranhos, saindo como estranhos do encontro casual que termina de maneira tão abrupta quanto começou. Os estranhos se encontram numa maneira adequada a estranhos; um encontro de estranhos é diferente de encontros de parentes, amigos ou conhecidos [...] uma história para “não ser continuada”, uma oportunidade única a ser consumada enquanto dure e no ato, sem adiamento e sem deixar questões inacabadas para outra ocasião.

A região Brasil-Paraguai-Argentina, corresponde a sistemas inter e transnacionais permeáveis, cuja plasticidade social se faz nas relações entre pessoas e culturas em constantes e descontínuas deslocamentos no interior e no cruzamento de três estados nacionais demarcados por fronteiras voláteis, difusas e intrigantes, literalmente líquidas e fluidas, difíceis de serem percebidas como sólidas, fortes, firmes e inabaláveis. Aqui os “estranhos” se encontram e inventam formas de ritualizar-se enquanto tais, ocupando espaços e representando identidades nas trocas interculturais.

Os estranhos são estes personagens que sobrepõem imagens de um ontem – fundadas em costumes partilhados com iguais nos lugares de procedência – cujos elementos reagrupados, no presente, em um novo arranjo, transbordam significâncias nesse também novo espaço social, a fronteira.

A Fronteira do Iguaçu é como refere Bourdieu (2003, p. 11), um desses *lugares difíceis de descrever e de pensar*, sendo necessário”:

[...] substituir as imagens simplistas e unilaterais (aquelas que a imprensa veicula), por uma representação complexa e múltipla, fundada na expressão das mesmas realidades em discursos diferentes, às vezes inconciliáveis; e, à maneira de romancistas como Faulkner, Joyce ou Virgínia Woolf, abandonar o ponto de vista único, central, dominante, em suma, quase divino, no qual se situa geralmente o observador e também seu leitor, [...] em proveito da pluralidade de suas perspectivas correspondendo à pluralidade dos pontos de vista coexistentes e às vezes diretamente concorrentes.

As pontes erguidas sobre os rios Paraná e Iguazu representam ao mesmo tempo conexão e limite, demarcando a notável ambiguidade formal, estrutural e legal das chamadas fronteiras fluviais que converteram em mitos as noções de fronteiras naturais e de indivisibilidade dos rios. No centro das pistas das denominadas Ponte da Amizade e Ponte da Fraternidade, linhas demarcatórias assinalam a soberania dos Estados.



Figura 10: Divisa entre Brasil e Argentina, Ponte da Fraternidade.  
Fonte: Foto de Willyam Ribeiro Reis.



Figura 11: Divisa entre Brasil e Paraguai, Ponte da Amizade.  
Fonte: Foto de Leonardo Pachel (maio/2009).

Frequentemente imagens de lugares, pessoas, plantas ou coisas, porque dotadas de relativa objetividade formal, são usadas como metáforas, figurações ou símbolos para ilustrar substâncias contidas nas representações textuais ou orais. Tal é o caso da flor-de-lis para nomear a cidade paraguaia e da atriz e líder política Evita Perón para nomear a cidade argentina, ambas referidas anteriormente. A seguir, o exercício inverso convoca e inscreve o significado histórico de amizade e fraternidade como metáfora para interpretar os ícones urbanos: Pontes da Amizade e da Fraternidade.

O vocábulo amizade provém do latim *amicitate* e significa sentimento de afeição, simpatia, estima ou ternura entre pessoas que geralmente não são ligadas por laços de família ou por atração sexual, camaradagem entre grupos ou entidades, pessoa amiga, amigo, vinculação de caráter exclusivamente social, acordo, aliança, união (FERREIRA, 1986).

Segundo Nietzsche (1844–1900) sublinhado por Ortega (2009, p. 49), “os gregos foram os únicos entre todos os povos a possuir uma discussão filosófica profunda, múltipla sobre a amizade.” Historicamente, a amizade está envolvida por uma aura de familiaridade, proximidade, intimidade, cumplicidade, reciprocidade, fidelidade, estabilidade, harmonia e confiabilidade que privilegia a homogeneização e a padronização. Associar amizade aos ideais de igualdade e fraternidade é uma prática que remonta à Grécia Antiga.

Na obra *Ética a Nicômaco*, Aristóteles (384 a.e.c.–322 a.e.c.) trata a amizade como uma questão ligada à experiência prática assinalando que é através da amizade que se articula a relação entre a ética e a política. Refere três tipos de amizade: útil, prazerosa e virtuosa. A amizade virtuosa, considerada a mais perfeita das amizades, somente é possível de ser experimentada pelos cidadãos da pólis, partilhada entre os bons e iguais na virtude. O filósofo estende a importância da amizade às relações entre os Estados ao afirmar que:

A amizade também parece manter unidos os Estados, e disser-se-ia que os legisladores têm mais amor à amizade do que à justiça, pois aquilo a que visam acima de tudo é à unanimidade, que tem pontos semelhantes com a amizade. (EN VIII, 1, 1155, p. 23).

A palavra fraternidade tem origem no vocábulo latino *frater*, que significa *irmão*, e nos seus derivados *fraternitas*, *freternitatis* e *fraternitate* (FERREIRA, 1986). O verbo fraternizar significa unir-se como irmãos, travar amizade íntima, associar-se, irmanar-se, comungar das mesmas ideias e convicções (HOUAISS, 2009).

A fraternidade toma como laços de amizade, as causas, ideais, experiências e memórias partilhadas por aqueles que vivem próximos. No caso da Tríplice Fronteira, a tradicional noção de amizade e de fraternidade, corporificada nas pontes entre os territórios vizinhos, representa a supremacia de uma história comum vivida neste território pelos Guaranis e Jesuítas, cujo vestígio concreto desta ancestralidade relacional são as totêmicas ruínas missioneiras existentes nas três

nações. Trata-se, portanto, de uma anterioridade histórica evocada como lembrança sagrada principalmente nos episódios de crise política, ocasiões em que a memória comum converte-se em poderoso atenuante dos conflitos entre países vizinhos.

Considerando que historicamente os conflitos internacionais são de natureza político-econômica, cabe referir o símbolo do MERCOSUL como mais um emblema demonstrativo e fortalecedor da união entre os poderes da fé e do Estado. Os Estados do Mercado Comum do Sul estão representados na bandeira do MERCOSUL pela constelação Crux, mais conhecida como Cruzeiro do Sul. A palavra *crux*, proveniente do latim, significa cruz.



Figura 12: Bandeira do MERCOSUL.  
Fonte: [www.bandeiras.com.br](http://www.bandeiras.com.br)



Figura 13: Países do MERCOSUL.  
Fonte: [www.correiodobrasil.com.br](http://www.correiodobrasil.com.br)

Maffesoli (2009, p. 33 a 35) cita a sentença de Chateaubriand (1892–1968): “a história da sociedade moderna começa aos pés da cruz” para discutir as influências do Cristianismo no pensamento moderno. Assinala a tensão entre este mundo imperfeito, mau e pouco interessante e o paraíso celeste como a vida promissora que está por vir. O autor ressalta que na “perspectiva agostiniana, trata-se de rebaixar ao máximo a natureza humana a fim de realçar a graça divina.”

Ao referir o apelo à fraternidade universal proferido pelo cristianismo social, no preceito – *o homem foi criado por Deus, à sua imagem e semelhança, e todos os homens são irmãos porque filhos de um único Pai* – Tosi (1999, p. 51) destaca que “o pensamento moderno pode ser considerado como uma ‘secularização’, isto é, uma tradução em termos não religiosos, mas leigos e racionalistas, dos princípios fundamentais da concepção cristã que conferia ao homem uma intrínseca dignidade na condição de criado à imagem e semelhança de Deus.”

É possível constatar que a Ponte da Fraternidade e a Ponte da Amizade, monumentos da engenharia e megaesculturas urbanas, carregam na sua denominação simbólica, representações políticas alinhadas a significados precedentes à Antiguidade, revitalizados no mundo moderno<sup>20</sup>: a fronteira do Rio Paraná atravessada pela Ponte da Amizade é considerada a zona de conflito. Por outro lado, a fronteira do Rio Iguaçu atravessada pela Ponte da Fraternidade é o vértice sossegado do triângulo equilátero demarcado pelos obeliscos (marcos) construídos nas três cidades da fronteira para representar (mais uma vez) a *igualdade, complementaridade e respeito entre as nações*.



Figura 14: Marcos das Três Fronteiras – Argentina, Paraguai e Brasil.  
Fonte: Fotomontagem de Rafael Carvalho.

No entanto, tais representações não são únicas. Convém notabilizar os distintos e prováveis significados atribuídos às fronteiras e suas pontes por tantos outros pensantes, cujos posicionamentos estão negligenciados e, ainda, importa ressaltar que para muitos essa ponte como qualquer outra não passa de, apenas, mais uma obra construída para conectar dois pontos separados por um curso de água. O breve resgate dos significados oficiais e privilegiados de amizade e fraternidade no pensamento dominante da sociedade ocidental moderna, abordado neste estudo, tem a finalidade basilar de discutir o seu lugar como apenas um dentre

<sup>20</sup> De acordo com Eliade (1992), o homem arreligioso mantém o espírito religioso na sua laicidade.

os tantos lugares ocupados pelos milhares de sujeitos vivendo no espaço de fronteira.

Nos discursos tradicionais de amizade, Derrida (1997) questiona a presença central do amigo como irmão, mais precisamente como um “outro eu”, alertando que esta reciprocidade entre sujeitos coincidentes abastece práticas nacionalistas e etnocentristas.

Contraopondo-se a lógica de homogeneização e aos ideais de amizade perfeita e eterna, além de Derrida (1930–2004), autores como Lévinas (1906–1995), Foucault (1926–1984) e Ortega (2009) discutem uma nova “política da amizade” pautada na transposição da ótica familiarista, privilegiando uma *amizade sem lar*, capaz de acolher o outro na sua alteridade.

No amigo, não devemos reconhecer-nos para fortalecer nossa identidade. A relação de amizade poderia desenvolver uma sensibilidade para as diferenças de opinião e de gostos. Somente essa distância, esse agonismo, essa disposição a nos deixarmos questionar em nossas crenças e ideias, a modificarmos nossas opiniões através do relacionamento com o amigo, constituem a base de uma amizade para além da reciprocidade, do parentesco, da incorporação do outro. (ORTEGA, 2009, p. 81 e 82).

O respeito às particularidades estão na base desta amizade de *boa distância* que considera a possibilidade de recriação de singularidades nas relações tidas como renováveis, como espaços dinâmicos de criatividade e experimentação que admitem riscos, assimetrias, instabilidades, ambiguidades e contradições nos diálogos e ações. Autores como Jacques Derrida e Zygmunt Bauman contribuem para o entendimento das fronteiras, demarcadas no mundo moderno, entre polaridades, opostos e contrastes, alertam sobre os efeitos excludentes e segregacionistas dos discursos e práticas fundamentadas nos ideais de homogeneidade.

No processo de *projetar formas de convívio humano* pela *ordem* e pela *pureza*, Bauman destaca seus opostos – o caos, a desordem, a anarquia, a sujeira, o lixo, a imundice – como coisas *fora do lugar*, uma vez que “não são as características intrínsecas das coisas que as transformam em ‘sujas’, mas tão-somente sua localização e, mais precisamente, sua localização na ordem de coisas idealizadas pelos que procuram a pureza.” (BAUMAN, 1998, p. 14).

O contexto da Tríplice Fronteira ilustra a proposição de Bauman: o clima aparentemente tranquilo da Aduana Argentina onde profissionais preocupados com o cumprimento sistemático dos procedimentos necessários para atravessar a fronteira entre Brasil e Argentina garantem a ordem e a segurança, parece representar relações estáveis, harmônicas e confiáveis ilustrativas da elegância diplomática entre “los hermanos”. Já o clima agitado da Aduana Paraguaia por onde todos passam e poucos precisam se identificar, em meio a mistura de sons dos veículos e pessoas, as ruas congestionadas e a poluição do ar e visual, parece representar relações instáveis, assimétricas e de desconfiança, ilustrativas das interdições diplomáticas.

Michel de Certeau (1998, p. 212 a 214) expõe que “a fronteira funciona como um terceiro”, como um espaço entre seus lados, assinalando a natureza paradoxal fundamentada na relação entre “a fronteira e a ponte”: ao mesmo tempo que o rio representa limites e diferenciações, cria a comunicação onde a ponte – “ponto de passagem” – encena contatos.

Por mais que se tente alocar ocidentais cá, orientais lá, brasileiros de um lado, paraguaios de outro, argentinos em determinado ponto, brasileiros noutro, ou ainda – tomando a cidade de Foz do Iguaçu como ponte – argentinos em uma extremidade e paraguaios na extremidade reversa, o terceiro é o resultado inevitável desses cruzamentos interculturais. O libanês Mustapha, ao ouvir a pergunta: como foi a chegada no Brasil? Responde:

*Foi maravilhosa. Foram os melhores dias e anos da minha vida. Eu vim com 27 anos para o Brasil. Fico emocionado. Fui muito bem recebido em Sobradinho, onde fiquei pelos amigos, pelo povo. Foi bem acolhedor. Planaltina, era pequena na época, hoje é muito grande, a colônia é muito pequena, mas o povo brasileiro que mora ali, tem muita gente do nordeste, tinha um pouco de gaúcho por causa da soja, eu me sentia tão bem, maravilhado, e sempre eu falava, quando alguém perguntava “você é de onde?” eu tinha prazer em responder que “era de Planaltina”. [...] Aqui (Foz do Iguaçu) eu também gosto, adoro essa cidade, senão eu teria ido embora. [...] A gente não falava em voltar para o Líbano, mas voltar para Uberlândia, onde vivemos bons momentos, sabe, anos bons, só tem lembrança boa. Mas já acostumei aqui, ela (Leila, a esposa) também, aqui temos raiz, temos os filhos, os netos, não vamos largar eles pra voltar pra Uberlândia. [...] Por isso te falo que não me sinto estrangeiro.*

No Brasil, ao referir Sobradinho, Planaltina, Uberlândia e Foz do Iguaçu, Mustapha evidencia múltiplos pertencimentos incorporados à biografia em uma terceira condição – a de imigrante. Na narrativa, é perceptível a importância atribuída às pessoas perpassando e sobrepondo-se aos territórios. Ao afirmar que não se sente como estrangeiro, Mustapha não nega a identidade libanesa e nem afirma ser brasileiro, percebe-se como imigrante. As convivências dinâmicas e circunstanciais próprias dos seus deslocamentos, articuladas na sua fala, permitem refletir sobre os sentidos da alteridade. Esta articulação destitui a exterioridade, personificada dupla e contraditoriamente no imigrante – estrangeiro e excluído – como a única face da alteridade, à medida que expõe a interioridade como mais um dos semblantes da alteridade, agora personificada no imigrante que não se sente nem estrangeiro, nem excluído, incluído, portanto, na sua alteridade. Logo, a distinção, ora entendida como inerência, indica as ambiguidades mesmo-outro, nativo-estrangeiro, identidade-alteridade e interioridade-exterioridade como categorias plurinominais cujos binômios denotam sua natureza plural, aberta, movente e gradiente, representada no terceiro como o lugar da compreensão pelas traduções.

As pessoas são realidades constitutivas das cidades, caminhantes instigadamente convocados pelos tantos lugares e tempos da região de fronteira que ao serem desvelados em suas marchas, são também transformados em *espaços* (CERTEAU, 1998). As maneiras de praticar a experiência urbana, as *artes de fazer* anatomizam-se de acordo com as necessidades, vontades, desejos, intenções individuais dos sujeitos, manifestas nos manejos, negociações, manobras e artimanhas por eles praticados no enfrentamento diário dos limites reais e imaginados acerca dos códigos estabelecidos.

Os significados negociados correspondem a novas formas de interpretar a cidade e as vidas nela vividas, resignificando trajetórias sociais. Nesta dinâmica, reunir infinitas experiências justapostas e interpostas é o destino das cidades e dos cidadãos, ambos em constante relação e mutação, destino esse potencializado nos espaços de fronteira.

Nesta paisagem de profunda incerteza, os argentinos Carlos e Enrique<sup>21</sup>, a descendente de paraguaios Elisabeth<sup>22</sup> e a descendente de libaneses Leila<sup>23</sup> foram convidados a falar sobre amizade:

*As pessoas vêm (imigram) não pela amizade que podem ter. Eu tenho somente um amigo que é brasileiro, mas não vem todo dia em nossa casa. Às vezes nos reunimos, comemos um pedacinho de carne. [...] Sim, eu tenho que me enturmar, mas não é uma coisa de todos os dias. Como eu trabalho, tenho mais amizades na oficina. Mas eu não convido para comer na minha casa, nem eles, na deles (Carlos).*

*Tem também vários estrangeiros aqui, tem argentinos que nós temos amizades. A maioria de nossas amizades é com brasileiros. Como professor de música eu tenho alunos chineses, libaneses, argentinos, árabes. Todas as nacionalidades, que é um dos pontos fortes da fronteira (Enrique).*

*Tenho amigos árabes. Eu trabalhei muito tempo com árabes também né. O meu primeiro emprego aqui em Foz, quando comecei a trabalhar com 16 anos, foi com árabes. Até hoje eles são meus amigos, a gente convive bem. Daí eu fui trabalhar no Paraguai também e lá quatro anos eu trabalhei com árabes.*

*Nossa, eles são muito bons. Tem muita gente que fala: árabe é assim, árabe é aquilo. Eu não tenho nada para reclamar. Muito pelo contrário. Porque eles foram muito bons comigo, me tratavam como se eu fosse da família.*

*Meu primeiro emprego foi com eles. Então com eles eu aprendi muita coisa, aprendi a trabalhar com eles. Eu trabalhei dois anos como vendedora. Os filhos do dono, eles me tratavam como se fosse irmã deles. A gente brincava. Nossa, era muito bom.*

*Depois, voltei a trabalhar no comércio, mas com brasileiros. Trabalhei um bom tempo, daí eu fiquei desempregada e tive que ir pro Paraguai. Trabalhei novamente com árabes, quatro anos com um patrão só, mais um ano com outro patrão, árabe também. Eram muito bons comigo. Almoçava com eles como se fosse da família. Tomava café da manhã como se fosse filha deles. Era só eu de mulher no meio deles e eles me respeitavam muito. Eu não tenho nada, nada o que reclamar deles (Elisabeth).*

*As minhas amigas mais próximas são brasileiras, de origem não árabe. Nem tataravó árabe (como descendência), pode ser italiana, portuguesa, não sei a descendência certa. São brasileiras, amigas*

<sup>21</sup> Enrique Elizeu Valdovino, 44 anos, natural de Ovella Negra, Buenos Aires, Argentina, radicado no Brasil, em Foz do Iguaçu-PR, há duas décadas. Professor de piano. Entrevista gravada em 02.03.2011.

<sup>22</sup> Elisabeth Rivas, 40 anos, natural de Foz do Iguaçu-PR, filha do paraguaio Valois Rivas. Trabalha em empresa de exportação em Foz do Iguaçu. Entrevista gravada em 04.12.2010.

<sup>23</sup> Leila Hawi Ghaziri, 54 anos, natural de Anápolis, Goiás, filha de pais libaneses – dos sete filhos do casal, quatro nasceram no Brasil. Esteve no Líbano pela primeira vez aos 16 anos, conheceu Mustapha com quem se casou 3 meses depois. Moraram em Beirute por 7 anos. Radicada no Brasil há 31 anos, morou em Anápolis-GO, Planaltina-DF, São Paulo-SP e Uberlândia-MG. Reside em Foz do Iguaçu-PR desde 1995. Dona de casa. Entrevista gravada em 01.12.2010.

*minhas, do meu curso de francês, onde as conheci, da academia que frequento, e vizinhas aqui do prédio (Leila).*

Os depoimentos dos sujeitos revelam que os significados de amizade entre pessoas e povos da Tríplice Fronteira transbordam impetuosamente os signos e os imaginários dogmáticos de amizade inscritos nas matrizes do pensamento dominante, contrariando os fundamentos familialistas ao expressarem alteridades possíveis. Eles vão para além dos controles. Residem exatamente nas estratégias dos sujeitos.

### 1.3. MULTICULTURALIDADE

As perspectivas multiculturalistas são o ponto de partida para a discussão da diversidade em Foz do Iguaçu. O excerto a seguir versará sobre alguns conceitos contributivos para o estudo conceitual da multiculturalidade em precedência ao exame das questões interculturais.

Semprini (1999, p. 8) assinala que o multiculturalismo surge como um importante indicador da crise do projeto da modernidade. Parte do pressuposto de que ele “[...] ilustra e encarna a profunda mutação atualmente em curso nas sociedades pós-industriais. O desenvolvimento das instâncias individualistas, o peso dos fatores socioculturais e a importância da circulação do sentido no espaço social transformam-se em fatores de crise do espaço público político tradicional.”

O Relatório do Desenvolvimento Humano 2004 – UNESCO afirma serem todas as nações, hoje, sociedades multiculturais: os quase duzentos países do mundo contêm cerca de 5 mil grupos étnicos.

*Sociedade multicultural* é uma terminologia aplicada à descrição daquelas realidades onde existem vários coletivos culturais diferentes na mesma sociedade. Na qualidade de conceito descritivo, limita-se à constatação.

Da família dos conceitos normativos, o multiculturalismo reúne expressões paradigmáticas empregadas para interpretação das sociedades multiculturais.

Neste sentido, Santos e Nunes (2004, p. 20 e 21) ao tratarem das naturezas descritiva e normativa do tema, explicam que a primeira refere-se à “existência de uma multiplicidade de culturas no mundo, a coexistência de culturas diversas no espaço de um mesmo Estado-nação, e à existência de culturas que se

interinfluenciam tanto dentro como para além do Estado-nação.” Quanto à segunda, referem-se a um “projeto político de celebração ou reconhecimento dessas diferenças.”

As distintas expressões – sociedades multiculturais e multiculturalismo – são inadvertidamente aplicadas como se aduzissem os mesmos significados. Rosas (2007, p. 2) apresenta três diferentes acepções para o conceito de sociedade multicultural:

A primeira é a da existência de diversas nações históricas, com uma língua própria e uma história distinta, na mesma comunidade política. Uma segunda acepção é a da existência de diversas comunidades étnicas geradas pela imigração voluntária ou forçada. Uma comunidade étnica seria marcada pela diferença em termos de língua e/ou religião e/ou usos e costumes. Uma terceira acepção de sociedade multicultural é aquela que expande o conceito de cultura até fazê-lo coincidir com minorias nacionais, imigrantes e outras.

Na primeira abordagem, estariam contempladas as realidades dos países que se tornaram, desde meados do século XX, progressivamente multiculturais porque multinacionais. Na segunda, estariam inclusos os países que apenas recentemente, através da imigração, tornaram-se multiculturais, sociedades poliétnicas.

A respeito da terceira acepção, o autor tece restrições. Afirma que ao estender a multiculturalidade aos “movimentos sociais” – feministas, gays e lésbicas, movimento de libertação dos negros, dos índios, dentre outros – alguns autores, como Iris Marion Young<sup>24</sup> (1949–2006), limitam o conceito de cultura a identidades e lutas sociais e acabam confundindo a realidade das sociedades multiculturais com os modelos normativos que adotam.

As últimas cinco décadas movimentaram pessoas, grupos e territórios em torno das discussões multiculturais, sendo que nos Estados Unidos e nos países da Europa o tema coloca em evidência as problemáticas relacionadas à imigração.

O quadro sinóptico abaixo traz os multiculturalismos conservador, liberal, comercial, corporativo e crítico apresentados por Hall (2003, p. 53) como concepções presentes na atualidade.

---

<sup>24</sup> Filósofa e cientista política estadunidense.

<b>Tipos de Multiculturalismo</b>	<b>Conteúdos</b>
Conservador	Diferenças assimiladas pela tradição da maioria.
Liberal	Diferenças integradas à sociedade majoritária, tolerando certas práticas culturais particularistas apenas no domínio privado.
Comercial	Parte do pressuposto de que o reconhecimento público da diversidade leva à dissolução da problemática da diferença no conjunto privado.
Corporativo (público ou privado)	Administra as diferenças culturais da minoria visando aos interesses do centro.
Crítico	Enfoca o poder, o privilégio, a hierarquia das opressões e os movimentos de resistência.

Figura 15: Quadro sinóptico sobre tipos e conteúdos do multiculturalismo.

As concepções, tipologias e desdobramentos conceituais são terreno fértil de onde brotam críticas ao multiculturalismo, algumas delas listadas a seguir:

- Conceito de natureza eurocêntrica, criado para descrever a diversidade cultural no quadro dos Estados-nação do hemisfério Norte (SANTOS, 2004).
- Consiste em uma nova forma de racismo invertido (SANTOS, 2004 e ZIZEK, 2003).
- Integra a lógica cultural do capitalismo multinacional (SANTOS, 2004).
- Pratica uma distância eurocentrista condescendente e/ou respeitosa para as culturas locais, reafirmando sua própria superioridade (ZIZEK, 2003).
- É descritivo e apolítico, ignorando as relações de poder (SANTOS e NUNES, 2004).
- Reconhece os projetos multiculturais apenas quando são compatíveis com as noções de soberania (SANTOS, 2004).
- Ao exigir fronteiras identitárias claras e definidas, o multiculturalismo neutraliza a lógica da mestiçagem (MACAGNO, 2003).

No multiculturalismo do tipo liberal, no confinamento da esfera privativa, as decisões, crenças e preferências estão garantidas; já no espaço público e social é mantida uma zona central monocultural soberana e dominante em que os indivíduos e coletivos imigrantes transitam à semelhança dos autóctones, contudo, nos setores periféricos – em ilhas culturais – os grupos de estrangeiros conservam a autonomia.

A distribuição e os trânsitos dos coletivos multiculturais nos espaços urbanos de Foz do Iguaçu sugerem o predomínio dos postulados desta modalidade – multiculturalismo liberal – justaposta pelos multiculturalismos conservador, comercial e corporativo. O multiculturalismo crítico, defendido em algumas poucas e pontuais manifestações, geralmente dissolvido no contexto de outras lutas sociais, pretende contrapor as práticas segregacionistas liberais, embora, não raro, estabeleça uma defesa absolutamente acrítica e amaurótica das minorias representadas.

A Foz poliédrica não se enquadra em um destes tipos de multiculturalismo, nela desfilam todos em ritmos que, a depender da conjuntura, vão da “valsa à lambada”. Diante da convicção de que escapar das armadilhas, artimanhas e ardis do multiculturalismo é o caminho mais assertivo, este estudo nomeia a multiculturalidade entendida com Canclini (2005, p. 26) como “a abundância de opções simbólicas que propicia enriquecimentos e fusões, inovações estilísticas mediante empréstimos tomados de muitas partes” para tratar da intercultural Foz do Iguaçu multicultural.

### 1.3.1 A intercultural Foz do Iguaçu multicultural

Foz do Iguaçu pode ser entendida como uma daquelas cidades que Stuart Hall denomina *de identidade pós-moderna*<sup>25</sup>, haja vista a diversidade de culturas nela existentes. A cultura de Foz é marcada pela diversificação de línguas, costumes e comportamentos e caracteriza-se por múltiplos traços resultantes do cruzamento entre modos culturais importados e outros cultivados no local.

Dessa perspectiva dinâmica decorrem separabilidades e interpenetrações, continuidades e descontinuidades nos processos perceptivos dos sujeitos que para “manter a cultura em movimento têm de inventar cultura, refletir sobre ela, fazer experiências com ela, recordá-la (ou armazená-la de alguma outra maneira), discuti-la e transmiti-la.” (HANNERZ, 1997, p. 6).

Canclini (2005, p. 31) destaca que “as teorias comunicacionais nos lembram que a conexão e a desconexão com os outros são parte da nossa constituição como sujeitos individuais e coletivos. Portanto, o espaço *inter* é decisivo.” Deste modo, a

---

<sup>25</sup> Identidades móveis, transitórias, descontínuas, incertas, instáveis, híbridas, mutantes e/ou traduzidas.

convivência entre diferentes, o contato com o outro, está na base de todo o processo relacional, sendo a interculturalidade inerente à multiculturalidade.

Ao falar sobre deslocamentos, fluxos migratórios e correntes culturais, Hannerz (1997, p. 12) esclarece que:

[...] na medida em que são enredadas nessas diversificadas correntes de cultura presentes em seus *habitats*, as pessoas como seres culturais, provavelmente estão sendo moldadas, e modelam a si mesmas por peculiaridades de sua biografia, gosto e cultivo de talentos. As identidades atribuídas ao grupo não precisam mais ser todo-poderosas.

Identidades todo-poderosas lembram verdades universais a exemplo de macropoderes exclusivistas tiranos como absolutismos, fundamentalismos, despotismos, totalitarismos e autoritarismos. As interpretações e esquemas locais de significação revelam a miríade de poderes periféricos que horizontalmente se entrecruzam e se enlaçam no cotidiano construindo múltiplas e dinâmicas identidades.

Os diferentes coletivos de migrantes agrupados em ilhas culturais sitiadas em prédios, condomínios, ruas e bairros, tangenciam-se frequentemente uns aos outros, por vezes, interpenetram-se. Um dos pontos que orientam a compreensão do gradiente nestas relações é o contraste nas perspectivas dos nativos, migrantes e imigrantes. Os nativos conhecem o território e acompanharam o desenvolvimento histórico da cidade, suas famílias são constituídas por gerações de indivíduos que nasceram e cresceram em Foz do Iguaçu, esses iguaçuenses compõem o segundo maior número da população da cidade; em terceiro, estão os estrangeiros; e, os brasileiros de outras naturalidades, esses sim são a maioria a ocupar o primeiro lugar no *ranking* populacional.

Os migrantes nacionais e estrangeiros, pensam o local diferentemente dos nativos. A condição de transitoriedade interfere nas formas de relacionamento. Como desenvolver relações ou vínculos mais consistentes com pessoas e lugares em meio a uma realidade em permanente movimento? Como lidar com necessidades ambivalentes (durabilidades e efemeridades)?

Os laços mais fortes dos migrantes dizem respeito a sua biografia. São aqueles que estabelecem consigo mesmo, às vezes estendidos aos que com eles migraram ou nasceram no processo de migração.

O relatório emitido em junho de 2009, pelo SINCRE – Sistema de Cadastramento e Registro de Estrangeiros (Polícia Federal) informa que a cidade acolhia na ocasião, representantes de 74 nacionalidades, totalizando 7.836 estrangeiros residentes em Foz. No ano de 2003, este número correspondia a 9.431 pessoas, tendo uma queda, portanto, de quase 20%, nos últimos 6 anos. Ao lado dos paraguaios e argentinos, os libaneses, chineses e coreanos compõem os maiores coletivos culturais.

Aqui, na condição de viajantes, todos partilham a experiência de serem estrangeiros. Nem mesmo os nativos das cidades que compõem a Tríplice Fronteira escapam a esta condição.

Brasileiros naturais de Foz do Iguaçu, paraguaios naturais de Ciudad del Este e argentinos naturais de Puerto Iguazú, muitos dos quais, jamais tiveram a oportunidade de conhecer outras regiões em seu próprio país, percorrem as ruas dos países vizinhos com franca desenvoltura.

Grande parte da comunidade de Foz do Iguaçu desconhece a maioria dos bairros da cidade e, uma boa parte, até mesmo o bairro onde reside. No entanto, é difícil encontrar alguém que não conheça os centros de Ciudad del Este e Puerto Iguazú. Cotidianamente, todos parecem ser migrantes, como diz Salman Rushdie (2007), *insiders* e *outsiders*, viajantes de longas e curtas distâncias, ainda que esta migração seja, para expressiva parcela da comunidade, uma experiência pendular.

São muitos os brasileiros que trabalham em Ciudad del Este, também os libaneses e chineses que lá possuem estabelecimentos comerciais e residem em Foz do Iguaçu.

Mustapha, há três décadas no Brasil, já morou em cinco estados, reside em Foz do Iguaçu e trabalha em Ciudad del Este. No excerto, transcrito abaixo, o imigrante libanês expressa sua apreciação pelo deslocamento:

*Essa experiência (do deslocamento) é muito boa, e a gente até aconselha a pessoa que tem cabeça e vontade de trabalhar e progredir, também a imigrar, sabe. Eu não tenho nada contra. Igual meu filho, está em São Paulo, em Assis, ele estuda, ele fala assim: “quando terminar, quero morar onde vocês moram”. Falei pra ele: não, se você está se sentindo bem, está progredindo lá na sua cidade e você acha que tem que ficar por lá, fica por lá meu filho, você tem que abrir horizontes, procurar sua vida, nós também imigramos.*

A *migração pendular*, fenômeno muito comum nas metrópoles, abarca o *commuting*, movimentação diária de pessoas que moram em um país e trabalham ou estudam em outro transfronteiriço, é o caso de Mustapha e de muitos outros imigrantes que residem em Foz do Iguaçu e trabalham em Ciudad del Este, no Paraguai. Estudos realizados pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social – IparDES registram que em 1980, 110,8 mil pessoas residentes nos municípios do Paraná realizavam *movimento pendular* para trabalho e/ou estudo. Esse número elevou-se para 359,4 mil em 2000. Moura (2010, p. 48) esclarece:

[...] no caso dos movimentos com destino a outros países, o Paraná se destaca por concentrar quase um terço do total desse tipo de fluxo no país, fundamentalmente em função da mobilidade intra-aglomeração transfronteiriça de Foz do Iguaçu / Ciudad del Este (Paraguai) / Puerto Iguazú (Argentina).

A socióloga Silvia Montenegro, representante do Conselho Argentino de Investigações Científicas e Técnicas explica que nesta região de fronteira “há uma lógica mutável. As fronteiras são permanentemente negociadas na prática, e os habitantes reagem ao controle.” (LUCKMAN, 2008).

Ao descrever como cruzou a fronteira entre Argentina e Brasil no dia 13 de abril de 1979, o imigrante argentino Carlos apresenta sua experiência de negociação para poder estabelecer-se em Foz do Iguaçu:

*Depois que comprei a casa, fui ao consulado brasileiro em Buenos Aires e disse: eu comprei minha casa no Brasil e quero mudar para lá, morar lá. Daí eles perguntaram: o que você faz? Eu disse que era mecânico. Eles disseram que mecânicos havia muitos, aqui não vai conseguir nenhum visto para ir ao Brasil. Isso me desmoralizou, pois eu já tinha comprado uma casa. Isso me desanimou. Mas eu tinha muita fé. Um dia, saímos de La Plata e chegamos em Foz. Perguntaram (na Aduana brasileira) aonde vai o senhor, se eu tinha documentos, eu disse que não, que viria trabalhar. Vim com os filhos. Eles viram que eu não era uma pessoa fora do normal e me disseram para passar. Nunca mais me molestaram. A pessoa que fez isso disse que se eu me portasse mal me mandaria de novo para Argentina. Somos amigos até hoje. Alencastro (nome fictício) é o nome dele. Essa foi a pessoa que me deixou passar para este país.*

Os espaços de trânsito nas fronteiras estão incorporados à terra e à vida dos seus habitantes, são, em tradução, territórios livres. Quando as “portas” se fecham nas aduanas, as liberdades são afrontadas e não são poucos os cotidianos perturbados, desordenados, desrespeitados ou vilipendiados. No caso de Carlos, a negativa do visto pelo consulado brasileiro na Argentina, no momento da transição, abala o emigrante. Por outro lado, a negociação da passagem na Aduana brasileira fortalece a biografia e a convicção acerca da imigração permitindo a reelaboração do conceito de pertencimento.

A diversidade cultural é indiscutivelmente um importante traço identitário da cidade. Presente nos discursos locais artísticos, culturais, midiáticos, políticos e acadêmicos, essa característica de Foz do Iguaçu tornou-se um jargão. Transformado em algo trivial, ponto de vista elementar, parcial e superficial, a multiculturalidade de Foz não escapou às simplificações e tendências banalizantes.

A sentença – *inúmeras culturas convivendo em paz* – é recorrente nos discursos veiculados na mídia local oferecendo à população a ideia de que se trata de um fato consolidado, dificultando a percepção de que este é um cenário em permanente construção. Como observa Vanderlinde<sup>26</sup> (2011), “é a retórica de fronteira tratando de dourar o poliedro.”

Sem dúvida, a condição de civilidade e cordialidade é um importante atributo distintivo desta região comparada a outros territórios que vivem conflitos armados decorrentes da intolerância, do nacionalismo agressivo, do terrorismo e da violência contra minorias étnicas. Entretanto, observa-se que este ambiente pacífico interétnico muitas vezes, limita-se ao uso partilhado do território geográfico, pouco estimulando contatos interculturais.

A interculturalidade é praticada e expressada nos espaços cotidianos onde o social, o econômico, o cultural, o político e o antropológico se encontram e se confrontam.

As comunicações e interações próprias da vida relacional dos seres humanos indicam a interculturalidade como ocorrência prática cotidiana. O intercultural se manifesta nos contatos e tratos relativos aos processos coletivos de construção do social, o que lhe confere o caráter inerentemente plural. Trata-se, neste caso, de interculturalidades. Comumente, os debates sobre a

---

<sup>26</sup> Informação verbal do professor do campus de Marechal Cândido Rondon da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Dr. Tarcísio Vanderlinde (03 de agosto de 2011).

interculturalidade ocorrem em torno da questão das relações entre culturas diferentes, no entanto a interculturalidade compreendida como a busca de diálogo entre “iguais” infere as relações intraculturais também como interculturais.

Os nominados “iguais” são em verdade “diferentes” unidos pelo pertencimento a determinado contexto cultural, seja ele nacional, internacional ou transnacional. A tentativa de demarcar a distinção entre os diferentes *internos* e *externos*, carrega a inevitável contradição: interditar a diferença ao classificá-la hierarquicamente alimentando a prevalente noção excludente de centralidade e superioridade da qual decorrem os infinitos binarismos fundantes das noções de valor e não-valor características do pensamento ocidental. A propósito, Derrida (2006, p. 41), nas teses sobre a *desconstrução* da noção de centro, ressalta que o valor de centro sempre é afirmado pelo não-valor do seu oposto: bem/mal, bonito/feio, eu/outro, homem/mulher, forte/fraco, inteligível/sensível, Deus/diabo.

O autor afirma que a noção de centro é uma construção do pensamento ocidental metafísico essencialista que atribui significados inerentes a esses binarismos considerados antíteses conceituais, uma espécie de *código matricial abstrato*.

A desconstrução parte do reconhecimento de uma das principais premissas da linguística estrutural, de acordo com a qual não existe origem absoluta para o significado uma vez que esse é resultado de relações (sintagmático) e não de essências isoladas (paradigmático). A proposição de que os significados dos termos que compõem os pares são construções culturais suplementares inverte os elementos constitutivos da lógica binária mantendo a antítese como inclusiva ao invés de exclusiva.

As dissociações características do binarismo somente são possíveis como operações de abstração. As abstrações são pouco atinentes as noções de interculturalidade, também de interdisciplinaridade, interatividade, interconectividade, intercooperação, integração e de uma série de outros *entres* que o prefixo *inter* subscreve.

No binarismo conexão/fronteira na perspectiva dicotômica, dissociativa e abstrativa, a noção de *conexão* (ligação, união, vínculo, nexa, coerência) aparece como centro valorativamente hierárquico afirmado pelo não valor de seu oposto, no caso *fronteira* (limite, separação, raia, periferia, divisão). Em contrapartida, a negação do logocentrismo entendido como um centro exterior gerador de

significados, implica no tratamento destas duas realidades – conexão e fronteira – como interdependentes, cada qual contendo parte da outra.

Para o antropólogo Fredrik Barth (1998), as fronteiras separam e unem, nelas acontecem as trocas interculturais e também o fortalecimento de identidades. Segundo o autor, é nos fluxos, trocas e intercâmbios culturais operados nas fronteiras que as culturas conjunta e processualmente se definem.

Tais contatos expressam a concepção de fronteira como algo que cada sujeito representa subjetiva e objetivamente a partir das experiências vividas neste espaço em que são produzidos antagonismos, ambiguidades e solidariedades.

Ao analisar fatores associados a adaptação, permanência e cisão / deslocamento dos indivíduos nas comunidades, Barth (1969 apud POUTIGNAT 1998, p. 191 a 200) refere que as características e os significados atribuídos às culturas, considerados legítimos, são aqueles construídos e defendidos pelos atores da comunidade. Ressalta a questão das fronteiras sociais, afirmando que todos os grupos étnicos de uma sociedade poliétnica atuam para a manutenção das dicotomias e diferenças, sendo a sociedade plural, de acordo com Furnivall<sup>27</sup>, “uma sociedade poliétnica integrada no espaço mercantil, sob o controle de um sistema estatal dominado por um dos grupos, mas deixando amplos espaços de diversidade cultural nos setores de atividade religiosa e doméstica.” Logo, a fronteira é um espaço social como o lugar da negociação, da elasticidade dos sentidos, das redes que se conectam e se interceptam.

Evitando concepções radicais que tomam as diferenças como marcadas por desigualdades incorrigíveis através de caminhos diplomáticos, evitando também perspectivas mais românticas e idealistas para as quais as relações somente são interculturais se pacíficas e amistosas e, ainda, desprezando o vazio da retórica política que espalha aos quatro ventos que *em Foz as diferentes culturas convivem em paz*, ou, que, ao contrário, não há convivência; prefiro abordar o assunto por uma terceira via, observando a relação, o que está entre tensões e equilíbrios, resistências e negociações, conflitos e acordos, rompimentos e alianças, examinando como estas oposições se conectam e consubstanciam-se em interculturalidades.

---

<sup>27</sup> Furnivall (1944) é citado por Barth (1969 apud POUTINNAT, 1998, p. 197).

Pontes, hidrelétricas, Mercosul e vilas, são algumas das muitas edificações do apelo discursivo. Por entre elas, estão sujeitos não menos indeterminados e negociantes: são transeuntes em meio às fronteiras.

A alteridade das gentes que configuram a paisagem humana e urbana da cidade e os variados jeitos de construírem suas vidas e de se relacionarem, parece ser a face mais misteriosa e intrigante da Foz do Iguaçu poliédrica, território intercultural que suscita insistentemente a questão enigmática da vida cultural humana proposta por Trilling e reafirmada por Geertz (1997, p. 84): “como é que as criações de outros povos podem ser tão próximas a seus criadores e, ao mesmo tempo, e tão profundamente, uma parte de nós.”

## 2 COTIDIANO E NARRATIVAS DA ALTERIDADE

Mustapha, Leila, Valois<sup>28</sup>, Maria<sup>29</sup>, Carlos, Norma<sup>30</sup>, Margarita<sup>31</sup>, Alex, Mari<sup>32</sup>, Mario<sup>33</sup>, Rodrigo, Enrique, Mei<sup>34</sup>, Qin Yon<sup>35</sup> e Pin Yin<sup>36</sup> são os imigrantes residentes em Foz do Iguaçu, partícipes da pesquisa. Todos eles vislumbravam novos horizontes, oportunidades e uma vida melhor, mas na história de cada um este objetivo comum está longe de ser o único e mesmo o primeiro. Rodrigo sonhava em reencontrar o pai que outrora deixou o Chile; Enrique partiu da Argentina devido a uma história de amor; libertarem-se da perseguição política no Paraguai era o propósito de Margarita e também de Valois; Mari veio para o casamento arranjado pelos pais com o libanês que já migrara há 14 anos para o Brasil; o objetivo de Carlos era ser patrão e deixar para trás a vida de empregado na Argentina; Alex desejava unir-se novamente aos pais libaneses que haviam migrado há uma década; Qin Yon não resistiu ao convite do irmão taiwanês que se estabeleceu no Paraguai; Mustapha queria distância da guerra no Líbano; a família de Mario atravessou a fronteira devido à crise na Argentina; a vontade de Leila era de reencontrar os pais e irmãos libaneses residentes no Brasil, após ter casado e morado durante sete anos no Líbano; e Mei, assim como Pin Yin, ainda meninas, vieram para o Paraguai acompanhando os pais.

---

<sup>28</sup> Valois Rivas, natural de Itá Puku Guazu, Paraguai, 68 anos, chegou em Foz do Iguaçu-PR em 1965. Proprietário de mercearia em Foz do Iguaçu. Entrevista gravada em 04.12.2010.

<sup>29</sup> Maria Lopez, natural de Caaguazú, Paraguai, 61 anos, veio para Foz do Iguaçu-PR há 42 anos, desde então, é esposa de Valois. Dona de casa. Entrevista gravada em 04.12.2010.

<sup>30</sup> Norma Gladis Basso de Rizi, natural de La Plata, Argentina, 64 anos, radicada no Brasil, em Foz do Iguaçu-PR, há 32 anos. Esposa de Carlos Alberto Rizi. Dona de casa. Entrevista gravada em 03.12.2010.

<sup>31</sup> Margarita Giménez de Báez, natural de Caaguazú, Paraguai, 74 anos, radicada em Foz do Iguaçu-PR há 52 anos. Dona de casa. Entrevista gravada em 17.03.2011.

<sup>32</sup> Mari (nome fictício), natural de Baalu, Vale do Beca, Líbano, 54 anos, veio para o Brasil há 35 anos para casar-se com Alex, morou em Santa Catarina-SC e está em Foz do Iguaçu-PR desde 1994. Dona de casa. Entrevista gravada em 22.03.2011.

<sup>33</sup> Mario Celso Rodríguez, natural de Oberá, Provincia de Misiones, Argentina, 26 anos, mora em Foz do Iguaçu-PR há quase duas décadas, ausentando-se por um período de 2 anos. Bombeiro e estudante universitário de Comunicação Social: Jornalismo. Entrevista gravada em 07.12.2010.

<sup>34</sup> Mei (nome fictício), natural de Taichung, Taiwan, República da China, 49 anos, chegou em Assunção, Paraguai, no final da década de 70, mudou-se em 1988 para Ciudad del Este, Paraguai, e, em 1990, fixou residência em Foz do Iguaçu-PR. Proprietária de comércio em Ciudad del Este, Paraguai. Entrevista gravada em 02.12.2010.

<sup>35</sup> Qin Yon (nome fictício), natural de Taiwan, República da China, 71 anos, veio para Ciudad del Este, Paraguai, em 1986, radicado em Foz do Iguaçu-PR desde 1988. Comerciante aposentado. Entrevista gravada em 05.12.2010.

<sup>36</sup> Pin Yin (nome fictício), natural de Taiwan, República da China, 41 anos, filha de Qin Yon (nome fictício), veio para Ciudad del Este, Paraguai, acompanhando os pais em 1986, radicada em Foz do Iguaçu-PR desde 1988. Professora de chinês. Entrevista gravada em 05.12.2010.

As aspirações descritas acima situam as dimensões culturais, sociais e antropológicas ao lado da econômica no conjunto das motivações promotoras dos deslocamentos migratórios. Demonstram também:

[...] as estratégias construídas por entre representações disponíveis em espaços fronteiriços que possibilitam “caças” (Certeau) por entre uma floresta selvagem composta de signos que veiculam projetos os mais diversos. Nesta caça, a significação da vida, o migrar, a memória adquirem significados atuais. O rio, a ponte, o comércio a economia são territorialidades compostas entre o passado e o presente; entre um lá e um cá. O cotidiano na fronteira é a presentificação destes atores sociais. (SANTOS, 2010).

Este capítulo reúne fragmentos do que os referidos sujeitos conhecem como realidade na vida cotidiana. Sua substância corresponde, portanto, aos significados contidos nas narrativas.

Schutz (1979) refere a realidade cotidiana como *província de significados* considerados válidos enquanto partilhados pelos seus viventes e nomeia a expressão *múltiplos mundos* para representar outras realidades que invadem o cotidiano.

De acordo com o autor, os estrangeiros protagonizam estes *múltiplos mundos* na condição de partilhantes de sistemas simbólicos outros que atravessam os limites da realidade circunscrita pelos nativos a determinada *província de sentido finito*. A maior ou menor permeabilidade das fronteiras locais depende, portanto, das distintas condições de interatratividade que esses atores sociais são capazes de criar, enfrentar e sustentar.

As construções perceptivas e interativas resultam do exame da realidade, diferem de indivíduo para indivíduo e dependem dos repertórios vivenciais, ideativos e afetivos próprios de cada história pessoal.

Na esfera coletiva, os sujeitos não vivem sem pensar o mundo social e esse se consubstancia nas suas relações, ações, significações e representações que, compartilhadas ou negociadas, instauram sociabilidades a variar de coletividade para coletividade. Sendo assim, as representações de mundo ultrapassam o montante de seres humanos no mundo. Nas fontes desta pesquisa, são múltiplas as formas narrativas e de leitura das histórias de vida que transitam por sociabilidades

ambíguas, ancoradas ora na intimidade dos vínculos primários, ora na indiferença própria da impessoalidade.

Embora indissociáveis, as sociabilidades pessoal e grupal existem como realidades contrastantes. A Teoria Socionômica de Evolução dos Grupos de Jacob Levy Moreno (1889–1974) esclarece que no seu processo evolutivo os grupos passam por quatro etapas de organização da sociabilidade individual e grupal: pré-socialização (fase amorfa ou de indiferenciação para contato grupal), primeira socialização (interação em díades), segunda socialização (fracionamento e organização de subgrupos) e socialização (integração grupal e sócioafetiva).

As etapas propostas por Moreno são evocadas com o propósito de ressaltar diferentes estágios ou gradações contidas na sociabilização. O intuito não é o de designá-los como referentes para este estudo, importando sim destacar que a sociabilização informa para diferentes sujeitos, teóricos ou não, diferentes sentidos e profundidades.

As perspectivas de cada pessoa acerca das suas experiências cotidianas inscritas neste texto são compreendidas e nomeadas como narrativas da alteridade. O enfoque de alteridade ora proposto compreende unidades e multiplicidades, interioridades e exterioridades, entendendo que: 1) todos os seres humanos – eu e o outro / nós e os outros – possuem identidades, 2) toda identidade significa alteridade para o outro e, admitindo que o ser é composto de múltiplos “eus”, parte deles é objeto de reconhecimento e, outra parte, objeto de estranhamento, portanto, 3) toda a identidade é também alteridade para “o mesmo”.

As palavras do psiquiatra Miguel Calmon Du Pin e Almeida (2010, p. 3) sobre a obra *El Intruso* de Jean-Luc Nancy (2006) contribuem para elucidar o referido enfoque:

O texto de Nancy se inscreve na tradição dos textos que abalam uma das mais fortes crenças ocidentais acerca do sujeito: a de que ele é substância, uma coisa que possui uma essência própria, interna, interior, lhe define singularmente. O *Intruso* nos afirma que seremos eternamente, por constituição, estrangeiros a nós mesmos. O eu é arranjo de muitos outros em mim, em meus muitos “mins”. Eus múltiplos. Eus coletivos, na medida em que no grupo social ao qual cada um de nós pertence, nascemos e somos nascidos de outros. Por isso pertence ao “eu” a possibilidade de se reconhecer e de se estranhar. Sem descanso.

Alteridade e identidade são aqui tratadas na sua natureza relacional não hierárquica. Em consonância, entende-se a alteridade de cada sujeito desta pesquisa como própria, não havendo qualquer pretensão de defini-la a partir de significados de identidade adotados como centralidades matricialmente referentes.

As especificidades das biografias, construídas em experiências cotidianas marcadas em condições sociais, históricas e culturais particulares, anatomizam vínculos, partilhas e pertenças sociais. Do isolamento à sociabilização estendida, há um repertório de possibilidades igeneralizável.

Inscvem-se no contexto dos estudos sobre o cotidiano, as práticas culturais ordinárias como parte da vida das pessoas comuns, *homens simples, ordinários*, sendo os eventos extraordinários e peculiares considerados à medida que se inserem como conjunturais nos relatos dos mesmos sujeitos. Adota-se o conceito de práticas culturais proposto por Mayol (1996, p. 41):

Prática cultural é a combinação mais ou menos coerente, mais ou menos fluida, de elementos cotidianos concretos (menu gastronômico) ou ideológicos (religiosos, políticos), ao mesmo tempo passados por uma tradição (de família, de um grupo social) e realizados dia a dia através dos comportamentos que traduzem em uma visibilidade social fragmentos deste dispositivo cultural, da mesma maneira que a enunciação traduz na palavra fragmentos do discurso. “Prático” vem a ser aquilo que é decisivo para a identidade de um usuário ou de um grupo, na medida em que essa identidade lhe permite assumir o seu lugar na rede das relações sociais inscritas no ambiente.

Neste cotidiano, são expressados, através de afetos, ideias, paixões, crenças e sonhos, posicionamentos com relação à cotidianidade. Os modos como as pessoas participam do dia a dia e a postura que assumem com relação a tudo que o compõe correspondem aos seus significados de vida cotidiana.

Ações, sentimentos e pensamentos constituem adjacências cujos arranjos ou combinações dependem dos diferentes domínios da cultura. Quando a atenção se concentra nas pessoas comuns, a cultura se formula essencialmente nos fazeres, numa espécie de *razão popular*, “uma maneira de pensar, investida numa maneira de agir, uma arte de combinar indissociável de uma arte de utilizar.” (CERTEAU, 1998, p. 42). O depoimento de Leila sobre como descreveria a cidade de Foz do Iguaçu para um libanês que não a conhece, demonstra como esta brasileira, filha de libaneses, esposa de um libanês e mãe de um casal de filhos libaneses e um filho

brasileiro expressa uma sensibilidade comum (coletiva) ao conjugar, nos seus argumentos, conhecimento e praticidade:

*[...] eu falaria que não teria muita diferença não, porque os costumes deles continuariam iguais. Isso é importante para eles. Por quê? Tem a Mesquita, que é a nossa igreja: os muçulmanos só comem, por exemplo, carne degolada, aqui tem os açougueiros árabes; eles gostam de comer o pão árabe, que aqui também tem, o manaich, que são as comidas típicas, esfirras, culinária, aqui tudo é feito como eles fazem lá, de levar na padaria, que a gente fala que é forno lá, a gente leva ao forno, aqui eles poderiam levar ao forno árabe; têm os médicos, advogados, engenheiros, dentistas; tem o Paraguai para trabalhar e ganhar um bom dinheiro. Eles iam adorar. Eu fazia essa propaganda, porque para eles era isso que iria interessar mais, para eles viverem, porque se não tivesse a Mesquita, não tivesse o pão árabe e o açougueiro que mata a vaca degolada e o frango, podia ter cataratas e tudo, eles não iriam conseguir conviver e viver aqui.*

As trocas, nos grupos de pertencimento, dão origem a convicções afetivas e ideativas fundadas em interesses particularizados, manifestos no senso comum. Interesses que frequentemente revelam-se *inestruturalmente*<sup>37</sup> e em torno dos quais relativa coesão é assegurada. A unidade decorre muito mais do reconhecimento difuso de combinações das representações espontâneas e dos sentidos vividos coletivamente do que da adesão a um sistema de ideias que racionalmente refletem e defendem. Em seu relato, Leila deixa transparecer determinados hábitos e rituais que foram deslocados de seus significados de origem. São elementos simbólicos cujos sentidos foram semantizados em um jogo de estabilidades geográficas e sentimentais, como *sustentáculos de motivações relacionais*.

Geertz destaca o senso comum como uma das dimensões marginais da cultura e o bom senso como “aquilo que o homem comum pensa quando livre das sofisticações vaidosas dos estudiosos”, situa a *experiência* como o *locus* donde provêm as opiniões e pensamentos que o alimentam e nomeia a *naturalidade* (sentido óbvio), a *praticabilidade* (sagacidade e prudência), a *leveza* (simplicidade e literalidade), a *não-metodicidade* (saber *ad hoc* – *obter dicta*, epigramas) e a *acessibilidade* (qualquer pessoa pode captar) como propriedades que o qualificam.

Ao escutar as realidade dos imigrantes, comunicadas através do bom senso, é notável o caráter nítido e evidente que tais realidades e o conjunto de elementos

<sup>37</sup> Recorrendo à proposição de um neologismo para referir a ausência de estrutura não necessariamente desestrutural, tentando evitar a compreensão pelos extremos opostos.

que as compõem assumem na perspectiva destes sujeitos. A resposta criteriosa de Leila demonstra o exame prévio da questão cotidiana – falar sobre Foz como destino imigratório – enfocada de forma prática, ou seja, privilegiando a informação como algo proveitoso.

A faculdade convincente do relato está associada ao fato de que os múltiplos saberes presentes na vida cotidiana, correspondem às interpretações das experiências práticas que configuram a realidade como verdade revestindo-lhe de sentido. Comerciar, passar a fronteira, ser brasileiro, argentino, paraguaio, chileno, árabe ou chinês neste espaço e dadas as condições locais, são significados negociados a partir da experiência existencial.

As estruturas de significados representam sentidos e compreensões compartilhadas a partir das experiências comuns ou, em outras palavras, a partir dos modos como os atores sociais experimentam a cultura.

Direcionar o foco da pesquisa para os imigrantes significa efetivamente realizar o primeiro estágio de aproximação a partir do qual é possível esperar o exercício de uma compreensão tangencial, porém direta, das suas histórias e, indireta, da imigração como fenômeno social. Tal dimensionamento, embora de aparência modesta, é ousadamente pretensioso porque desta aproximação pontual, curta e efêmera, emerge, primeiramente para o pesquisador-escritor, o processo de desconstrução do distanciamento do “outro” e dos decorrentes apriorismos, estereótipos, mitos, ficções e imaginários edificadores da exclusão. Ainda, num segundo momento, tão importante quanto, tal desconstrução, disposta no texto, pode fazer algum sentido às mentes desassossegadas daqueles leitores para os quais a alteridade representa inquietante relevância.

## 2.1 ESTRANGEIROS? QUAIS? OS DE DENTRO OU OS DE FORA?

O cotidiano é o espaço dos deslocamentos, dos deslizamentos contínuos: caminho que todos percorrem, recorrem, decorrem, transcorrem, por onde a vida passa e as pessoas passam a vida a praticá-la, senti-la, percebê-la e a conferirem-lhe sentidos. Indagar tais sentidos é o propósito.

Aventurar-se mudando de direção incidentalmente, inesperadamente, diante de ameaças ou de oportunidades irrecusáveis; viajar, partir e retornar ou não; percorrer longas e curtas jornadas; vagar sempre, encarando obstáculos

insistentemente, resvalando e tombando inúmeras vezes; jogar continuamente enfrentando opositores, divergindo, destoando, resistindo; retirar-se, afastar-se, fugindo, sumindo; imaginar, sonhar e habitar diuturnamente outras vidas e mundos; animar-se, entusiasmar-se e sensibilizar-se diante de afetos, são alguns dos sentidos presentes no imaginário sobre o cotidiano da imigração.

Aventureiro, viajante, ambulante, errante, jogador, competidor, adversário, estrategista, exilado, artista, poeta, sonhador são adjetivos frequentemente associados aos imigrantes, embora tais personagens sejam conhecidos e interpretados alternada e/ou simultaneamente pelas pessoas comuns nas suas veteranas carreiras de atores da vida cotidiana em qualquer canto do Oriente, Ocidente.

O cotidiano é povoado por muitos eus e outros. O outro, qualquer que seja ele, exerce sobre o mesmo determinada atração. Rodrigo ilustra esta questão:

*Meu pai até hoje tem dificuldade de falar português. Não fala fluentemente. Até as criancinhas ficam olhando pra ele, falando: “nossa, você fala enrolado”. Elas ficam curiosas porque ele é de outro lugar. Os pais explicam que ele é de outro país, lá do Chile. Ah, nossa, do Chile, onde é? Elas ficam curiosas pra saber onde que é [...] ficam abismadas, quando veem uma pessoa de outro país. Por exemplo, veem aqueles altos, loiros. Atrai a curiosidade. E falando outro idioma diferente, uma coisa que eles não entendem.*

O outro desperta um certo desejo de especulação que inicialmente sacia-se na espreita da vida pública, mas logo necessita estender-se para os episódios da vida doméstica, os detalhes da vida íntima, enfim, para o mundo particular. Somente em situações excepcionais o mundo reservado, mesmo aquele das pessoas comuns, é aberto ao público. Diante da então impossibilidade de testemunhar os palcos e cenas da vida privativa, resta ao povo, do lado de fora, imaginá-las, inventá-las.

Essa realidade é literariamente explorada pelo médico e escritor português Júlio Dinis (1839–1871), conhecido por retratar com traços realistas a atmosfera social na chamada literatura de costumes, no *Espólio do Senhor Cipriano* da obra *Serões da Província* (1870):

Ao lado da biografia exacta de um indivíduo, ainda dos mais obscuros, o povo refere de ordinário outra, menos documentada talvez, porém sempre mais curiosa.

Com olhar perscrutador penetra o seio das famílias a descobrir aí factos recônditos, pequenos incidentes da vida doméstica, onde, mais facilmente do que nos da vida pública, se reflectem os caracteres e as índoles.

Não julgueis que lhe basta a enumeração das batalhas, dos feitos brilhantes, dos serviços humanitários, dos actos civis do herói do dia; quer vê-lo em família, depois de despir a farda, a toga ou os arminhos, para envergar o modesto *robe* de *chambre*; aspira a devassar-lhe no modo de viver intimo e a estudar-lhe os hábitos; obriga a personagem da história a representar diante de si o papel de filho, de irmão, de amante, de esposo e de pai no drama da vida, e é então que mais interesse lhe excita, é então que aplaude; e quando lhe falecem as informações, inventa, recorre ao inesgotável tesouro da imaginação senão a alguma coisa de mais seguro. E nisto é o povo verdadeiramente admirável! (DINIS, s.d., p. 136).

Carregados pela imaginação, os “outros” imaginados habitam os lares e partilham das espacialidades e temporalidades próprias dos espaços exclusivos. Materialmente não estão lá, no entanto, são partícipes dos diálogos dos casais, das conversas e atualizações de família. Sua imagem (do outro) real-ficcional afirma uma presença potencial, embora, virtual.

O outro reconhecido tanto na estrangeiridade marcante do imigrante, quanto na estrangeiridade difusa dos nacionais e dos nativos, é presença sedutoramente intrigante.

Está incluído no preceituário da Antropologia Cultural, o princípio de que a realidade ou verdade é muito mais uma questão de posição de quem olha e interpreta do que de essência do objeto olhado e interpretado. Na Tríplice Fronteira, a constante negociação de sentidos denuncia esta característica.

A estrangeiridade pode ser pensada por diversos prismas, envolvendo espaços e tempos. Um olhar lançado do espaço receptor perceberá os estrangeiros como nacionais (de dentro), vindos de outros estados do mesmo país, e internacionais (de fora), procedentes de outros países. Dentre os estrangeiros de dentro e os de fora, ainda estão os remotos, que migraram há muito tempo, tidos como pioneiros, experientes, e os atuais, que migraram há pouco, são os recém-chegados, os novatos. Estes últimos, aliás, apresentam certa estrangeiridade para os mais antigos e vice-versa. Na prática do espaço, na fronteira, o intercâmbio entre tempos mitológicos e tempos imediatos, negocia posições.

Por outro lado, um olhar lançado pelo imigrante fixado no espaço receptor, apresentará diferentes perspectivas: os estrangeiros de fora serão todos os nacionais, locais e a maioria dos internacionais, migrantes ou não; os estrangeiros de dentro serão os compatriotas, imigrantes que antecederam a sua chegada e, em certa medida, alguns imigrantes de outros países, cuja condição de imigração supõe relativa simpatia. Este último arranjo aparece claramente nas exposições de Rodrigo acerca do seu convívio com estrangeiros:

*Quando eu vim, eu era bem criança. Eu cheguei aqui e já entendia mais ou menos o português. Então era mais fácil, porque era parecido com o espanhol. Então, não era muito difícil de entender o idioma. Daí, me ensinaram as coisas básicas de português durante um mês, antes de ir pro colégio. Pra começar a conversar pelo menos. Daí, no colégio onde estudei primeiro, era para estrangeiros, a maioria era estrangeiro, daí foi mais fácil. Eu ainda morava numa colônia árabe, 99% dos moradores do prédio eram árabes. Éramos só nós de estrangeiros no prédio. O restante eram todos árabes. Meus amigos até hoje (já morando em outro local, próximo) são árabes, porque sempre fiquei no meio da cultura deles.*

Afinal quem são os estrangeiros? Diante da maioria árabe, Rodrigo, imigrante chileno, afirma serem ele e o pai os únicos estrangeiros do prédio e continua contando sobre os amigos:

*A maioria (dos amigos) é de Foz. Residentes de Foz, só que tem brasileiro e árabe, só que “brasileiros” porque tem mistura de paraguaio com alemão, tem italiano. Só que tudo mora aqui.*

Para Rodrigo, a maioria dos amigos são locais, moram em Foz do Iguaçu, fazem parte da mistura – descendentes de pais imigrantes ou de casamentos mistos. Os protagonistas do acolhimento de Rodrigo, na ocasião de sua chegada em Foz do Iguaçu, foram estrangeiros, principalmente famílias árabes, com as quais conviveu durante o final da infância e o período da puberdade:

*[...] falo um pouco de árabe por causa dos meus amigos. Na verdade aprendi no colégio, sabia ler e escrever, só que nunca mais pratiquei. As mães dos meus amigos, eu ligo na casa deles, e elas me pedem pra falar em árabe. Desde pequenos, a gente cresceu junto. Eu ia na casa deles e eles falavam árabe, eu não entendia nada. E fui aprendendo aos poucos. Aprendia uma palavra e quando alguém*

*fala alguma coisa você já pensa na palavra, tá falando daquilo. Daí, às vezes, até quando a gente ia jogar futebol com meus amigos, eles só falavam em árabe. A gente falava em árabe pros outros não entenderem o que a gente queria fazer.*

No depoimento, é notável a mobilidade do pertencimento. Rodrigo refere: *quando a gente* (ele e os brasileiros) *ia jogar futebol com meus amigos* (brasileiros), *eles* (os árabes) *só falavam em árabe*. Logo continua: *a gente* (ele e os árabes) *falava em árabe pros outros não entenderem*. Quando Rodrigo está com os amigos brasileiros, os árabes são os outros, quando está com os árabes, os brasileiros são os outros. E como o chileno participa no jogo entre árabes e brasileiros? Rodrigo (o terceiro) opta em ficar com os estrangeiros. Neste caso, a solidariedade entre eles é fortalecida pelo vínculo afetivo, conforme explicitado anteriormente. Outro fator de peso na escolha é o domínio restrito do idioma árabe que permite usá-lo como código nas manobras táticas que definem vantagem entre os competidores.

Nesse sentido, o futebol patrocina o encontro de diferentes, árabes e brasileiros, em um mesmo campo, funcionando como um *rito conjuntivo* (Lévi-Strauss), de união e aproximação. Ao mesmo tempo, o caráter competitivo inaugura o *jogo disjuntivo* (Lévi-Strauss), ressaltando as diferenças.

No futebol – prática esportiva formal, protegida por regras – os garotos, competidores árabes, brincando com a língua, instauram novas maneiras de utilizar a ordem imposta pelo lugar. Recorrendo a Certeau (1998, p. 93 e 97):

[...] nas mil maneiras de fazer com [...] sem sair do lugar onde tem que viver e que lhe impõe uma lei, ele aí instaura pluralidade e criatividade. Por uma arte de intermediação ele tira daí efeitos imprevistos. [...] Traçam “trajetórias indeterminadas”, aparentemente desprovidas de sentido porque não são coerentes com o espaço construído e pré-fabricado onde se movimentam. São frases imprevisíveis, num lugar ordenado pelas técnicas organizadoras de sistemas.

Acerca do relacionamento entre estrangeiros de diferentes países ser mais fácil ou difícil do que o relacionamento entre brasileiros e estrangeiros, as impressões de Rodrigo recaem sobre os turistas com os quais convive diariamente no Hostel onde trabalha, localizado no centro da cidade, de propriedade do pai:

*Eles são de diferentes países e vieram parar por acaso na mesma cidade. E eles fizeram um círculo de amigos estrangeiros morando no Brasil. Pelo que eu vi da última semana, não é que eles se fecham, mas eles vêm com uma cultura, eles têm um comportamento na Europa que eles se encontram mais aqui. Aqui eles se misturam mais, vão a festas, eles ficam com o grupinho deles.*

Embora esses viajantes sejam estrangeiros de diferentes nacionalidades, partilham de uma condição comum: são turistas estrangeiros no Brasil.

Além do lá e do cá, de um território e de outro, no *entre-lugar*, está o viajante potestade depositária de tudo o que a viagem encena, representante de uma tradição desterritorializada e mutante, cuja pátria é o percurso, o caminho, o deslocamento, permitindo paradas para despejar as narrativas de viagem, deixar os rastros, os vestígios, as pistas hipnóticas de uma existência misteriosamente móvel.

Para Sayad (1998, p. 46), provisoriedade e permanência constituem uma contradição inerente à condição de imigrante. Trata-se “de um estado que só é admitido ora como provisório (de direito), com a condição de que esse ‘provisório’ possa durar indefinidamente, ora como definitivo (de fato), com a condição de que esse ‘definitivo’ jamais seja enunciado como tal.”

De acordo com o autor, a imigração cada vez mais se reveste de um caráter permanente, no entanto os atores envolvidos pela imigração sustentam a ilusão da provisoriedade. Esta ambivalência é explorada pelos imigrantes, pelas comunidades de origem e pelas comunidades de destino.

Nos fragmentos extraídos dos depoimentos de Mei e de Rodrigo, como porta-voz do pai, é perceptível a presença desta ambivalência manifesta no apreço pelos países de origem e destino e, também pelos deslocamentos. Da mesma forma, na linguagem do jogo de futebol esta ambivalência se torna óbvia.

Quando indagada sobre a diferença entre viver toda a vida em um único local e ter a experiência de morar em outros locais, Mei responde:

*Eu acho que não tem que nascer em um lugar e viver a vida inteira. Pelo menos tem que sair, para ampliar suas visões. O mundo é grande e há culturas variadas. É bom sair para ver. Porque quando a pessoa sai e vê coisa feia, ela pensa: que sorte, moro no meu país. Olha e vê, a minha família também pode fazer aquilo. Aprende.*

Rodrigo conta sobre o desejo do pai de que o filho faça uma viagem em intercâmbio internacional:

– Ele (o pai) quer que você vá para a Europa?

Rodrigo: *Quer que eu vá pra Alemanha, faça um intercambio só pra conhecer outro lugar. Ele quer Austrália, Nova Zelândia, alguma coisa assim. Só que eu falo assim: Brasil, acho que é melhor.*

– Quando ele sugere a viagem, fala que é importante por quê?

Rodrigo: *Pra conhecer outras culturas, melhorar o idioma inglês. Conhecer outras pessoas, não ficar somente na América do Sul. Ele diz, a melhor coisa que tem é viajar e conhecer outras culturas. Porque abre a cabeça. Você volta com outra mentalidade pro seu país.*

A cultura não está adstrita à territorialidade, há um pertencimento que vai além das fronteiras geográficas. Estes imigrantes conhecem os efeitos provocados pela experiência do deslocamento. Para eles, a noção de que a formação do “eu” tem outras territorialidades não é um raciocínio abstrato, resulta da vivência do viajante. Talvez os resultados do contato com mundos estranhos traduzidos na experiência existencial de cada sujeito, possam contribuir para uma melhor compreensão acerca do apreço pela viagem e da *ilusão de provisoriidade*.

Apesar do estereótipo do viajante permear o imaginário sobre o imigrante como aquele que vem e vai, a quase totalidade das fontes desta pesquisa, a exceção de Mario e Rodrigo, expressam a tendência dos demais sujeitos que vieram, de permanecerem. De qualquer forma não há consenso, portanto, neste mundo de estranhamentos, é prescindível qualquer tentativa de universalizar e naturalizar enquadramentos.

### **2.1.1 Conexões entre o lá e o cá, entre os que migram e os que ficam**

A resposta de Rodrigo e Mei ao questionamento sobre a vontade de voltar aos países de origem ou permanecer no país de destino reitera que o que faz sentido para o viajante não é o pertencimento territorial, é a fronteira afetiva, aquela que é criada primeiro pela família, depois pelos amigos e pelo trabalho. O afeto opera como dimensão simbólica de reconhecimento:

*Estar com meu pai, uma razão assim bem grande (para ficar em Foz). Não é que eu não gosto da minha mãe. Eu gosto muito. Só que vi aqui que era muito fechado quando estava com minha mãe: do colégio para casa da minha mãe, da casa da minha mãe pra casa da*

*minha vó. Isso aí era meu trajeto e pra igreja que eles me levavam. Daí eu vim pra cá e ficava o dia inteiro no colégio. Eu fiz meus amigos, amizades e tudo. Acabei me prendendo, até hoje. E o negócio de conhecer gente todo dia, porque desde que eu cheguei aqui, desde os 11 anos é assim (Rodrigo).*

*Isso ocorre (ter vontade de voltar) quando eu visito Taiwan, quando estou lá, aí sim, eu quero ficar. Mas quando eu volto, aqui também é bom. De vez em quando, então não sei. A minha ideia muda. Estar aqui bem é porque toda a família está aqui. O meu pai e minha mãe moram em Ciudad del Este, Paraguai. O meu filho aqui, em São Paulo também. Morando aqui fica perto da família, os comércios e tudo estão aqui, então tenho vontade de ficar. Quando a gente tem vontade de ficar é porque em parte de economia está fixo e parte mental ou família está bom. Aí tem sentido entrar para ficar. E pra sair, estou cansada, o trabalho é muito pesado, isso não definitivo é só por momentos (Mei).*

O imigrante chileno encontra na relação de cumplicidade, mais livre e irreverente com o pai e na possibilidade cotidiana de estabelecer novos vínculos, as razões para permanecer em Foz. A imigrante taiwanesa, coloca o acento na família por perto e na economia estável. Entretanto, quando eventualmente, o trabalho exige muito esforço ou a estabilidade entra em crise, surge a vontade de sair (retornar para Taiwan). Os sentidos produzidos e cultivados à distância do país de origem, ficam sujeitos ao caos e, por mais firmes que pareçam ser as certezas e as convicções, diante do caos, elas se tornam frágeis, tênues e falíveis.

A comunidade de origem é o lugar das crenças e da tradição sobrepostas à biografia, daquilo que existe antes e continuará existindo depois, na ausência do sujeito. Os imigrantes emigram como membros de uma comunidade com a qual compartilham o projeto migratório. O vínculo com esta comunidade envolve familiares, parentes, amigos, vizinhos que vivem nesta mesma terra. A racionalidade impressa nos códigos praticados no lugar, pretende-se soberana e referente.

A comunidade de destino é o lugar da biografia sobreposta à tradição. No local de imigração, importa sobremaneira a presença do imigrante no presente, sendo os vínculos e o pertencimento apenas projeto, esboço inicial e provisório de uma nova vida com pessoas desconhecidas. Trata-se mais de uma reflexividade do indivíduo imigrante do que de racionalidades de lá ou de cá. Os impasses de

Rodrigo para decidir entre ficar com a mãe ou com o pai evidenciam nitidamente a tensão entre tradição e renovação.

Nos deslocamentos, a transferência de simbolismos e rituais passa a depender da prescrição do próprio indivíduo, conciliada nas relações familiares.

Sobre os relacionamentos, o descendente de taiwanês Zhang Jie<sup>38</sup> informa:

*[...] aprendi com meu pai a questão filosófica. Cultivar amizades, dialogar, são os objetivos que você busca. No meu caso, o meu pai me explicou a questão da vida como um teatro. Você vai pra escola, você assume um papel de estudante. Você age dentro desse papel, coloca essa máscara [...] estou atuando nesse papel, então não importa outros tipos de relacionamento. Como se negócio fosse negócio e relacionamento outra coisa.*

O teatro aparece como o contrário da sinceridade. Atividades como estudar, produzir, explorar devem ser encaradas como teatro. Estas experiências constituem lembranças periféricas – representam hierarquias, limites ou fronteiras nos espaços de memória – soto-postas às amizades, aos vínculos mais profundos tidos como sinceros, verdadeiros, reais, memoráveis. Nestes momentos, os costumes aparecem como uma forma de mito ancestral e são usados como âncoras dos praticantes da fronteira. Estes mitos são reafirmados ou negados, mas estarão sempre presentes.

O depoimento de Zhang Jie evidencia a prática tradicional da amizade, valorizando fidelidade e familiaridade, ao mesmo tempo que a transpõe na relação amistosa e estratégica com o diferente.

A respeito das relações entre estrangeiros, Zhang Jie acredita que *na verdade os paraguaios já aceitaram primeiramente os árabes, e os chineses tentaram se adaptar*. Procura explicar esta distinção referindo o domínio da língua. Acredita que os árabes têm mais facilidade com idiomas porque conseguem se comunicar, já para os chineses a língua portuguesa e a espanhola são bem difíceis e o aprendizado demora muito. Ressalta: *o árabe tem um jeito de se comunicar e os chineses outro*.

No dia 28 de agosto de 2011, a comunidade taiwanesa de Ciudad del Este, organizou uma grande festa para comemorar o Centenário da Fundação da

---

<sup>38</sup> Zhang Jie (nome fictício), natural de Foz do Iguaçu-PR, 23 anos, filho de Qin Yon (nome fictício). Gerente de loja em Ciudad del Este, Paraguai e estudante universitário de Comunicação Social: Publicidade e Propaganda. Entrevista gravada em 05.12.2010.

República da China. Em meio à ampla programação (Anexos 2 e 3), chama a atenção a atração árabe interpretada por chinesas: na linguagem teatralizada, taiwanesas incorporam bailarinas árabes e encenam a dança do ventre para uma plateia predominantemente paraguaia.



Figura 16: Dança do Ventre pelas dançarinas da comunidade taiwanesa.

Esta performance torna possível o drible temporário da barreira linguística. No palco, as fronteiras são provocadas, confrontadas e aparentemente desconstruídas, no entanto, fora dos palcos elas permanecem nítidas e atuantes.

Ao passo que as novas realidades trazem consigo vulnerabilidades e incertezas, mostrando-se ameaçadoras, as antigas apontam caminhos conhecidos e seguros, representando um espaço simbólico resguardado, protegido. É o mito. Neste entre-lugar, as famílias imigrantes inauguram novas práticas e recriam laços sem negar a anterioridade das redes afetivas que serviram de referência, ao contrário, aprendem a reciclar familiaridades e sociabilidades cultivadas nos locais de procedência. As viagens aos locais de origem reabastecem as relações familiares. Visitar os amigos, rever os espaços praticados, reafirmar os laços de pertencimento e recordar para amainar a saudade:

*Tenho saudade da família, por isso que de vez em quando eu vou para Buenos Aires. Aí mato a saudade da minha irmã, do meu pai, dos meus tios. Eu tenho saudade das pessoas (Enrique).*

*Os libaneses têm um tipo de uma saudade, sempre do Líbano. [...] Tem os irmãos dela. Eu tenho uma irmã, tenho sobrinhos. Vamos, de vez em quando. Eu vou de cinco em cinco anos, ela de três em três (Alex).*

No caso de Margarita, Strossner, a ditadura, as perseguições políticas, as noites em claro, o constante estado de vigília, nada disso teve o poder de diminuir a intensidade dos laços ancestrais que, territorializados, resistem ao tempo nas saudosas memórias da *família paraguaia*:

– A senhora diz que a sua casa não está mais lá. Isso traz algum sentimento?

Margarita: *A gente sente saudade.*

– Saudade de quê, especificamente?

Margarita: *Eu acho que isso depende de cada um, eu sou saudosista mesmo, eu tenho vontade de voltar ao Paraguai e ver a casa da minha vó, a primeira casa onde eu me senti e muitos me falam que não existe mais essa casa, mas eu teimo, quero ver pelo menos o lugar onde era.*

– Quando a senhora fala o *lugar onde era*, o que esse lugar representava? O que vem na memória? Por exemplo: A senhora disse *essa é a primeira casa onde eu me senti*. Como assim?

Margarita: *Pra mim é o amor na família, eu me sentia amada, minha vó era uma pessoa muito, muito boa, generosa demais. Ela criou cinco netos, dos quais eu era um deles. Eram filhos de pais solteiros, ela acolhia todos. O meu tio era um pequeno fazendeiro. Ele sempre mandava pra minha vó duas ou três leiteiras, pro leite da família. A gente tinha tudo lá.*

– Então a gente pode dizer que no fundo, no fundo, a senhora nunca esteve completamente fora do Paraguai?

Margarita: *Eu sou apegada à minha família, eu daqui de Foz não quero sair, não quero ir pra adiante porque ficaria longe da minha família paraguaia. Porque aqui facilita.*

São os vínculos de amizade e fraternidade tratados no capítulo anterior que enunciados pelo poder de cima propalam um discurso vazio, ao passo que alicerçados em referências (casas, ruas, praças, festas) conectam as memórias aos *espaços praticados* (Certeau), dando a elas vida, continuidade e realidade.

Mario evoca a casa nas lembranças da infância em Oberá<sup>39</sup>, relatando que na pequena cidade *em qualquer lugar você se sente em casa*, afirmando uma percepção de casa e rua como espaços fusionais.

<sup>39</sup> Oberá é a segunda cidade em tamanho e importância da Província de Misiones. Representa o pólo educativo e cultural da “Zona Centro”. São aproximadamente 60 mil habitantes, dentre eles, estão assentadas quinze colônias de imigrantes europeus. Anualmente, no mês de setembro, Oberá é sede da Festa Nacional do Imigrante. É também denominada a “Cidade das Igrejas” devido aos trinta templos erguidos no local.

*Eu lembro muito bem. Porque foi uma época de impacto. Foi um antes e depois na questão da vida e entendimento da vida. Bom, para mim marcou muito, pela questão estrutural das coisas e da sociedade. Porque se você vive em um lugar pequeno, você conhece todo mundo, qualquer lugar você se sente em casa. E aqui, além de você vir para uma cidade que já é diferente, ela tem tamanho diferente, que te faz sentir menor ainda, então esse foi o primeiro impacto que eu tive. Ela não é tão grande, agora que cresci eu vejo que não é tão grande, mas quando você é pequeno e você tem que percorrer grandes espaços para chegar em lugares, passa a ser um impacto bastante grande. E o comportamento das pessoas também. Na verdade criança é tudo igual em qualquer outro país, as mudanças eu fui sentindo na medida em que eu fui crescendo e fui criando reflexões e análises para entender o que eu era naquele tempo. Porque naquele tempo eu não conseguia entender. E hoje, de certa forma, eu revivo aquele tempo para tentar entender um período da minha vida.*

Mario tem hoje, 26 anos. Desde que deixou Oberá, sua cidade natal, teve uma infância dividida. Aos cinco anos, mudou-se para Buenos Aires acompanhando os pais, aos sete, foram morar em Puerto Iguazú, cidade natal do pai, e, quatro meses depois, atravessaram a fronteira chegando em Foz do Iguaçu.

No conteúdo da narrativa, transparecem as ambivalências vividas na transição da infância para a idade adulta em um local de confrontos culturais, sendo necessário conciliar magnitudes distintas e, por vezes, contraditórias.

Enfrentar a mudança da pequena cidade, onde relações e espaços, suficientemente explorados, provocam segurança e satisfação, para a movimentada e instável Foz do Iguaçu dos anos noventa, cidade situada em outro país, no centro de uma região de fronteiras, foi como Mario refere, uma *experiência de impacto*, tão marcante que ele está até hoje tentando entender a imigração.

Percebe-se que antes de vir para Foz, Mario migrou para Buenos Aires, capital da Argentina, cidade incomparavelmente maior, no entanto, o imigrante revela Foz do Iguaçu como a impactante cidade grande, talvez porque Buenos Aires, sua casa nacional, seja, como afirma Mario, a *Meca da Argentina, onde todo mundo vai pelo menos uma vez na vida para trabalhar*, uma espécie de destino comum ou território sagrado para o povo argentino.

Bachelard (1978, p. 200) afirma que “a casa é o nosso canto do mundo.” Essa espécie de universo particular abriga a família com seus pertences, pensamentos, memórias e sonhos. A casa torna-se mais grandiosa ainda na experiência da imigração, funciona como uma pátria em miniatura, um pedacinho do

país de origem estabelecido no país estrangeiro. Nela estão contidas, além da família nuclear, a família nacional. Neste caso, a fronteira entre a casa do imigrante e a rua<sup>40</sup> vai além dos espaços demarcados como privado e público, podendo representar o limite entre o nacional e o internacional: a casa argentina e a rua iguaçuense-brasileira.

Em casa, as lembranças da terra natal. Fora de casa, o mundo estranho é um fato recorrente: o sujeito acorda, abre a porta, e, dia após dia, lá está ele. Com o passar dos anos, o estranhamento esmaece e por vezes refulgece. Para alguns imigrantes, este cenário faz lembrar a chegada, o início, os primeiros anos da imigração, o adaptar-se. Outros vivem essa condição mais intensa e prolongadamente. É o caso de Mario, que ao longo de toda a sua vida, sente-se um *argentino estrangeiro*, conforme declara nesta passagem do nosso diálogo:

– Você pensa em voltar a morar no seu país de origem?

Mario: *É uma meta concreta.*

– Se você pudesse estaria vivendo lá hoje?

Mario: *Hoje de certa forma não, porque tenho irmãos pequenos e preciso ajudar meus pais a criá-los.*

– Seus pais não têm essa vontade?

Mario: *Não. Eu acho que meu pai tem uma visão de fronteira. Ele não consegue ver diferença. Ele se adapta, não consegue ver diferença daqui e de lá. Ele se vê como pessoa, como cidadão.*

– A diferença que você está fazendo entre você e ele. Você se vê como?

Mario: *Como um argentino, estrangeiro. Eu acho que o relacionamento dos antigos, da idade dele, foi mais fácil que o meu relacionamento com os da minha idade.*

A casa de Mario é uma unidade heterogênea, acolhe as diferenças no interior da família: Mario sonha e planeja voltar para a Argentina, o pai *tem uma visão de fronteira, [...] se vê como pessoa, como cidadão*. Não há unanimidades quando um mesmo fenômeno é praticado por diferentes atores, nem símbolos, significados e memórias idênticos resultantes de uma anterioridade comunalmente vivida. Mario e o pai são compassageiros na imigração. Em tempos etários diferentes, testemunharam um a experiência do outro, contudo, as visões que ambos construíram nesse processo denotam uma cumplicidade discrepante.

---

<sup>40</sup> DaMatta (2001, p. 23 a 33) explora as expectativas culturais conflitantes manifestas entre o *mundo da casa* (espaço afetivo e seguro) e o *mundo da rua* (espaço hostil e perigoso) como espaços sociais divididos.

No depoimento de Margarita, a casa aparece como espaço de intimidade. Ela diz: *eu tenho vontade de voltar ao Paraguai e ver a casa da minha vó, a primeira casa onde eu me senti* (página 68). De acordo com Bachelard (1978, p. 200), na *maternidade da casa natal*, vivem os seres protetores e “é graças à casa que um grande número de nossas lembranças estão guardadas.” O amor da família, a generosidade da avó e do tio – acolhedores e provedores – a familiaridade, o aconchego, a tranquilidade, tudo num lugar só: a casa onde Margarita se *sentia*.

O autor destaca a importância da topoanálise que corresponde ao “estudo psicológico sistemático dos lugares físicos de nossa vida íntima.” Para os topoanalistas, a casa assume, nos espaços de memória, uma dimensão entificada, referida como *ser da casa*. As lembranças de Margarita versam sobre os valores de intimidade cultivados no estado de satisfação, conforto e segurança, no cotidiano de sua vida doméstica e conferem vigor e sentido à sentença de Bachelard: “o verdadeiro bem-estar tem um passado.”

Na nova casa, no novo país, a positividade das lembranças de proteção das antigas moradias tem o poder de acomodar tensões permitindo o reconforto.

Entretanto, inexistiu unanimidade quanto às necessidades de ir e vir dos imigrantes. Os indicadores de coesão e união variam de cultura para cultura, de família para família, de indivíduo para indivíduo. Alguns imigrantes, como Margarita, necessitam rever familiares e amigos com maior frequência, outros, ao contrário, vão eventualmente e têm pressa de voltar:

*Eu vou todos os anos. Eu chego lá, vejo minha irmã. Fico um ou dois dias e já quero voltar* (Carlos).

*Ele (o marido) se sente mais estrangeiro quando vai ao Líbano. Eu fui com ele há um ano e meio atrás [...] e ele estava assim “quando vamos voltar para o Brasil?” e eu disse: Mustapha, curte aqui, curte. E agora ele foi porque o irmão dele estava doente, mas ele não via a hora de vir pra cá* (Leila).

Seja visitando familiares e amigos, ou mantendo contato à distância, contínua ou eventualmente, os imigrantes, neste ir e vir geográfico ou virtual, descubrem outras formas de relacionamento familiar.

Visitar o passado e recordar as experiências afetivas significa trazer o lá e os de lá para cá, ao passo que contar as novidades do presente e atualizar, representa

transportar o aqui e os daqui para lá. Neste transbordamento de lá e cá, lembrar e atualizar garante a continuidade dos vínculos em um novo ordenamento. A casa se mostra como uma imagem forte desta busca mitológica.

Esta memória não é linear, as lembranças narradas são aquelas selecionadas e preservadas porque imbuídas de sentidos praticados, análogos aos valores, pontos de vista, finalidades e metas fundadoras de cada história de vida. Ao contá-las aqui, os sujeitos estão recontando mais uma vez passagens relatadas para outros ouvintes nas trocas cotidianas. Nas repetições, epifanizam códigos simbólicos e reafirmam estrategicamente o valor destas seletivas e significativas experiências.

Em muitos casos, talvez, as trocas alternadas e descontínuas com familiares, parentes e amigos correspondam, para o imigrante, à primeira evidência mais contundente do que possam significar outras sociabilidades distintas daquelas conhecidas. Em razão de um antes e um agora, é provável que a capacidade para o enfrentamento de novas formas de convivência – quase sempre associadas aos diferentes (sociedade de imigração) – todavia comece a ser exigida frente às relações com os iguais (familiares).

## 2.2 FAMÍLIAS IMIGRANTES: UNIDADES CONSTRUÍDAS

É indiscutível a importância da família no processo imigratório e incontestável o seu papel na tecitura de redes sociais. Embora o estudo da família imigrante como grupo social não seja objeto desta pesquisa, era esperada a participação, além do sujeito imigrante, de seus familiares. Alguns foram entrevistados no decorrer da pesquisa e outros surgiram apenas nas narrativas dos participantes. Estes últimos são coadjuvantes nas histórias contadas, portanto, no texto, não aparecem nomeados, estão referidos em relação aos protagonistas: maridos, esposas, pais, filhos, tios, primos, avós, dentre outros.

Independente da intensidade dos vínculos, a separação familiar é uma experiência complexa e de difícil enfrentamento para qualquer pessoa. Em tese, a família co-responde pela integração social e cultural daqueles que dela participam, operando como rede de proteção, solidariedade e interassistência. É a ela que o indivíduo frequentemente recorre diante das crises psicológicas, sociais, culturais e econômicas.

Na emigração, parte da família mantém-se no país de origem. O distanciamento dos emigrantes afeta as relações de apoio familiar, fortemente abastecidas e ritualizadas pelos laços presenciais de parentesco, vizinhança e amizade. Das interfaces praticadas entre entes interiorizados nos universos afetivos territorializados, a família passa a protagonizar relações virtuais entre os países de origem e destino.

Diversos projetos migratórios têm início como temporários e, com o tempo, acabam sendo transformados em permanentes. Quando assim ocorre, muitos imigrantes procuram trazer, para o seu convívio, familiares que ficaram no país de origem, e, então, começam a se configurar as famílias imigrantes. Todo projeto migratório anuncia, portanto, uma reconstrução familiar.

Família imigrante é um conceito polissêmico que compreende uma diversidade de arranjos familiares. Cinco das famílias integrantes desta pesquisa foram selecionadas para ilustrar os diferentes arranjos por elas construídos como formas de estar em casa na cidade brasileira de Foz do Iguaçu.

### **2.2.1 Uma família argentina**

Enrique nasceu em Ovella Negra, mas morava em Quilmes quando emigrou. As duas cidades são províncias de Buenos Aires, na Argentina. Em 1989, Enrique viajou a São Paulo para fazer um curso, lá encontrou sua atual esposa que deslocou-se de Foz do Iguaçu a São Paulo para o mesmo fim. Passados dois anos, casaram-se e Enrique fixou-se em Foz do Iguaçu, onde continuam morando, agora acompanhados de três filhos. O casal de educadores, ele professor de Música e ela professora de Letras, dedica-se à família, às atividades profissionais e à doutrina Espírita como líderes locais.

### **2.2.2 Uma família taiwanesa**

Mei nasceu em 1963 em Taichung, Taiwan, onde viveu até os quinze anos, quando mudou-se para Assunción, capital do Paraguai, em companhia do pai. Lá concluiu os estudos regulares, conheceu um taiwanês, casaram-se e, em 1988, vieram trabalhar em Ciudad del Este onde residiram durante um ano. Trabalhavam como empregados e, acerca de 10 anos, administram um estabelecimento comercial

próprio. Lá, mantiveram os negócios, mas escolheram morar em Foz do Iguaçu onde permanecem desde 1989. Mei tem três filhos, um está em São Paulo. Seus pais e muitos familiares vivem hoje em Ciudad del Este, outros em Foz do Iguaçu. Quando chegaram à fronteira, a família (pais e irmãos do casal) era constituída de catorze membros, passadas pouco mais de duas décadas, este número cresceu, hoje, são 43 familiares incluindo, além dos taiwaneses, os cunhados e cunhadas brasileiros e paraguaios.

### **2.2.3 Uma família paraguaia**

Margarita nasceu em Caaguazu, no Paraguai, em 1937. Na mesma localidade, frequentou o ensino primário, depois cursou magistério em uma cidade próxima, não chegando a concluir o curso. Saiu do Paraguai aos 22 anos fugindo das perseguições promovidas na ditadura de Strossner. O pai, na ocasião, era preso político. O marido, também paraguaio, emigrou anteriormente, trabalhava na Argentina, em Puerto Iguazú e estava alistado no Movimento 14 de Maio, uma organização guerrilheira para derrubar Strossner. Margarita cruzou o Rio Paraná de canoa, desembarcou em Foz do Iguaçu, de onde seguiu para Puerto Iguazú. Lá permaneceu ao lado do marido por alguns meses e mudou-se para Eldorado, município da Provincia de Misiones na Argentina, onde morou com familiares durante pouco tempo.

Distante do marido, ocupado com o Movimento 14 de Maio, Margarita sozinha e desorientada, decidiu retornar à Foz do Iguaçu e viver com parentes que moravam na cidade. Já estava em Foz, quando o pai e mais 47 presos políticos fugiram da penitenciária no Paraguai, atravessaram a fronteira nadando, foram resgatados e asilados pelo governo brasileiro. Não demorou muito e o Movimento 14 de Maio fracassou, o marido veio ao encontro de Margarita e a partir de então, como ela conta: *começamos a fazer nossas vidas com uma mão na frente e outra atrás*. Em 1961, alugaram uma casa grande e nela passaram a morar cinco famílias, a maioria casais. Todos tinham um quarto e, na cozinha, cinco fogões funcionando para abastecer uma mesma mesa. Nesta casa viveram três anos. O marido trabalhava como encanador, empregou-se em uma grande empresa. Margarita ingressou no grupo de mulheres da Pastoral do Migrante, lá atuou orientando imigrantes latinos durante oito anos. Com o tempo, ela e o marido, conseguiram

construir uma casa para sua família e nela passaram a acolher imigrantes recém-chegados, principalmente paraguaios, mas também chilenos, argentinos e peruanos. O casal separou-se. Hoje, Margarita administra uma casa de cômodos que construiu. Na frente, há uma sala comercial onde funciona uma pequena empresa de motoboy, no meio do terreno fica a sua casa e, atrás, cômodos distribuídos em dois pisos, onde moram o casal de filhos que trabalha na empresa de motoboy, um neto e alguns inquilinos. A imigrante paraguaia continua o trabalho de militante política filiada ao Partido Liberal paraguaio e ao Partido dos Trabalhadores brasileiro e, desde que começou, há mais de quatro décadas, a acolher e orientar estrangeiros, nunca mais deixou de fazê-lo.

#### **2.2.4 Uma família libanesa**

O pai de Leila morava em uma aldeia muito pequena no Líbano, onde as oportunidades de trabalho estavam bastante restritas. Era casado e tinha três filhos pequenos quando decidiu vir para a Argentina e acabou, em 1932, desembarcando, por engano, no porto brasileiro de Santos, em São Paulo. Começou vendendo manga na cidade. Ganhava pouco. Insatisfeito decidiu mudar-se para uma cidade menor. Tomou um trem para o interior e desembarcou na última estação: Anápolis. Com o dinheiro que tinha, comprou uma mala e começou a mascatear: de fazenda em fazenda, casa em casa, roça em roça, vendia a mercadoria quando era possível, quando não, trocava por alimentos (queijo, ovos, frango, frutas). Mais tarde, montou uma barraquinha em um mercado, assim fixando as atividades comerciais. Somente sete anos depois, pôde trazer a esposa e o filho menor. Os outros dois filhos do casal permaneceram no Líbano aos cuidados dos avós durante mais seis anos, para, então, passados treze anos da vinda do pai, chegarem em Anápolis.

Em 1957, Leila nasceu e, em 1964, a família mudou-se para São Paulo. Decidiram voltar para o Líbano em 1973. Quando lá estavam há um ano, a guerra começou, então, decidiram retornar para o Brasil. No curto espaço de tempo que a família morou no Líbano, Leila – a brasileira que não falava árabe – conheceu Mustapha – o libanês que aprendeu algumas palavras do português para conquistá-la – casou-se, engravidou e ficou por lá. Seus pais e irmãos, de volta ao Brasil, foram morar em Sobradinho, cidade satélite de Brasília, onde permaneceram por

algum tempo. Mais tarde, retornaram para São Paulo e depois se deslocaram para Burity-MG.

Dois irmãos de Leila casaram-se e migraram para Foz do Iguaçu. Em 1981, Mustapha e Leila, agora, com um casal de filhos, decidiram morar no Brasil. Chegaram primeiro em Sobradinho.

Os irmãos solteiros resolveram morar em Foz, trilhando o mesmo itinerário dos irmãos casados. Com eles veio o pai, mais tarde, a mãe e a irmã. Mustapha e Leila também deixaram Sobradinho e seguiram rumo a Planaltina-DF onde tiveram o terceiro filho, depois para São Paulo e Uberlândia-MG, e, em 1995, aportaram em Foz do Iguaçu.

Mustapha veio primeiro. Começou com uma loja de confecções na Villa Portes, alugou um apartamento e trouxe a esposa e os filhos. Com a implantação do Plano Real e a conseqüente redução das vendas, muitos brasileiros e estrangeiros, dentre eles Mustapha, foi trabalhar no Paraguai, onde permanece desde 1995.

### **2.2.5 Uma família chilena**

Rodrigo nasceu em Concepción, no Chile. Os pais de Rodrigo se separaram quando ele tinha oito anos. A mãe continuou morando em Concepción e o pai, na ocasião da separação, emigrou. Inicialmente, Rodrigo desconhecia o paradeiro do pai, depois começaram os contatos por telefone, mas foi somente quando o pai fixou-se em Foz do Iguaçu, passados quatro anos da separação, que começaram as tratativas para a vinda de Rodrigo à Foz. O pai encontrou na cidade possibilidades de estabelecer-se economicamente explorando a atividade turística no ramo de hotelaria. É proprietário de um hostel que, mais do que um estabelecimento comercial, passou a ser a casa dos dois. Rodrigo chegou em 2001 para passar um ano em companhia do pai, estudar, e aprender outro idioma, desde então não quis mais voltar ao Chile.

### **2.2.6 Morfogênese familiar**

A família de Rodrigo é constituída por um progenitor, no caso o pai, que mora com o filho. Em Foz do Iguaçu e nas proximidades, não há parentes da família, a maioria deles reside no Chile.

Na família de Mei, relações são estabelecidas por laços de consanguinidade, de aliança e de afinidade. Os vínculos são estendidos para além daqueles constituídos por pais e filhos, envolvendo parentes diretos ou colaterais morando dentro do mesmo domicílio ou não. No caso de Mei, os parentes moram nos arredores da fronteira, alguns em Foz, outros em Ciudad del Este.

No caso de Enrique, o convívio mais estreito é com a esposa e os filhos, estendendo-se aos parentes colaterais residentes em Foz do Iguaçu, cidade natal da esposa.

O marido de Margarita necessitava ausentar-se do convívio conjugal por períodos, devido às perseguições políticas. Enquanto não podiam viver juntos, Margarita morou com parentes diretos e colaterais. Passado o período turbulento, o casal, mais quatro casais e seus descendentes diretos, partilharam a mesma casa. Mais tarde, a família restringe-se a Margarita, marido e filhos, todavia sazonalmente, já que passam a albergar imigrantes recém-chegados em Foz do Iguaçu. Por fim, o casal separa-se e, hoje, a família é composta pela progenitora que mora com os filhos e eventualmente, com algum imigrante, já que Margarita continua a hospedá-los.

Leila, Mustapha e os filhos, por muito tempo, mudaram frequentemente de habitação e de território geográfico. Nos últimos quinze anos, a família fixou-se em Foz do Iguaçu e seu convívio estendeu-se aos parentes diretos de Leila residentes na cidade.

As descrições acima lembram o que a literatura nominou como família monoparental patrifocal, extensa, nuclear, acordeão, alargada, comunitária, hospedeira, monoparental matrifocal, em trânsito ou flutuante, no entanto tais desenhos familiares não se encaixam unilateralmente em qualquer destas classificações, contrariamente distendem e, até mesmo, ultrapassam os limites previstos nas referidas categorias. São formações rebeldes, que não se enquadram em modelos preestabelecidos. A inexistência de regularidades parece ser uma característica daqueles que migram. Na fronteira dos três países, muitos outros delineamentos se formam. Os modos como os transeuntes apelam para seus mitos e recriam seus territórios, atendem a múltiplas demandas.

As famílias imigrantes mencionadas enfrentaram um desafio comum: a necessidade de construir um arranjo com suficiente plasticidade adaptativa ao novo local de destino. Os arranjos apresentados demonstram as particularidades

dos sistemas de reorganização estrutural e funcional operados na morfogênese de cada uma das famílias. Reafirmando a alteridade, é possível constatar tratar-se da “forma pela qual os seres humanos dão soluções diversas a limites existenciais comuns.” (ROCHA, 1994, p. 21).

O cotidiano das famílias imigrantes ultrapassa os contornos mais ou menos nítidos das genealogias, englobando vínculos de amizade, apadrinhamento e vizinhança. São relações de natureza simbólica e afetiva constitutivas de uma rede social de apoio que, diferentemente da família tradicional, se constrói a partir de acordos espontâneos.

Para Massey (1988, p. 396), redes migratórias podem ser definidas como “complexos de laços interpessoais que ligam migrantes, migrantes anteriores e não-migrantes nas áreas de origem e de destino, por meio de vínculos de parentesco, amizade e conterraneidade.”

As condições de permanência do imigrante e de seus familiares no país de destino dependem das diversas sociabilidades apoiadas no parentesco, mas também, nos amigos, na comunidade e nas relações anteriormente estabelecidas noutros países.

Antes da experiência migratória, as pessoas nem sempre são conscientes dos hábitos, estilos de vida, rituais, enfim, das práticas culturais cotidianas frequentemente tomadas como naturais. A imigração acentua os contrastes e destaca as diferenças. A cultura do imigrante operada natural e espontaneamente no país de origem, será objeto de estranhamento, curiosidade e indagação no país de destino, colocando o sujeito diante de uma nova demanda: pensar e interpretar seus códigos e sentidos culturais e passá-los para o código do outro promovendo as adaptações necessárias para torná-los inteligíveis.

A capacidade e/ou vontade de determinadas pessoas e grupos de promover tais traduções e decodificações, dependerá dos significados e representações de lealdade e fidelidade às tradições, produzidos em cada cultura. Portanto, os recursos e possibilidades para construção das novas sociabilidades – aportes culturais – definem a qualidade e intensidade das interações e desenham as condições de pertencimento.

A dinâmica das famílias imigrantes pode variar das relações presenciais confinadas em pequenas redes locais compostas de famílias nucleares e seus vínculos de parentesco (por afinidade e consanguinidade), alargar-se integrando

amigos de uma vizinhança específica muitas vezes adotados simbolicamente como parentes (incorporação), estender-se para além das fronteiras locais, cruzando cidades, nações, atingindo outros países, através de redes nacionais e internacionais. Alusivo ao exposto, reitera-se o caso do crescimento da família taiwanesa que congregou-se com pessoas não taiwanesas – familiares diretos, parentes e amigos das cônjuges brasileira e paraguaia – mas conservam rituais, alimentos, trajes, cenários e estilos ligados à memória familiar e territorial. Os significados destes elementos, no entanto, são outros, negociados no tempo presente dadas as especificidades da fronteira brasileira.

As imigrações internacionais, pela própria natureza carregam insurgências, demandam relações entre países, todavia, as condições de convívio entre familiares, amigos e vizinhos nos âmbitos local, nacional e internacional irão variar de acordo com as dinâmicas individuais e culturais.

Ao lembrar as dificuldades vividas na ocasião da emigração, o relato de Margarita ilustra a realidade das redes familiares internacionais ao referir o transbordamento dos Giménez para os países da Tríplice Fronteira:

*[...] nunca passei fome que eu me lembre, na minha vida, a não ser esses tempos que fui à Argentina, aí sim eu passei aperto, dificuldade mesmo. Porque meu marido tinha ido com o pessoal da guerrilha, eu fiquei sozinha com criança, sem saber o que fazer. Peguei o primeiro ônibus que tinha e voltei aqui em Iguazú, onde tinha um tio meu que era comerciante. Meu tio também estava em Puerto Iguazú. Tem Giménez brasileiros, argentinos e paraguaios.*

Pesquisas recentes desenvolvidas pelo Department of Anthropology and Sociology do Vancouver Centre of Excellence<sup>41</sup> sobre a imigração e integração na metrópole, privilegiam a compreensão das famílias imigrantes contemporâneas como heterogêneas, fluidas e constantemente negociadas na sua constituição e reconstituição espacial e temporal. Estes estudos demonstram que os grupos familiares podem adotar estratégias de sobrevivência extensivas, incorporando membros de diversos lugares. Nestas circunstâncias, a família redefinida como *transnacional*<sup>42</sup>, pode estar situada no país de origem e no país de destino e manter-

---

<sup>41</sup> Gillian Creese, Isabel Dyck e Arlene McLaren, 1999.

<sup>42</sup> Hyndman e Walton-Roberts, 1998.

se em contato com redes locais, nacionais e internacionais que incluem parentes e amigos.

Família portanto, do ponto de vista dos entrevistados e de suas trajetórias de vida, são arranjos construídos conforme praticantes e contextos de territorialidades. Estar na fronteira permite a passagem de um marco a outro: podem viver no Brasil, na Argentina e no Paraguai tecendo relações de estar no mundo. São significados que pertencem aos sujeitos e não às instituições. Eles respondem às expectativas das pessoas e de sua rede familiar que não mais são que estabilidades emocionais, afetivas.

### 2.3 VIZINHOS: CONHECIDOS, CONTERRÂNEOS E CORRELIGIONÁRIOS

Nas comunidades de destino, os imigrantes experimentam a distância da condição monopolizadora do convívio familiar fortemente abastecido pela presença do sujeito. Na ausência, os contatos, mesmo ocorrendo frequentemente, serão, inevitavelmente, intervalares e intersticiais. É o momento do saber incorporado, constantemente reinventado e revitalizado pelas memórias do passado, misturar-se ao aqui-e-agora, demarcando “a importância do presente na nova presença no mundo.” (MAFFESOLI, 2007, p. 187).

Acomodados os conflitos e tensões familiares, os revezamentos surgem como novas demandas relacionais: outros amigos, espaços, ocupações, lazeres, enfim, outras presenças.

As novas formas do imigrante se fazer presente implicam na articulação do conhecido (sua cultura) com o desconhecido (outras culturas). O acesso às culturas desconhecidas se faz através do contato com os seus sujeitos culturais. Distantes dos familiares, os imigrantes precisam contar com outros próximos. Trata-se, como já mencionado no capítulo I (página 34), dos sentidos inventados e ritualizados para os encontros entre estranhos nos espaços de fronteira.

O trecho abaixo descreve a resposta de Enrique quanto às condições de acolhimento no país de destino. O argentino lança mão de uma experiência anterior à imigração como recurso explicativo. Trata-se da viagem a São Paulo quando foi recebido por um brasileiro, durante o período do evento desencadeador do deslocamento. Curiosamente o nome do anfitrião da história era Égulos, sendo

irresistível a associação deste e de tantos outros brasileiros aos reis dos pequenos territórios, denominados régulos<sup>43</sup>.

*São Paulo, primeira viagem, no curso. Eu não conhecia a pessoa. Me lembro do nome, Égulos, São Paulo, capital. Imagina São Paulo, chego com minha irmã que foi fazer o mesmo curso. Então nos instalamos na casa de um desconhecido e ele disse: “a casa é sua, a geladeira é sua, a cama é sua, os livros são seus. Eu tenho que sair trabalhar, por favor, fique à vontade”. O estrangeiro pensa: o que ele vai me pedir quando voltar? A gente não está acostumado com essa bondade. Ele voltou e disse: “Vamos comer, vamos jantar”. E nós não entendíamos tanta hospitalidade. Nós temos um pouco de receio. Só abrimos a porta para alguma pessoa quando temos confiança ou quando é indicada por outra pessoa, não a um desconhecido.*

Nesta narrativa, é o acolhimento desnaturalizado, situado além dos domínios da família, mais precisamente na casa do outro, o estranho, que se faz intrigante.

Em terra de estranhos, o jeito é identificar, dentre eles, os promitentes afínicos: a boa vizinhança.

*Nós tivemos a sorte grande de ter vizinhos muito bons. Então começamos a conviver com essas pessoas, eram brasileiros. Às vezes passo por lá e reconheço a casa onde moramos, em uma das partes. Eu vi a casa de uma senhora que era muito vizinha nossa, eu vi a casa ainda do jeito que era. A casa onde morávamos já não é, mudou, fizeram dois andares. E inclusive, a dona da casa onde a gente morou, somos amigas, quando a gente se encontra faz uma festa (Margarita).*

Os sujeitos da pesquisa percebem a boa vizinhança como aquela que apresenta contiguidade, solicitude e empatia.

A *contiguidade* permite a conexão, se faz nas trocas sistemáticas, na proximidade própria da convivência conforme destaca Valois:

*Eu me sinto mais à vontade aqui. Sim, porque eu tenho algum parente ainda lá, mas até chegar à casa de um parente eu quase não*

---

<sup>43</sup> Esta expressão pretendeu originalmente diminuir a carga semântica da palavra “rei” quando aplicada a africanos, tendo designado detentores de posições políticas com estatutos tão díspares como os imperadores de Gaza e os chefes subalternos que administravam pequenas partes do território liderado pelos seus chefes de linhagem. No século XX, esta figura veio a ser integrada na estrutura administrativa colonial para efeitos de recolha de impostos, de controle e de mobilização laboral de “indígenas”. (GRANJO, 2008, p. 223).

*conheço ninguém. Aqui não. Aqui, chegando à ponte eu já vi um conhecido meu. Eu me sinto mais em casa aqui (Valois).*

Os conhecidos são aqueles com quem são mantidas relações frequentes embora superficiais, ainda assim, para Valois tais relacionamentos são mais compensatórios e vantajosos. Neste sentido, o que conta é a convivência abastecida pela presença das pessoas. Nota-se que transcorridas mais de quatro décadas da imigração, os conhecidos de Valois estão no território de fronteira (a ponte) e brasileiro (Foz do Iguaçu) e os desconhecidos, no país de origem (Paraguai). Os itinerários no território paraguaio não são mais praticados, percorrê-los eventualmente é insuficiente para sustentar a experiência. Nem mesmo o fato de encontrar os parentes que ainda restam por lá é o bastante para Valois aguentar o desértico deslocamento.

As pessoas que moram na mesma rua ou nas imediações, mas também os colegas de trabalho e os que habitam ou transitam nos arredores dos espaços laborais se encontram com uma certa frequência e regularidade, o que favorece o convívio. Os provérbios populares *quem é vivo sempre aparece* e *quem não é visto não é lembrado*, expressam que o “bom convívio social” prescreve como norma o estar perto, fazendo-se contiguamente presente.

*Aqui, a forma de contato quase não encontra argentino. Paraguaio, já estou bastante tempo aqui e tenho amigos, conhecidos e brasileiro também (Mei).*

*Faltam oportunidades. Falta de convívio, eu não tenho vizinhos paraguaios, nem argentinos (Alex).*

Mei lança mão da ausência ou da inexistência de argentinos na vizinhança de casa e do trabalho e Alex, de paraguaios e argentinos, para explicar o fato de não terem amigos destas nacionalidades.

A *solicitude* envolve confiança, boa vontade e o empenho em ajudar – corresponde à condição de solidariedade. Carlos conta que:

*Ninguém me conhecia. Ninguém me ajudou, mas, à medida que fui chegando aqui, aí encontrei pessoas que me deram uma mão, porém depois de me conhecer bem. Seis meses eu estive parado, buscando um lugar para alugar (para montar a oficina). Mas como eu não tinha*

*CPF, ninguém queria me alugar. O vizinho da frente foi o que me deu a primeira mão. Pedi para esse vizinho me dar um aval, para alugar a oficina e poder trabalhar.*

O depoimento sugere que a solicitude ultrapassa a simpatia e a cordialidade, exige predisposição para o acolhimento na atenção e escuta a histórias e necessidades do outro e atitude no sentido de ajudá-lo naquilo que precisa. Requer dos envolvidos uma confiança, mesmo que presumida por uma espécie de espreita mútua sucedida nos contatos contíguos: Carlos decide pedir ajuda ao vizinho presumindo sua solidariedade e boa vontade e este presume que Carlos seja confiável ao conceder-lhe o aval. Neste estágio, as trocas de bens simbólicos, materiais e afetivos são consideradas indicadores de boa vizinhança.

A *empatia* é a capacidade de admirar, compreender, identificar-se com o outro – o estado de reciprocidade afetiva. É provável que a confiança presumida esteja estreitamente relacionada à empatia significada, de modo geral, como a capacidade de colocar-se no lugar do outro, sentir o que ele sente. Esta é, aliás, uma das acepções do vocábulo. Todavia, faz-se necessário observar de que outro se está tratando: o outro cônjuge, parente, compatriota, correligionário? O outro “semelhante” ou o outro “estrangeiro”? Ou ainda: o outro mais ou menos estrangeiro? Laços diferentes correspondem a regras ou padrões de sociabilidade diferentes.

A empatia ou a reciprocidade afetiva implica o reconhecimento entre pessoas. Exige a ação de reconhecer e de ser reconhecido, no entanto, são os recursos referenciados pelo “eu” que permitem mais facilmente reconhecer o “outro” e vice-versa. Sendo assim, trata-se mais do colocar o “eu” no lugar do “outro” do que o contrário, ocorrendo, portanto, uma aproximação pela identificação das supostas semelhanças ao invés da compreensão das diferenças.

Quase todos os imigrantes participantes da pesquisa concordam que há mais diferenças do que semelhanças entre nativos e estrangeiros o que implica em distanciamentos. Suas falas revelam uma empatia que se assenta nas semelhanças, sejam elas reais ou imaginárias.

*Com a experiência nossa, de meio século aqui no Brasil, eu achei que o brasileiro é mais receptivo ao imigrante, porque os costumes muito pertos, os entendimentos muito parecidos, a estatura parecida, fisionomia parecida (Alex).*

*Poucas diferenças. Porque o povo brasileiro é migrante. Misturado (Mustapha).*

A concepção que privilegia as aproximações a partir de supostas afinidades, reflete diferentemente na solidariedade praticada por estranhos (naturais ou nacionais e outros estrangeiros) ou por familiares (familiares e parentes). Na primeira condição, as maneiras de ajudar envolvem uma dádiva sem risco de perda ou prejuízo material ou simbólico para aquele que ajuda, implicando em uma solidariedade centrada no eu, condicionada à disponibilidade daquele que ajuda, circunscrevendo as necessidades do outro, como periféricas. Na segunda, a dádiva resulta de relações de confiança no grupo familiar e das trocas que nele se estabelecem, entendendo-se a ajuda como oportunidade de demonstração de afeto e fortalecimento dos vínculos.

Na obra *O Ensaio sobre a Dádiva*, Mauss (1988) declara que a vida social constitui-se de um constante dar-e-receber, trocas que de acordo com pessoas, grupos, contextos e circunstâncias assumem variadas formas de retribuição pessoal. Para o autor, a dádiva, ato espontâneo e ao mesmo tempo obrigatório, não está restrita aos presentes, incluindo visitas, festas, partilhas e heranças, dentre outras prestações.

No entendimento de Degenne e Lebeaux (1997) existem as trocas *restrita* e *generalizada*: na *restrita*, operada entre colaterais, amigos e vizinhos, uma dádiva recorre a outra dádiva (retribuição direta e imediata). A relação de confiança é frágil constituindo-se, portanto, em fonte de tensão e instabilidade. Na *generalizada*, a dádiva circula no interior da família, sustentada por um alto nível de confiança no conjunto dos sujeitos envolvidos, embora os laços sejam de natureza variável e, nem sempre, estáveis. Logo, a dívida é revestida de positividade, podendo a retribuição ser mediata, assimétrica, de longo prazo e, em alguns casos, até mesmo inexistir.

Considerando as proposições de Mauss, Degenne e Lebeaux a respeito das trocas sociais, associadas às narrativas dos sujeitos, é possível inferir que os pontos de apoio dos imigrantes da pesquisa estão ancorados predominantemente em familiares e conterrâneos, sendo eles os agentes procurados na ocasião de chegada no Brasil, como demonstrado a tabela abaixo.

Imigrantes	Contatos na chegada ao Brasil?	Contatos na chegada em Foz do Iguaçu?
Leila (remigração)	Pais e irmãos.	Pais e irmãos.
Mustapha	Familiares de Leila, sua esposa.	Familiares de Leila, sua esposa.
Alex	Pais.	Amigos da comunidade árabe.
Mari	Veio para casar-se com Alex.	Amigos da comunidade árabe.
Mei (acompanhada do pai)	Familiares.	Familiares.
Qin Yon	Irmão.	Irmão.
Margarita	Familiares.	Familiares.
Valois	Irmão.	Irmão.
Maria	Veio para casar-se com Valois.	Valois.
Rodrigo	Pai.	Pai.
Carlos e Norma	Não tinham contatos.	Não tinham contatos.
Enrique	A atual esposa.	A atual esposa.
Mario (acompanhado dos pais)	Familiares da mãe.	Familiares da mãe.

Figura 17: Quadro – Contato dos imigrantes no país de destino.

Na imigração, o que à primeira vista parece a saga da desagregação familiar corresponde à gênese de novas formas de agregação móveis e estendidas. A importância das pessoas da mesma terra, partilhantes de códigos linguísticos e culturais comuns manifesta-se nas seletivas preferências para convivência:

*Meu único amigo em Foz do Iguaçu, que eu considero mesmo, e eu sei que ele também considera, é o Youssef. E eu tenho outros dois amigos que moram em Uberlândia, um árabe e um brasileiro, um chama Ronaldo Arantes e o outro Bakar. Esses que eu conheço de amigo. Hoje está difícil de a gente ter muita amizade. E eu tenho também meu genro, meus filhos, tenho dois filhos grandes (Mustapha).*

*Eu acho que deveria ter mais abertura dos dois lados, tanto dos brasileiros quanto dos árabes. Os libaneses não dão tanta abertura para ter amizade com estrangeiro, mesmo morando aqui, então a preferência é entre si. E os brasileiros respeitam, gostam, mas meio de longe, eles tem receio também. Talvez se isso não existisse, seria a melhor coisa. Apesar que a gente conhece a maioria dos árabes, nós frequentamos a casa deles, eles frequentam a nossa, mas não é aquela coisa de amigo, amigo, amigo (Leila).*

*Nosso costume é visitar os parentes, a família, continua a mesma coisa. Quando alguém fica doente, todo mundo vai visitar. E quando tem um casamento. Então quando convidados a gente se reúne. Continua a mesma coisa como se estivesse no Líbano (Alex).*

Os agrupamentos humanos são dinâmicos e mutantes. Os motivos de adesão e pertencimento de hoje podem não mais sustentar a permanência no grupo

amanhã. Para manter-se em meio aos concidadãos, às vezes, é necessário promover novos deslocamentos, como fica claro no depoimento de Alex:

*Nós saímos de Santa Catarina, porque não tinha amparo social. Convívio social em nossa comunidade, dentro da colônia. Colônia árabe como em Foz não tem. Eu saí de Santa Catarina pra morar aqui por causa do meio social. Meus amigos prediletos, assim. E eu perdi meus companheiros lá, todos migraram para outros países e não tem mais ninguém da minha geração, a sociedade se transformou completamente, não tem os amigos que eu convivi com eles lá.*

As redes sociais denominadas *espontâneas* ou *primárias* são compostas por familiares, vizinhança e comunidade e as *secundárias*, são aquelas formadas por organizações criadas institucionalmente com fins e funções determinados (SCHLITTLER, 2004). Estas últimas reúnem correligionários partilhantes de princípios filosóficos, políticos e religiosos, dentre outros. Nos estudos de Castles:

[...] as redes assentes em laços familiares ou de conterraneidade proporcionam ajuda útil para arranjar abrigo, trabalho, assistência nos processos burocráticos e apoio perante dificuldades pessoais. Estas redes sociais tornam o processo migratório mais seguro e facilitado para os imigrantes e suas famílias. (2005, p. 24).

Dentre os participantes desta pesquisa, a experiência de Margarita permite contextualizar as redes de apoio aos imigrantes. No início do processo migratório, Margarita relata passagens em redes comunitárias *espontâneas*. A própria predisposição em morarem quatro casais na mesma casa, indica uma propensão ao espírito coletivo:

– Por quanto tempo moraram assim (residência comunitária)?

Margarita: *Moramos muito tempo, uns três anos. Daí a gente começou a fazer amizade, já tinha outros paraguaios também, aqui tinha paraguaios que moravam muito tempo, então orientavam a gente.*

– E como era essa orientação?

Margarita: *Eles ensinavam como nos integrar aqui. Uma senhora nos ensinou a fazer compras na Argentina, que ela já ia fazer compras lá.*

– Comprava para uso pessoal ou para vender?

Margarita: *Primeiro compramos para uso pessoal, depois fomos negociando um pouquinho.*

Às orientações praticadas pelos conterrâneos, imigrantes mais antigos, na qualidade de uma interdependência solidária, soma-se a assistência da Pastoral do Migrante que se autodenomina como instituição dirigida ao acolhimento, orientação e integração social e eclesial do migrante. Margarita fala sobre sua adaptação em Foz do Iguaçu, ressaltando o aprendizado da língua portuguesa e de outros conhecimentos adquiridos na sua relação com a Pastoral:

*Para mim (a adaptação) não foi muito difícil, porque eu sempre fui muito comunicativa. Então o português eu aprendi rapidinho, falava tudo atravessado, mas dava pra entender o que eu falava e com o tempo eu fui me adaptando. Inclusive, a gente aprendeu mais coisas. Eu trabalhava com a Pastoral, uma ala da Igreja Católica que tratava sobre mulheres, uma forma de conscientizar as pessoas. Nessa parte me coube a parte dos imigrantes latinos. Então, nós éramos referência pro pessoal que vinha do Paraguai. Porque naquele tempo tinha gente correndo do Paraguai, então aonde eles vinham? Vinham aqui, ou era na casa da dona Margarita, ou era na casa da senhora dona Mânsia, ou na casa de um outro senhor que se chamava Tito Morales. Então a gente acolhia essas pessoas também. Elas ficavam morando com a gente até encontrar alguma coisa pra fazer, ou voltar. Era como uma ponte para as pessoas.*

Na condição de ativista do Partido Liberal paraguaio apoiado, no Brasil, pelo Partido dos Trabalhadores, Margarita afirma serem os seus amigos, na maioria, paraguaios:

*A maioria dos meus amigos é paraguaia. Sim, porque a minha militância dentro do partido político é o que mais me acerca a essas pessoas. Eu sou do Partido Liberal e a gente continua trabalhando até hoje. Fazemos reuniões, tratamos de dar nossa opinião pro pessoal de lá, porque tem pessoas que a gente apoia. É por aí que ficamos mais perto um dos outros. Dentro do partido, quando vai ter uma eleição, já tenho todos os nomes, já ligo pra eles.*

As redes espontâneas, como por exemplo a tecida para o albergamento domiciliar dos recém-chegados, se misturam com a Pastoral, porta de entrada dos imigrantes, e com as redes partidárias, uma vez que os locais de acolhimento – as casas dos ativistas Margarita, Mânsia e Tito Morales – funcionam como tribunas domésticas, locais onde partidários e prováveis filiados se encontram e ritualizam as

práticas políticas cotidianas. O trecho transcrito abaixo ilustra as referidas interconexões:

– Então, dentro da Pastoral, o seu trabalho era o acolhimento desses imigrantes latinos?

Margarita: *Exatamente, mas se tratava de imigrantes em geral, alguns vinham porque eram muito pobres, outros fugindo de regime militar.*

– A senhora se relacionou, nessa experiência, com pessoas de que países?

Margarita: *Mais com paraguaios. Tinha também de outros países, mas poucas pessoas: chilenos, argentinos, peruanos.*

– Quanto tempo a senhora trabalhou na Pastoral?

Margarita: *Trabalhei mais ou menos oito anos.*

– Foi logo que a senhora chegou ao Brasil? Ou demorou um tempo?

Margarita: *Eu soube da Pastoral através de conhecidos, amigos, tinha uma freira também, a irmã Ilse, a irmã faleceu em um acidente. A gente se encontrou com ela, conversou e a gente fez um grupo, depois disso a gente trabalhou politicamente, formamos aqui, não lembro que nome nós demos pra esse grupo de pessoas. Aí já integrado com opositores brasileiros que nos ajudaram, pois nós aqui não tínhamos aquela força. E nós queríamos divulgar a verdade sobre o Paraguai, porque muitos desconheciam a verdade sobre esse ditador, sobre Strossner, muitos pensavam que o Paraguai era um país tranquilo, que não tinha greve e não era nada disso. Se houvesse algum pequeno movimento dentro do Paraguai eles acabavam de qualquer maneira.*

– E essa participação como ativista política que a senhora teve nesse período durou quanto tempo?

Margarita: *Durou até a queda do Strossner. Quem nos ajudou muito nisso, foi o Aluizio Palmar e Juvêncio Mazzarollo, teve outros partidos que não me vêm à cabeça no momento. Mas teve muita gente, aqui tinha uma doutora, uma médica que também era da oposição, a gente se juntou, fizemos como um acordo nacional. Todos os partidos da oposição se juntaram aqui, porque eu pertencia ao partido Liberal, tinha gente do partido Colorado, que era o partido que dava sustentação ao Strossner. Só que se dividiu esse partido, tinha os colorados que eram mendezfreitistas, que era tio do atual governo, do Lugo. Então tinham os mendezfreitistas que eram opositores a Strossner. Então a gente se juntou e fizemos o trabalho juntos.*

A Pastoral do Migrante foi implantada no Brasil, no final do século XIX como projeto organizador das ações da Igreja Católica promotoras do enquadramento do imigrante ou do fiel fora de sua pátria. De acordo com Souza (2000, p. 78) “[...] a Igreja era diametralmente contra a emigração. Entretanto, como não conseguiu impedi-la, viu-se levada, pela realidade social de um contingente imigratório cada vez maior, a dar uma resposta eclesial ao problema, o que se deu com a Pastoral do Migrante.”

Os depoimentos de Margarita evidenciam a formação de redes de conhecimento nas fimbrias do saber dominante. As substâncias e as práticas

religiosas demonstrativas da inserção sociorreligiosa dos imigrantes, objetivo formal da Pastoral do Migrante, nem sequer aparecem nas falas de Margarita, ao contrário, no momento em que a imigrante refere a participação da irmã Ilse na formação de um grupo político para denunciar *a verdade sobre o Paraguai* governado por Strossner, parece a vitalidade da comunidade de ideias e ideais políticos daquele grupo ter exercido poder sensibilizador sobre a freira, membro da comunidade eclesiástica. As declarações suscitam a tentativa de uma mutualidade doutrinária e, realidade ou não, apontam para um maior protagonismo de Margarita acompanhada de seus correligionários.

A força potencial destas redes de conhecimento talvez esteja na utopia como forma ideológica depositária dos sonhos, desejos, aspirações e inspirações que habitam o imaginário dos seus protagonistas. Maffesoli afirma que:

[...] a utopia nos mostra qual pode ser a eficácia das representações. Sua lógica e sua exposição remetem ao mundo irreal que leva a ver ou a pensar o que se acha oculto, seja potencialmente, seja simplesmente suposto nesta ou naquela estruturação social. Da utopia nacional à utopia familiar, passando pela utopia comunitária – são numerosas as projeções imaginativas que atormentam as associações, livres ou forçadas, de indivíduos. [...] Não se trata de sobrevalorizá-la; tampouco é preciso considerá-la projeção inconsistente; [...] é suficiente aceitá-la em sua imperfeição, em suas inaptidões e inépcias – mas também em suas grandezas, como índice exemplar da finitude humana.

Para o autor (2007, p. 209), “existe na experiência algo que ultrapassa o aspecto incorrigivelmente ideológico ou idealista das teorias abstratas” e talvez este algo possa ser a capacidade de pessoas como Margarita verem ideais e utopias no desenrolar da vida do dia a dia e não fora dela:

*Acho que o motivo da vida da gente é, por exemplo, eu fiz seis filhos, pra mim me realizaria totalmente vendo meus filhos bem! Dei o estudo que eu pude pra eles. E a minha felicidade e minha vida seriam completas, vendo meus filhos todos bem direcionados trabalhando honestamente. A minha vida se resume nisso. Eu sou feliz, porque eu me criei sem pai, sem mãe, só com minha vó e eu consegui fazer rancho (casa), é uma vitória. E, além disso, ajudar as pessoas na maneira do possível. Minha irmã estava falando comigo esses dias, você se deixa tanto, seu cabelo está feio, você faz tanto pelos outros e não faz por você? Mas eu me sinto bem, já estou velha mesmo. A gente se sente bem, por exemplo, eu estou aqui em casa e estou com um monte de comida e vêm conhecidos e comem*

*minha comida, eu me sinto tão feliz. Pra mim isso é uma felicidade. De ter pra oferecer. Gostaria que o mundo fosse assim!*

## 2.4. VIVENDO ENTRE BRASILEIROS

No Brasil, ouve-se recorrentemente a expressão “o povo brasileiro é...” acrescida dos mais diversos adjetivos, dentre eles, amistoso e acolhedor. O país reúne mais de 196<sup>44</sup> milhões de pessoas espalhadas em território correspondente a 8.502.728,269 km<sup>2</sup>. Para cada um destes brasileiros, há uma experiência quanto à *brasilidade*.

O que de fato é ser brasileiro? O que representa a nacionalidade? Diferentes naturalidades configuram a nacionalidade? O que faz uma cultura ser nacional? Individualidades participam em qual medida da construção de uma identidade local, nacional e global?

Se compreender os perfis das populações de qualquer Nação fosse o objetivo, muitas outras indagações poderiam ser feitas, como não é, estas são suficientes para ilustrar a complexidade das sempre controvertidas identidades nacionais. No Brasil, tornam-se mais controvertidas ainda quando examinadas formal e normativamente nas visões tradicionalmente naturalizadas e essencialistas, indiferentes às lógicas cultivadas e operadas nos meandros relacionais da sociedade brasileira.

Diferentemente das sociedades individualistas, cujas estruturas atuam no sentido de sustentar determinada monovisão de mundo, nas sociedades relacionais, a exemplo da brasileira, mundovisões e infinitos códigos de comportamento são praticados complementar e simultaneamente.

A imprecisão é inerente à identidade social, conceito de natureza plural que se propõe a façanha de estabelecer unidades na multiplicidade, ou seja, encontrar propriedades comuns ao povo sitiado em determinado território nacional. Esta imprecisão indica que as práticas distanciam-se dos conceitos, demonstrando-se mesmo rebeldes e não suscetíveis de controle.

Enquanto conceitos, a identidade social nacional busca destacar elementos universais, transpondo o singular, e a identidade pessoal, acentuar particularidades pretendendo ultrapassar o plural e o global; a identidade cultural procura estampar e

---

<sup>44</sup> Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE em dezembro de 2011.

nomear as nuances e gradações das variantes locais, dos tantos grupos interiorizados nos bairros, cidades e estados nacionais.

Tratar de identidades é, portanto, o mesmo que percorrer caminhos labirínticos, difíceis de traçar e mapear. É compreensível que nesta estrada, Leila, a brasileira descendente de libaneses, tenha declarado *eu não sei bem o que sou para falar a verdade*, ao explicar que no Líbano é considerada brasileira e no Brasil considerada libanesa. Neste sentido, não é possível desprezar que os sistemas, especialmente os políticos, trabalharam e trabalham com conceitos que se desdobram em ações de gestão do espaço e de pessoas. Contudo, para além dos sistemas, vemos a rebeldia dos sujeitos em relação a estes determinismos.

A indefinição de uma identidade para o imigrante também se aplica aos brasileiros que, em deslocamento ou sem sequer sair do lugar, permanecem imersos em múltiplos universos interculturais.

Nas teses de DaMatta (1997, p. 67) sobre a sociedade relacional brasileira, a visão do país a partir da *casa* é de que “nossa sociedade é uma grande família”, nela há lugar para todos. Por outro lado, na visão da *rua*, “ficamos a mercê de quem quer que esteja manipulando a ordem social naquele momento.” O autor afirma que a *casa* provê uma leitura especial do povo brasileiro, nela ele é:

[...] membro perpétuo de uma corporação (a família brasileira) que não morre e que, com sua rede de compadres, empregados, servidores e amigos, tem muito mais vitalidade e permanência do que o governo e a administração pública, que sempre competem com ela pelo respeito do cidadão. (2001, p. 28).

A imagem do Brasil que acolhe e aprecia a diversidade, já é conhecida dos imigrantes antes mesmo da chegada no território brasileiro, o que muitas vezes funciona como fator motivador da escolha do país e, neste estudo, mais especificamente, da cidade de Foz do Iguaçu como destino imigratório. Evidentemente, a representação da cordialidade e hospitalidade brasileiras circula em muitos espaços, especialmente no político e econômico que fazem deste discurso um território turístico, no entanto, também é recorrente nos microespaços atingidos pela pesquisa. Neles, os sujeitos quando falam dos brasileiros estão em verdade, referindo-se, quase sempre, àqueles com os quais convivem ou conviveram em algum momento, todavia as impressões auferidas nestas relações

pontuais são irradiadas ao povo brasileiro. Do mesmo modo, qualificam frequentemente o Brasil a partir do que conhecem e experimentam em Foz do Iguaçu e nos poucos municípios visitados ou onde residiram.

São visões do país construídas a partir das relações estabelecidas com brasileiros, nativos e migrantes, muitos deles vivendo na fronteira: aqueles que abrem as portas para os estrangeiros e para os quais também estes o fazem. Trazem consigo a positividade própria do Brasil visto de casa, do lugar onde se vive. Como afirma DaMatta (1997, p. 11), as “leituras pelo ângulo da casa ressaltam a pessoa. São discursos arrematadores de processos ou situações. Sua intensidade emocional é alta. Aqui, a emoção é englobadora<sup>45</sup>, confundindo-se com o espaço social que está de acordo com ela.”

As redes de relacionamentos entre estrangeiros e brasileiros se formam em infinitos laços de relações sociais marcados por positivities frequentemente ressaltadas e negatividades quase sempre ocultadas. Dos sujeitos desta pesquisa, apenas um contrariou a imagem de positividade atribuída pelos demais aos brasileiros, indicando ser esta mais uma das searas em que não há unanimidades.

Atentos à política de boa vizinhança que não recomenda desqualificar alguém na sua própria casa, imigrantes são cautelosos evitando impasses interculturais, contudo, é provável que entre conterrâneos, as regras sejam outras.

Ao mesmo tempo que visto de fora, *da rua*, à distância, a óbvia natureza estratégica que perpassa os discursos de positividade enunciados pelos imigrantes acerca do Brasil e dos brasileiros, operada como recurso para mitigar o espaço de fronteira, corresponde a uma constatação geral; de dentro, *de casa*, de perto, é possível perceber detalhes e contornos próprios da especificidade desta e de outras evidências e obviedades.

A qualidade e a contiguidade das redes de relacionamento, de intersubjetividades destes sujeitos (estrangeiros e brasileiros), quando assumem dimensões mais íntimas e singulares descortinam percepções de naturezas igeneralizáveis que podem variar do previsível ao incidental. Por exemplo, o ato litúrgico de permitir ao estranho entrar na casa, desvendar espaços reservados e tornar-se parte do seletivo universo secretamente particular da família imigrante rompe a fronteira entre mundos divididos, permite a conexão e a proximidade,

---

<sup>45</sup> DaMatta lança mão do conceito de *englobamento* por Louis Dumont, como operação lógica em que um elemento é capaz de totalizar o outro em certas situações específicas.

unificando, mesmo que temporariamente, pessoas e práticas. Estes episódios rituais que colocam o convidado em contato com perspectivas desconhecidas, diante do novo, do inesperado, do incontrolável, representam uma mudança marcante na rotina social provocando empatia, identificação e o desejo de contiguidade das trocas sociais interculturais.

Tais experiências relacionam identidades e alteridades, confrontam simbolismos produzidos por anfitriões passíveis de tradução pelos convidados. A ritualização incrementa a sensibilização provocada pela inclusão e, através dos objetos, alimentos e sons, dentre outros elementos constitutivos acrescentados ao cenário em razão do ritual, acentua e realça a plástica do ambiente estimulando a captação e a apreensão sensível, afetiva, estética e cognitiva do espaço vivenciado.

Há uma reciprocidade acerca do poder de atratividade que os imigrantes e seus territórios particulares exercem sobre nativos e vice-versa. Arruda (1998) refere, com base na Teoria das Representações Sociais, que a diferença manifesta-se como o contorno mais saliente e intrigante da alteridade, todavia, o que desconcerta é que, em verdade, o outro é um semelhante que não conseguimos situar.

O outro, ao mesmo tempo diferente e semelhante, estará nítido-difuso, próximo-distante, interiorizado-exteriorizado a depender de conjunturas e circunstâncias pessoais, sociais, culturais, políticas e econômicas, desdobradas em inumeráveis arranjos intra e interrelacionais.

Na Tríplice Fronteira, os outros, sujeitos desta pesquisa – paraguaios, argentinos, chilenos, libaneses, taiwaneses e brasileiros – promovem impessoalidades e intimidades, preservam sentidos tradicionais e descobrem novos rumos, somam e subtraem sociabilidades, produzem, inventam e reproduzem representações na tentativa de conciliar múltiplos mundos e pertencimentos lançando-se nos premeditados, perigosos, implacáveis; prováveis, dominados, seguros; imprevisíveis, prazerosos, surpreendentes jogos cotidianos.

### 3 ESPAÇOS E PRÁTICAS INTERCULTURAIS

#### Uma Vida Normal

- Como a senhora descreve sua maneira de viver?  
 Margarita: *Sei lá, acho que a minha vida é uma vida normal.*  
 – O que é uma vida normal para a senhora?  
 Margarita: *Fazer as coisas que tem que fazer.*  
*Fazer algumas outras coisinhas que a gente gosta.*  
*Visitar amigos, prostrar um pouco,*  
*escutar um pouco também as dificuldades dos outros,*  
*com isso a gente aprende, com esse diálogo.*

A vida normal descrita por Margarita acentua os *fazer*s e nomeia dois deles: *visitar* (deslocar-se) e *dialogar* (trocar). A decisão de visitar implica em ir ao encontro de alguém e, neste deslocamento, encontrar outros no percurso e no destino: mirar desconhecidos, cumprimentar conhecidos vistos incidentalmente, permutar um “dedo de prosa” e, chegando ao destino, dialogar com aquele ou aqueles que, se sabe, estarão lá e com outros que, por ventura, por lá também possam chegar ou passar.

Muitas pessoas se reconheceriam no relato de Margarita, embora as experiências, os lugares e elencos partilhantes, não fossem os mesmos. A *razão sensível* que provoca além do reconhecimento desta história, a sua compreensão, é a escuta do outro na leitura de uma experiência vivida comunalmente, seja esta vivência eventualmente consciente ou, até mesmo, inconsciente.

Talvez o que Maffesoli (1998, p. 99) refira como *potência de sociabilidade*<sup>46</sup> esteja na base destas experiências comunalmente vividas ao modo do que o autor chama de uma *religiosidade contemporânea* relacionada não “com um futuro a fazer mas com um presente a viver de uma maneira empática com outros.” Trata-se de liberdades intersticiais em exercício que realizam as pequenas utopias coexistindo nos mesmos espaços cotidianos onde opera o *télos* das utopias compulsórias. As pequenas utopias carregam, portanto, o caráter ordinário. São aquelas possíveis de

<sup>46</sup>[...] pode-se sugerir que a essência da *Polis*, do viver junto, não é nem o Estado, nem a Cidade, nem a Instituição, todas essas coisas resumindo-se no social racional, contratual, mas, sim, o *Polos*, o eixo em torno do qual tudo se move. Associação que permite compreender que o fundamento da vida em sociedade é um querer-viver instintivo, o *élan vital*. Aquilo que, de minha parte, chamei de a “potência” societal. (Maffesoli, 2010, p. 87).

serem semeadas e cultivadas cotidianamente, não estão distantes e tampouco próximas do cotidiano, estão nele interiorizadas.

O trecho da narrativa de Margarita engasta-se às pesquisas de Certeau (1998, p. 202) acerca dos lugares transformados em espaços porque praticados, vividos pela e na interação dos transeuntes. De acordo com o autor, “a rua definida geometricamente pelo planejamento urbano é transformada em espaço pelos caminhantes.” As ruas da cidade, portanto, apresentam fronteiras claras, demarcadas. Por outro lado, as fronteiras dos espaços são múltiplas, difusas, móveis e imprecisas porque representam construções simbólicas.

A polissemia das construções de natureza simbólica pode ser verificada, por exemplo, quando confrontamos espaços de maior ou menor *precisão simbólica e conceitual* (TUAN, 1983). A casa, a rua e o bairro onde se mora fazem parte da vida íntima de cada pessoa, são espaços particulares de maior precisão simbólica porque vivenciados diretamente, no entanto, ao dobrar as esquinas da rua e cruzar os limites do bairro, a intimidade vai ficando para trás e a experiência adotando um tom de superficialidade. Distante da casa e da rua, mergulhado noutros bairros, o cidadão transita da experiência direta à indireta adentrando aos domínios dos espaços públicos.

De acordo com Mayol (CERTEAU, GIARD e MAYOL, 1996, p. 41) o bairro “é o pedaço da cidade atravessado por um limite distinguindo o espaço privado do espaço público: é o que resulta de uma *caminhada*, da sucessão de passos numa calçada, pouco a pouco significada pelo seu vínculo orgânico com a residência.”

Embora, nos tantos bairros espalhados pelo território urbano predominem as experiências indiretas, neles estão também fortemente presentes as experiências diretas dos sujeitos que fazem dos lugares e itinerários eleitos em meio ao todo da cidade, espaços de intimidade.

Refazendo os percursos, revisitando os lugares, reencontrando pessoas, o usuário começa a sentir-se em casa nos lugares públicos selecionados.

A cidade é, no sentido forte, “poetizada” pelo sujeito: este a re-fabricou para o seu uso próprio desmontando as correntes do aparelho urbano; ele impõe à ordem externa da cidade a sua lei de consumo de espaço. O bairro é, por conseguinte, no sentido forte do termo, um objeto de consumo do qual se apropria o usuário no modo da privatização do espaço público. (MAYOL, 1996, p. 45).

As relações interculturais acontecem nas alternativas práticas de convivência entre sujeitos culturais. As práticas culturais tratadas a seguir se inscrevem como interculturais por nascerem das interpretações tecidas nas idas-vindas e nos encontros-desencontros nos espaços vividos publicamente como itinerários sociais pelos imigrantes participantes da pesquisa. São contatos ambientados no horizonte intercultural da Tríplice Fronteira.

### 3.1 MEMÓRIA: ESPAÇOS INTERCULTURAIS

As trajetórias correspondentes às diferentes experiências no pertencimento cultural interferem, influenciam e condicionam as percepções e valores dos sujeitos acerca do ambiente. A maneira pela qual cada pessoa participa de uma mesma sociedade e interpreta sua cultura é única e singular. Pertencer a um mesmo grupo cultural, portanto, não implica em percepções consensuais, talvez, possa sim sugerir percepções menos contrastantes.

As impressões dos nativos sobre seus ambientes se aproximam em alguns pontos e em muitos outros se afastam demarcando distinções. Assim também ocorre com o migrante, no entanto, o contraste perceptivo entre nativos e migrantes tende a ser maior, considerando que a experiência dos nativos está lastreada na história do local, conforme examinado no capítulo I (páginas 46 e 47), ao passo que o migrante vive no mesmo local que o nativo, mas sua experiência é fortemente lastreada em outro local: a cidade e o país de origem.

Os nativos estão imersos na tradição inscrita nos códigos simbólicos do lugar desconhecida pelos migrantes que, mesmo quando interessados em conhecê-la, terão sua compreensão limitada à tradução. Inclusive a experiência de participação eventual em rituais sociais, narrados e explicados por nativos, será traduzida de acordo com o repertório do migrante (estranho/convidado).

As pesquisas sobre as diferentes perspectivas entre locais e estranhos desenvolvidas em West End, na cidade de Londres, pelo sociólogo Herbert Ganz, citado por Tuan (1983, p. 74), demonstraram que “a apreciação do estranho mesmo quando era solidária e generosa, retratava um mundo alheio ao residente nato.”

A dificuldade dos estrangeiros residentes entenderem a cultura dos nativos é também enfrentada por nativos quando procuram entender a cultura dos estrangeiros, porém com o agravante de que estão distantes dos territórios de

origem dos migrantes. Já estes, nos locais de destino, estão cotidianamente em contato com a cultura material dos nativos.

Distantes geograficamente, mas afetivamente próximos dos seus territórios<sup>47</sup>, os sujeitos da pesquisa, na Tríplice Fronteira, revivem e presentificam suas origens memorialisticamente. Através das narrativas, os imigrantes se movimentam em um espaço intercultural, “sempre na fronteira de um sistema de referências a outro.” (DELORY-MOMBERGER, 1998, p. 62). Conservam a memória de um antes e imaginam como seria transpor este antes de lá, para um agora aqui. No depoimento abaixo, Carlos fala de La Plata, sua cidade natal na Argentina:

*La Plata é uma cidade grande, é uma cidade que tem muitos cinemas e teatros. Às vezes íamos ao cinema. Um teatro, para que as pessoas vão ver uma ópera, um cantor, um festival de musica clássica, sertaneja. Depois de ter visto uma ópera, no outro dia as pessoas acordam melhor: mais amáveis, educadas, felizes.*

Compara Foz à La Plata e opina sobre os benefícios dos cinemas, teatros e festivais para a população, traça um mapa destinando prováveis locais para implantar um *teatro popular* e lança mão da *integração* como um recurso argumentativo.

*Existe um lugar (uma pedreira), para fazer e ninguém quer investir. Fica aqui na ponte, seria bom para fazer um teatro popular. Depois há outro no Carimã. Isso teria dois sentidos, é uma pedreira muito grande, poderia reativar para ser um grande teatro, com a gente do Paraguai, da Argentina, fazer uma grande união, integração.*

Prossegue, referindo a importância das corridas de *stockcar*<sup>48</sup> como atrativo turístico:

*Em Foz do Iguaçu, seria uma coisa tão boa para todos os três países. Porque os hotéis trabalhariam, pois viriam pessoas de todos os lugares para ver corridas de stock-car, de caminhões.*

<sup>47</sup> Os estudos de Tuan abordam a significação de lugar para diferentes povos e demonstram que “a afeição pela pátria é uma emoção humana comum”, embora varie em intensidade a depender de diferentes culturas e períodos históricos.

<sup>48</sup> As corridas automobilísticas compõem intensa programação no autódromo de La Plata durante todo o ano.

*Geraria divisa para os hotéis, autopeças, borracharia, enfim, muitas pessoas se beneficiariam. Isso levaria Foz, a um lugar muito especial. Como Fórmula 1 e todas as categorias.*

Ao comparar as realidades de lá e de cá, Carlos busca aproximá-las. Trata-se de uma relação conveniente, tendo em vista que a construção tanto de um teatro quanto de um autódromo em Foz do Iguaçu atrairiam consumidores, beneficiando a cidade:

– Você sente falta disso?

*Carlos: Claro, porque se fizéssemos festivais, a gente de Puerto Iguazú viria aqui. Eles vêm comprar roupas. Me entende? Eventos populares, não dentro de lugares fechados, porque isso não atrai muita gente. Pode-se fazer eventos nos bairros. Nas praças. É tão fácil fazer um cenário.*

Ao mencionar eventos culturais, Carlos ressalta várias vezes que devem ser populares e acontecer em locais abertos, públicos, nos bairros. Afirma conhecer os bairros de Foz, no entanto, quando pergunto se gosta de ir aos bairros, responde que não, o que sugere ser este imaginário mais uma utopia de transformação, do que uma vontade ou necessidade. Mais do que um apreciador e consumidor de produtos culturais, Carlos é um empreendedor, um vendedor e as mudanças por ele pensadas e sugeridas parecem brotar da mente de um homem de negócios. A noção de que as pessoas acordam mais amáveis, educadas e felizes, após terem assistido a uma ópera (página 97), é uma utopia do tipo de “lá” para “cá”.

Enrique é outro argentino que procura na cidade, locais similares àqueles com os quais se identificava quando morava em Buenos Aires, como fez parcialmente Carlos. No seu caso, entram em cena as livrarias, os cafés, os cinemas e os concertos:

*Me lembro que eu ficava sempre na avenida Corrientes, passando de livraria em livraria. E são livrarias que ficam toda a madrugada. Tem a avenida Florida que a gente vai tomar um café com os amigos e fica toda a madrugada. Tem cinemas, tem concertos.*

*Em Foz, eu vou a várias livrarias. Nessas livrarias têm CDs, DVDs, coisas de música. Agora saiu uma nova coleção da Folha de São Paulo. Lançou livros, os maiores discursos, os melhores livros de cada autor. Então, eu gosto muito de ir ao Caruso. São poucas, mas eu frequento as livrarias da cidade. A Nobel, os sebos, a livraria Kunda.*

O depoimento de Enrique reflete o esforço do imigrante em integrar as duas pertencas – Buenos Aires e Foz do Iguaçu – tentando buscar uma positividade nos equipamentos culturais disponíveis na cidade, mesmo que incomparáveis àqueles que costumava frequentar em Buenos Aires.

Carlos mora em Foz do Iguaçu há 32 anos e Enrique há 20, ambos lançam olhares críticos sobre os seus locais de origem e destino estabelecendo comparações e imaginando compensações: as coisas daqui que faltam lá e as coisas de lá que faltam aqui. As viagens narrativas dos sujeitos insinuam a importância da cidade ideal, aquela que existe como amálgama das apreciadas referências urbanas concretamente conhecidas às imaginariamente concebidas. Como afirma Certeau (1998, p. 163), “a memória vive de crer nos possíveis, e de esperá-los, vigilante, à espreita.”

As expectativas dos imigrantes constroem imagens de sonhos urbanos onde formas são projetadas, localizadas e edificadas imaginariamente a exemplo do teatro popular de Carlos. A propósito, Bachelard (1978, p. 200) destaca que “memória e imaginação não se deixam dissociar.”

O relato de Enrique ilustra o deslocamento da memória de um espaço a outro. As lembranças do percurso de livraria em livraria na Av. Corrientes, região central de Buenos Aires, praticado num passado remoto e das avenidas Almirante Barroso, Juscelino Kubitschek e arredores do centro de Foz do Iguaçu, praticado num passado recente, entrelaçam representações, harmonizam os dois contextos e garantem alguma estabilidade à experiência, presentificando o passado.

A condição quase sempre eventual destas práticas, não chega a constituir um hábito, todavia, a frequência maior com que são revividas tanto na memória quanto na enunciação faz pensar que as práticas memorialísticas e de enunciação (narrativas) se encarregam de vitalizar, no presente, as experiências de valor. Enrique pode não frequentar assiduamente as livrarias, mas o ato de lembrar e narrar sua presença nesses locais distende o apreço que tem por eles e evidencia o transbordamento das práticas culturais para além dos limites da ação factual.

Como afirma Maffesoli (2007, p. 193), “a imagem põe os sentidos em movimento [...] sendo os grupos sociais construídos do mesmo material que os sonhos que os habitam.”

### 3.2 NATUREZA PRÓXIMA

Como já mencionado no capítulo I, a área urbana de Foz do Iguaçu está envolvida em 69% de paisagem natural, percentagem quase equitativamente constituída pelos territórios do Parque Nacional do Iguaçu, do Lago de Itaipu e da zona rural. O grau de urbanização do município é, segundo o IBGE, de 99%, caso único no estado do Paraná. A vista aérea da cidade permite observar que mesmo nos locais de maior concentração urbana, a exemplo do centro, a quantidade de árvores concorre com as edificações.



Figura 18: Área central de Foz do Iguaçu.  
Fonte: Agência Municipal de Notícias – AMN.

No Estado onde predominam os tapetes dourados das lavouras de milho, trigo e soja, a cidade verde de Foz do Iguaçu é conhecida pelas benesses da natureza, concentrando no Parque Nacional do Iguaçu parte significativa da pequena extensão territorial da Mata Atlântica preservada no Estado do Paraná.

A forte atração que o verde exerce sobre as pessoas pode ser traduzida nas palavras de Carlos:

*O que mais me chama a atenção é o verde. Sou louco pelo verde. Quando vou à Argentina, o que me deixa mal, é não ver o verde nas praças e parques, é praticamente tudo amarelo. Eu não me sinto bem, o verde me deixa mais tranquilo, mais pacífico.*

O imigrante argentino destaca a paisagem verdejante de Foz contrastando com o predomínio da cor *amarelejada* em La Plata, na Argentina. Nos espaços de maior concentração urbana, como é o caso daquela cidade, os parques e jardins públicos são fragmentos da natureza em meio às edificações. No item anterior, Carlos acentua os benefícios da vida cultural lançando mão de La Plata como referência, destacando os equipamentos – cinemas, teatros – disponibilizados na cidade. Talvez, nas eventuais visitas à sua terra natal, além do amarelo dos parques, também o cenário pretérito da vida cultural, desabastecido de sentidos desde a emigração, gere desconforto.

No trecho abaixo, Rodrigo destaca a natureza próxima como positividade:

*A melhor coisa da cidade é que em poucos minutos a gente pode estar no centro urbano, se afasta e já está em contato com a natureza. Essa é a coisa mais deliciosa que tem aqui.*

Em seguida, ao tratar de semelhanças e diferenças entre aqui (Foz do Iguaçu) e lá (Concepción), declara:

*Eu acho que não tem muita diferença. Às vezes a comida que muda. Mas religião, coisa assim, eu acho tudo quase a mesma coisa. Só aqui que tem mais diversidade por causa que tem chinês, tem árabe, tem pessoas de vários lugares. Lá na cidade que eu morava, era grande também, aqui já é menor. É a segunda maior cidade. Só que não vejo muita diferença. Lá é mais avançado que os outros países da América do Sul. O Chile é considerado um país europeu da América do Sul, porque ele é avançado e civilizado. Mas não acho muita diferença.*

Com exceção dos imigrantes paraguaios Margarita e Valois e do argentino Mario que, antes de migrarem, viviam em pequenas cidades no interior do Paraguai e Argentina, todos os demais participantes da pesquisa deslocaram-se de grandes centros populacionais. A exemplo de Carlos e Rodrigo, alguns dos entrevistados utilizam seus locais de procedência como referência para assinalar precariedades na gestão da cidade de Foz do Iguaçu e, indiretamente, sugerem a superioridade da administração urbana daqueles locais.

Nesse sentido, é possível que a opulência da paisagem natural – verde e vicejante – de Foz do Iguaçu funcione ao modo de uma contrapartida aos prejuízos inerentes à imigração: para abrir mão das dádivas urbanas de lá, leva-se em conta as dádivas da natureza de cá. Esta suposição pode ser melhor entendida a partir dos argumentos de Qin Yon, Pin Yin e Zhang Jie para justificar a permanência no Brasil.

Qin Yon: *Brasil, terra grande. Tem sol e chuva.*

Zhang Jie: Tem a questão de terremoto, que em Taiwan sempre tem, qualquer dia, qualquer hora tem que sair.

Pin Yin: *Tempestade.*

Qin Yon: *Não precisa misturar o açúcar na limonada, lá é só colocar na mesa que o terremoto mistura tudo (risos).*

Zhang Jie: *Pois lá existe mais dias chuvosos que aqui. Por isso meu pai gosta daqui. E lá é úmido, tem inundação.*

No caso da família taiwanesa, o contraste climático não é sutil, ao contrário, terremotos são frequentes em Taiwan, que fica sobre uma área sismologicamente instável da bacia do Pacífico. Viver em áreas de risco, vulneráveis a desastres naturais, afeta o bem-estar e a qualidade de vida da população. Aos 71 anos, Qin Yon, pai de Zhang Jie e de Pin Yin, está aposentado. Pin Yin é professora de língua chinesa (mandarim) em Foz do Iguaçu e Zhang Jie é gerente de uma loja de confecções em Ciudad del Este. Apesar da privilegiada posição que Taiwan ocupa entre os países desenvolvidos, Qin Yon não hesita em afirmar que o clima é fator decisivo da sua permanência e da família em Foz do Iguaçu.

De modo geral, os sujeitos da pesquisa referem a cidade como tranquila e bonita e quando o assunto é beleza, as águas entram em cena. Como diz Rodrigo, a *natureza próxima* é uma qualidade de Foz. O verde nas ruas faz parte do cotidiano das pessoas e as áreas de predomínio natural são contíguas ao perímetro urbano. Todavia, é importante destacar que é no espaço de fronteira que as águas das Cataratas do Iguaçu e Usina Hidrelétrica Itaipu Binacional, citadas pelos participantes da pesquisa, deslizam, respectivamente, sobre a formação geológica do *canyon* das Cataratas e, eventualmente, sobre o vertedouro da barragem de Itaipu.



Figura 19: Cataratas do Iguazu.  
Fonte: Airpano.



Figura 20: Vertedouro – Itaipu Binacional.  
Fonte: Prefeitura Municipal de Foz do Iguazu – Portal do Turismo.

Na Antiguidade, os gregos acreditavam que cada lugar era governado por uma divindade, o espírito do lugar – *genius loci*. O pertencimento ao povo e ao lugar era compartilhado entre os humanos e o Deus do território. Nos templos da cidade residiam os deuses e heróis locais, no campo, os espíritos da natureza.

Universos permeados por místicas específicas, os ambientes urbano e natural são objetos de representações nas quais urbanidade é sinônimo de progresso e evolução, e natureza de espaço edênico, sagrado, puro e primitivo<sup>49</sup>. No contexto da Tríplice Fronteira, tais representações podem ser observadas respectivamente pelas fortalezas iconográficas: Itaipu Binacional, uma das *Sete Maravilhas do Mundo Moderno*<sup>50</sup> e Cataratas do Iguazu, uma das *Novas Sete Maravilhas da Natureza*<sup>51</sup>.

Curiosamente, a protagonista da campanha denominada *Vote Cataratas* planejada para eleger as Cataratas do Iguazu como uma das *Sete Novas Maravilhas da Natureza* foi a Itaipu Binacional. Além de parceria, seria esta iniciativa também um ato de reparação?

Em Foz do Iguazu, não há uma bipolaridade e nem um *continuum* rural-urbano. Não houve um transbordamento do urbano para o rural e tampouco do rural para o urbano. Não há grandes indústrias ou lavouras, há plantações domésticas espalhadas pelos bairros e em alguns vazios urbanos; pequenas propriedades rurais nas bordas da cidade, dos rios, do Lago de Itaipu e do Parque Nacional do Iguazu e,

<sup>49</sup> Em referência ao Romantismo (século XVIII).

<sup>50</sup> Eleita em 1995, pela American Society Engineering.

<sup>51</sup> Eleita em 2011, no concurso realizado pela Fundação New Seven Wonders, criada em 2001, por Bernard Weber, com sede na Suíça.

ainda, plantações em terras arrendadas. Embora a interiorização das paisagens natural, urbana e rural seja evidente, estes espaços permanecem dissociados nas práticas e discursos políticos monológicos tanto do poder público quanto do *trade* turístico que, ocupados em manter vivos os canônicos atrativos turísticos – Itaipu e Cataratas – negligenciam a cidade e a região de fronteira nas suas múltiplas e indissociáveis atratividades urbanas.

A oficialidade faz uso dos recursos tecnológicos do aparato midiático para uniformização dos sentidos e standardização das percepções e movimentos das pessoas nas visitas ao destino Iguaçu, erigindo fronteiras normativas limitadoras das significações e sociabilidades. Monopolizada pelas âncoras turísticas como a sereia que se encanta com o próprio canto, descuida-se da cidade. Enquanto isso, seguindo a risca o dito popular *para tudo, há um lado bom*, a população, longe da vigilância e controle, vai, livremente, tecendo práticas, plásticas e significados a partir de diferentes apropriações dos espaços públicos, afinal, a primeira acepção dicionarizada do vocábulo, registra que *público* é aquilo pertencente a um povo, a uma coletividade.

Se admitido que o espaço é investido de sentido, significado e valor em razão da presença das pessoas na trajetividade dos percursos e na fixidade do habitar; são os espaços urbanos – o centro, os bairros e ruas – da cidade, permanentemente abastecidos de significação. Neles, as pessoas estão a morar, trabalhar e a se movimentar.

Provavelmente a interpretação romântica de que o urbanita busca na natureza alívio para o estresse da problemática vida urbana não se aplique a muitas cidades e pessoas, ou, pelo menos, seja apenas uma dentre tantas outras leituras possíveis. Alguns cidadãos devem buscar os espaços naturais para apropriarem-se deles, tornando-os mais familiares, assim como fazem com a cidade. Outros, mais do que alcançar a natureza, podem estar motivados pelo prazer da viagem, do deslocamento, do trajeto. Possivelmente há aqueles que se interessam mesmo é por estar fora de casa: nas ruas, nos parques, ou no campo. Para muitos os espaços naturais são a extensão da própria casa, correspondem a árvores, jardins e hortas cultivados no quintal. Enfim, importa que nos deslocamentos, a cidade é percebida, lida e narrada aos outros. Cada sujeito traça seus itinerários e identifica-se com os espaços por onde anda. Nos percursos que faz, além dele, as demais pessoas, os prédios, as casas, os quintais, os jardins, os campos, os bosques, as praças, os

parques, as árvores, são constituintes da cidade e, em decorrência desta indissociabilidade, nela, todos, produzem sociabilidades.

### 3.3 OS ESPAÇOS URBANOS

Anteriormente, o item 3.1 abordou a memória, os espaços imaginados pelos imigrantes, as lembranças que entrelaçam vivências de lá e cá, ou seja, o útero onde começam a ser gestados os futuros corpos que perpetuam as formas sociogênicas. Doravante, o foco passa a privilegiar as criações: os corpos outrora encubados na imaginação, que agora ostentam suas formas nos cenários da cidade.

A cidade é um continente de domínios espaciais demarcadores de lugares dos Seres no mundo. Nela, a morada abriga o sujeito, a família. No entorno, próximo e distante da casa particular, estão as moradas dos outros somadas a todos os demais espaços públicos e privativos ocupados pela população. As imagens destes mundos exteriores ao universo particular, também dele participam, como refere Halbwachs (1990, p. 131 e 143):

Nosso entorno material leva ao mesmo tempo a nossa marca e a dos outros. Nossa casa, nossos móveis e a maneira segundo a qual estão dispostos, o arranjo dos cômodos onde vivemos, lembram-nos nossa família e os amigos que víamos geralmente nesse quadro [...] Não é tão fácil modificar as relações que são estabelecidas entre as pedras e os homens. Quando um grupo humano vive muito tempo em lugar adaptado a seus hábitos, não somente os seus movimentos, mas também os seus pensamentos se regulam pela sucessão das imagens que lhe representam objetos exteriores.

No caso dos imigrantes, essas imagens habituais dos espaços domésticos, das casas e estabelecimentos frequentados, das ruas percorridas, dos bairros e cidades próximos visitados, atravessam fronteiras e ganham forma nos locais onde são, pelos sujeitos, construídas as condições para identificação de uma nova vida social.

Os espaços simbólicos operados na díade memória-imaginação são estratégias de negociar sentidos como formas de fazer deslocamentos e de sobreviver sem ter que negar identidades, ao contrário, procurando meios de cultivá-las. Estar no Brasil significa construir no país um pouco do lugar de origem,

conservando a memória espacial e preservando a identificação pessoal e familiar ao grupo de pertencimento.

As estratégias de apropriação e ocupação dos espaços pelos imigrantes rompem com a uniformidade estética dominante da cidade demarcando a diferenciação cultural. Imagens reconstruídas arquitetonicamente – residências, estabelecimentos comerciais, de lazer, religiosos, de saúde – perpetuam outros territórios vernaculares e marcam a presença dos grupos estrangeiros. Nos espaços construídos, comportamentos e sentimentos expressivos das práticas culturais são recriados permitindo aos imigrantes a vivência anômala do conforto e segurança desfrutados nos locais de procedência.

Os textos a seguir descrevem e retratam figuras narradas pelos imigrantes, tratam dos ícones agregadores em torno dos quais as sociabilidades são praticadas.

### 3.3.1 A Casa Paraguaia

Dialogando sobre os locais de afinidade, Margarita afirma que *não é muito de sair, passear*, costuma sim visitar amigos e parentes doentes, que estão precisando de ajuda. Margarita continua encontrando os amigos, parentes, vizinhos e correligionários paraguaios em suas casas, mas houve uma época em que estes paraguaios saíam de seus lares e rumavam ao mesmo local de encontro: a Casa Paraguaia.

Margarita: *Antigamente a gente ia à Casa Paraguaia (figuras 21 a 27). Era um lugar muito lindo. Eu trabalhei muito na Casa Paraguaia. Deram-me até um certificado como fiz parte da Comissão de Damas. Fica ali na Vila A, última avenida, tem um caminho que vai a um lugar bonito. Tem um riozinho lá (figura 25).*

– Lá era um lugar onde se encontravam paraguaios?

Margarita: *A gente se encontrava todos lá. Um levava uma coisa, outro, outra coisa.*

– Era como se fosse um clube?

Margarita: *É um clube, exatamente, a gente falava nosso guarani bem tranquilo, não tinha ninguém pra criticar. Era um lugar onde a gente encontrava amigos, parentes. Um contando piada, enfim era um lugar bonito, a gente cantava, levava guitarra. A gente tinha muita saudade disso. Misturava tudo, a gente lembrava dos parentes que estavam lá. Ainda mais nos primeiros anos, não podíamos ir pra lá tranquilos, porque podia ser preso. Então não existia essa tranquilidade.*



Figura 21: Salão de eventos.



Figuras 24 (acima) e 25 (à direita): Área de lazer em frente ao riacho.



Figura 22: Churrasqueiras.



Figura 26: Entrada.



Figura 27: Detalhe pedestal do mastro das bandeiras.



Figura 23: Piscinas.

No começo, em 1964 / 1965 (figuras 28 e 29), a Casa Paraguaia foi fundada como uma associação, os sócios eram quase todos paraguaios (figura 29). A primeira sede social localizava-se na Rua Almirante Barroso esquina com a Rua Xavier da Silva, no centro da cidade.

A segunda e atual sede social está localizada na Alameda Salgueiro, 200, na Vila A (figuras 21 a 27). Roberto Vaz<sup>52</sup> trabalha e mora com a família, há três anos, nas dependências da Casa Paraguaia, também denominada Centro Social e Cultural Paraguaio, sendo responsável por cuidar e manter o local. No seu depoimento, informa que o clube funciona neste endereço há pouco mais de três décadas e mantém as características do local desde a ocasião da compra, tendo sido modificado apenas o telhado do salão de festas.

<sup>52</sup> Entrevista gravada em 16.12.2011.

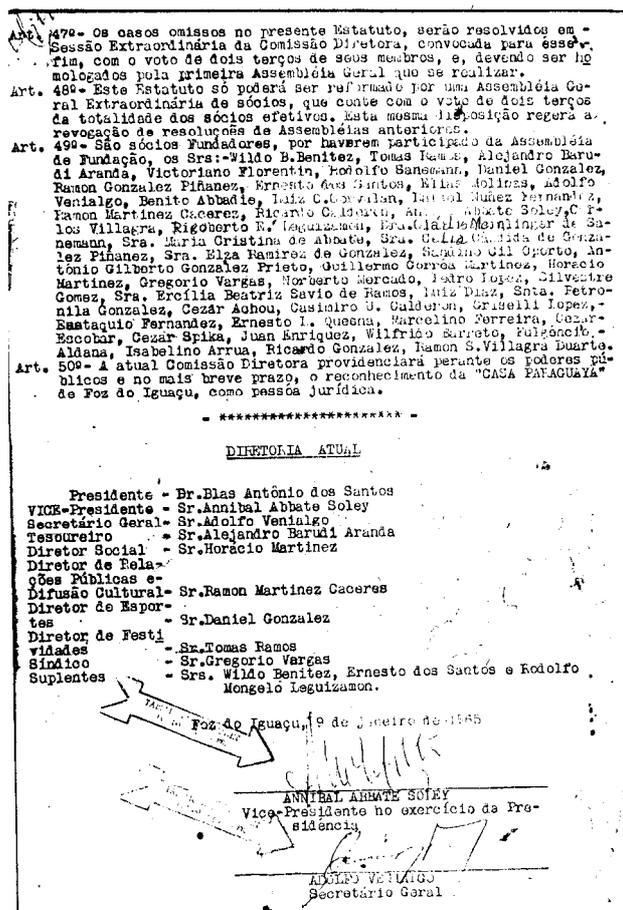


Figura 28: Última página da Ata de fundação da Casa Paraguuaia (versão ampliada, Anexo 4).



Figura 29: Lista de fundadores e de presidentes da Casa Paraguuaia.

Fonte: Arquivos da Casa Paraguuaia.

Margarita conta que deixou de frequentar a Casa Paraguuaia há muitos anos:

*Não tenho ido mais porque mudou o rumo, lá a gente ia e só encontrava árabes, empresários e eu discordei um pouco dessas coisas, porque a Casa Paraguuaia era pra ser dos paraguaios. E lá pegaram na diretoria um grupo de pessoas de poder aquisitivo bem alto e eles deixaram um pouco de lado os paraguaios que não podiam pagar suas mensalidades. E eles subiram um pouco a mensalidade, e eu até discuti com uma das pessoas, e disse, foi falta de organização, e nesse momento eu não sei em que pé está a Casa Paraguuaia, se continua paraguuaia ou a prefeitura tomou, não sei.*

Roberto esclarece que a maioria dos fundadores já faleceu. Dentre os atuais oitenta sócios pagantes, estima haver menos de uma dezena de paraguaios, embora, segundo ele, grande parte dos brasileiros associados sejam descendentes dos sócios-fundadores. Explica que: *o clube ficou muito tempo parado, mais ou menos de 2000 a 2005, não tinha quase sócios, era bem pouca gente, agora os*

*sócios estão voltando e começando a arrumar de novo. De 2005 para cá é que está melhorando.*

Margarita destaca em seu depoimento que lazer é ver pessoas. Mas quais pessoas? Participam desta pesquisa paraguaios que vieram parar em Foz do Iguaçu devido ao envolvimento de familiares, amigos ou conhecidos em questões políticas próprias da ditadura do governo Strossner, todos eles, mesmo aqueles que acessamos, por diferentes canais, para obtenção de informações complementares, conhecem Margarita. Ao que parece, os relacionamentos destas pessoas na cidade envolviam e continuam a envolver principalmente compatriotas correligionários, além de simpatizantes brasileiros da causa paraguaia.

A própria denominação Casa Paraguaia denota que nela é acolhida a “gente de casa”. A amizade neste caso, é também resistência, tendo a finalidade de acolher os que não se sentiam absorvidos nem pela cultura dominante do seu país, nem pela cultura brasileira, sendo possível compreender que a Casa Paraguaia perde o sentido para Margarita quando passa a ser frequentada e, inclusive, administrada por pessoas de outras nacionalidades, outros padrões econômicos e outros interesses políticos.

Com a queda de Strossner, vieram abaixo os riscos, medos e ameaças. Os paraguaios radicados em Foz do Iguaçu, desde então, estão livres para atravessar a fronteira: ir e vir passa a ser a nova regra. Também, durante o período da ditadura, a família reconfigurou-se, agora, os filhos e os netos de Margarita são brasileiros nascidos em Foz do Iguaçu e com eles, neste território, nasceram outros ordenamentos. A partir da desconstrução deste marco tão emblemático de fronteira que monopolizou vidas mantendo mentes amarradas, as motivações diluíram-se e os mundos constituintes da vida de Margarita, bem como suas fronteiras, agora não mais ofuscados pelo manto da ditadura e assombrados pelos seus vilões, estão mais nítidos nos sentimentos, ações, pensamentos e narrativas da mulher, ativista política, mãe e avó. Hoje, no universo particular destes mundos em permanente interação e ordenação, essas inerentes fronteiras interiorizadas, ocupam, como toda prioridade deliberativa, lugar de destaque na pauta dos enfrentamentos.

### 3.3.2 A Kunda Livraria Universitária

O argentino Enrique, apaixonado pelas livrarias da capital portenha, chega em Foz do Iguaçu há duas décadas. Nos seus depoimentos cita, dentre outros, o mais tradicional estabelecimento do segmento livreiro da cidade, a Livraria Kunda, inaugurada em 1989, pela imigrante francesa Nathalie Husson Granzotto<sup>53</sup> e pelo brasileiro Claimar Erni Granzotto.

Nathalie nasceu em Paris. Aos nove anos, ficou hospedada numa casa de espanhóis durante o período de férias. Sobre este episódio, relata: *essa experiência me mostrou que em uma semana eu podia aprender a me comunicar e me relacionar com pessoas de outro país sem nem mesmo falar a língua. Foi uma experiência marcante.* Durante a infância e a juventude, conheceu o País de Gales, a Inglaterra, a Alemanha, a Itália e os Estados Unidos. Aprendeu o alemão, além do inglês. Aos dezessete anos, tentou voluntariar na ONG Anistia Internacional, o que não foi possível. Devido às restrições para jovens inexperientes, aceitavam apenas profissionais capacitados nas áreas que correspondiam às demandas institucionais. Nesta ocasião, ingressou na faculdade de Direito da Université Paris-Sud XI e, nos períodos intervalares às aulas, trabalhava na Livraria e Editora Presses Universitaire de France, localizada na Praça de Sorbonne, em frente à universidade.



Figura 30: Nathalie, Denis Pryen<sup>54</sup> e Laurent Terzieff<sup>55</sup>.  
Fonte: Acervo pessoal Nathalie.



Figura 31: Livraria L'Harmattan.  
Fonte: [www.literaturanaarquibancada.com](http://www.literaturanaarquibancada.com)

Fugindo do Direito, querendo interagir com professores e intelectuais de outras áreas, Nathalie frequentava a livraria L'Harmattan<sup>56</sup>. Considerada uma das

<sup>53</sup> Entrevista gravada em 22.11.2011.

<sup>54</sup> Denis Pryen, proprietário da Editora L'Harmattan.

<sup>55</sup> Laurent Terzieff, ator de cinema e teatro.

maiores livrarias e editoras independentes da França, especializada em países em desenvolvimento, na L'Harmattan transitavam intelectuais que podiam publicar, naquela editora, as obras censuradas em seus países.

Foi lá que Nathalie conheceu Claimar, um dos tantos estrangeiros contratados pelo estabelecimento. Brasileiro, natural de Xanxerê, no estado de Santa Catarina, cursou contabilidade e deixou sua cidade natal durante o período da ditadura. Inicialmente queria viver no Canadá, mas para chegar a esse destino, antes teria que passar pela França, onde, afinal, acabou ficando. Claimar e Nathalie estiveram juntos durante os três últimos anos de uma década de permanência do brasileiro como ilegal na França. Em 1983, Claimar retornou para o Brasil, estabelecendo-se em Foz do Iguaçu, onde já havia morado por um ano com parentes e Nathalie continuou seus estudos na França. Até concluir a graduação, esteve algumas vezes em Foz do Iguaçu, durante curtos períodos. Conta que na última vinda, antes da mudança definitiva, ficou *um mês trancada na Vila Yolanda decidindo: ou fico com Claimar, casada no Brasil ou largo Claimar, volto para casa e vou seguir minha vidinha de francesinha, classe média, destinada a prestar concurso para ser juíza, repetindo o destino de gerações na família*. Os pais de Nathalie divorciaram-se quando ela, filha única, tinha cinco anos, o pai era engenheiro, a mãe, diretora de escola e todas as pessoas da família e os conhecidos eram funcionários públicos, dentre os quais, alguns professores. Nathalie acrescenta que: *funcionários públicos não são empreendedores. Decidi viver em Foz do Iguaçu, quebrei a história da família, criei uma ruptura pessoal. Minha vida aqui é um projeto individual. Toda minha geração é fruto dos direitos humanos, abertura ao mundo, cultura universalista. Meu desejo era fazer alguma coisa em algum lugar que não era na França, não queria passear, fazer turismo, queria conviver com pessoas em outros países. Foi uma imigração escolhida, desejada*.

Em janeiro de 1989, Nathalie e Claimar oficializaram o casamento a fim de regularizar a permanência da francesa no Brasil. Claimar trabalhava na papelaria de propriedade de um dos primos e o casal morava no andar de cima. Com o apoio financeiro da mãe de Nathalie, a Kunda<sup>57</sup> Livraria Universitária abriu as portas do

---

<sup>56</sup> L'harmattan é o nome de um vento seco e relativamente frio que sopra na África provocando a agradável sensação de alívio ao permanente calor úmido das regiões tropicais.

<sup>57</sup> A expressão africana Kunda significa elefante. O elefante é um animal místico: na Índia, Ganesh, o deus das ciências e das letras, tem forma antropozoomórfica, corpo humano e

número 1.968 da Rua Almirante Barroso no dia 14 de julho de 1989. Nathalie esclarece que não crê em Numerologia, mas ressalta que 1989 foi o ano do bicentenário da Revolução Francesa e 1968, o ano da insurreição popular na França e, também, o Ano Internacional dos Direitos Humanos decretados pela ONU.



Figura 32: Nathalie e Claimar.  
Fonte: Foto de Katya Santos.



Figura 33: Vitrine da livraria Kunda.

Do pai, Nathalie herdou o gosto pela leitura. Da inspiração na intimidade com os livros e na admiração à trajetória do amigo Denis, proprietário da L'Harmattan, considerado como *um pai simbólico*, Nathalie e Claimar dão à luz a Kunda. Na livraria, como diz Nathalie, *com toda a curiosidade do mundo, estou lidando com o simbólico, o imaginário do Brasil*, e, no legítimo estilo crítico francês, dirige-se aos brasileiros sulistas advertindo: *o povo do sul tem que lembrar que a cultura brasileira deve muito à África*.

A história da Aliança Francesa de Foz do Iguaçu, também começa com o protagonismo de Nathalie. A imigrante conta que: *na cidade havia uma demanda de aulas de francês, comecei a dar aulas em casa, no entanto o espaço não comportava mais o número de alunos. Juntei amigos brasileiros e começamos a discutir a criação da Aliança Francesa na cidade de Foz do Iguaçu. Mobilizar franceses nesta empreitada não foi uma tarefa fácil porque franceses quando saem da França parecem não querer mais encontrar franceses. O cônsul honorário morava em Santa Terezinha, queria abrir uma Aliança Francesa, no entanto não estava ao seu alcance. A matriz era no Rio de Janeiro, fui na delegacia de Curitiba e lá, também não houve apoio. Partimos do seguinte: era necessário primeiramente*

---

cabeça de elefante. Na África, o elefante simboliza força, prosperidade, longevidade e sabedoria.

*fundar a Associação Cultural Franco-Brasileira de Foz do Iguaçu – ACFBFI para, futuramente, tornar-se uma Aliança Francesa. Passamos a lecionar com dois professores em uma sala de aula emprestada no Colégio São Luiz e a administrar o trabalho da associação, dentro da livraria. Depois de um certo tempo, os professores decidiram ir embora de Foz do Iguaçu e a Associação ficou sem professores. Decidi parar, porque na época, a demanda e o ambiente cultural de Foz eram complicados. Alguns anos depois, no novo prédio da Kunda, com o apoio de uma professora japonesa que ministrava aulas de francês na Aliança em Blumenau e veio para Foz acompanhando o marido transferido para trabalhar em Itaipu, recomeçamos as aulas no subsolo da livraria, retomamos o trabalho da Associação Cultural Franco-Brasileira de Foz do Iguaçu, o estatuto foi refeito de acordo com o padrão da Aliança. Do subsolo, alugamos uma sala em frente à livraria, depois um local maior na Rua Quintino Bocaiúva. Não havia o respaldo da França. Somente agora, em 2011, sob a administração de outras pessoas, foi criada em Foz do Iguaçu, a Aliança Francesa.*

As histórias particularmente diferentes de Enrique e do casal Nathalie e Claimar, apresentam alguns pontos de contato: todos são bibliófilos, Nathalie e Enrique são imigrantes, sendo que os dois tiveram como razões para a imigração a vida conjugal e os ideais humanistas e universalistas, embora esses, para ela, estejam expressados em um projeto político-social e, para ele, em um projeto religioso-espiritual.

No mesmo ano do bicentenário da Revolução Francesa, do casamento de Nathalie e Claimar e da inauguração da Kunda Livraria Universitária, o governo francês emite circular limitando o uso de símbolos religiosos e, em nome de uma laicização do espaço público, algumas escolas públicas, proíbem o uso do véu islâmico. Restrição que, a partir de 2004, torna-se imposição através da “lei do véu islâmico<sup>58</sup>” que limita a diversidade cultural e religiosa à esfera da vida privada. O caso do véu é traduzido internacionalmente como ditadura da homogeneização formal, estampando para o mundo uma França intolerante. Na *imigração desejada como projeto individual*, é esta França racista e xenófoba que Nathalie deixa para trás, mas, na bagagem, traz consigo a França imaginada por cidadãos defensores dos direitos humanos, mobilizados pelas problemáticas dos países do terceiro

---

<sup>58</sup> Lei nº 2004-228, de 15 de março de 2004.

mundo. É este o idioma que está impregnado nas mundovisões de Nathalie e Claimar expressas nos objetos, mobília, legendas e livros dispostos na livraria: a coleção de rádios antigos de Claimar, as gravuras, as fotografias, mapas, globos terrestres e os livros das mais diversas áreas do conhecimento.



Figuras 34 e 35: Dependências da livraria Kunda.

A linguagem é mais do que seus signos convencionais, é o significado neles contidos. Mais do que vender livros e ensinar a codificação da língua francesa, talvez o desejo de Nathalie com a implantação da livraria e da Associação Cultural Franco-Brasileira, tenha sido multiplicar o conteúdo das vozes dissonantes de franceses rebeldes, inquietos, indignados e insurgentes abrindo portas para acolher escritores e leitores, ouvintes e falantes do que espera ser um dia uma polifônica linguagem universal: a cultura iluminista pelos direitos humanos.

### 3.3.3 Os estabelecimentos comerciais árabes

No primeiro capítulo (página 57), Leila simula uma apresentação da cidade de Foz do Iguaçu a um Libanês que nunca esteve no Brasil. Fala da religião, do trabalho no Paraguai, da culinária árabe, da prática do abate no sistema islâmico e dos profissionais libaneses. Na entrevista, Leila não especifica ou nomeia os estabelecimentos que, meses depois, me leva a conhecer. Ao contrário do que supunha, os comércios árabes a partir dos quais Leila, naquela ocasião, elaborou a abstração narrativa, não são aqueles próximos ao local onde mora, no centro da cidade, situam-se todos no Jardim Central, reduto da comunidade islâmica de Foz do Iguaçu. São eles, o Mercado de Produtos Árabes Hayet, a Doceria Árabe Almanara e os Fornos Cataratas Automáticos.

### 3.3.3.1 O Mercado de Produtos Árabes Hayet

A exemplo das típicas mercearias de secos e molhados, o Mercado de Produtos Árabes Hayet vende um pouco de tudo, é ao mesmo tempo empório, açougue, padaria, frutaria e verduraria. Khalil M. Smidi<sup>59</sup>, o proprietário, é libanês, islâmico, faz parte da diretoria da Mesquita e é conhecido pela comunidade devido às relações estabelecidas e cultivadas durante os treze anos de funcionamento do mercado em Foz do Iguaçu. *Hayet* é uma palavra árabe que significa *vida*. Khalil veio para o Brasil com nove anos, chegou em São Paulo em 1976, casou com uma brasileira, teve dois filhos, e em 1998 mudou-se para Foz do Iguaçu. Sua mãe e irmãos já viviam na cidade: *vínhamos para visitá-los e vimos a possibilidade de ter uma vida, um futuro para meus filhos na comunidade, dentro da religião islâmica, dentro dos costumes, isso que me fez trazê-los para Foz, aqui tive mais dois filhos. Em São Paulo, a comunidade é maior, mas é dispersa, em Foz é menor e mais concentrada, temos um bairro, o Jardim Central, que é quase exclusivamente árabe, onde moramos há treze anos. Hoje tem libaneses espalhados por toda cidade: Vila Portes, Jardim Jupira, Centro, Vila Yolanda. Os árabes também estão descobrindo outros bairros. Aqui em Foz você não vê muito preconceito, em São Paulo o preconceito é maior, lá, um árabe casado com uma brasileira é visto com outros olhos, aqui é diferente, não importa se é árabe ou se é brasileiro, importa seguir a religião islâmica, o que o Alcorão diz, a tradição do profeta. Como a colônia é grande, hoje, você vê casamentos entre pessoas árabes, chinesas, paraguaias, brasileiras, então são árabes, brasileiros, chineses todos vizinhos.*

Nas dependências do mercado, está instalado o açougue. Khalil pratica o abate no sistema islâmico há mais de uma década. Explica que: *o abate deve ser feito por uma pessoa muçulmana praticante, o animal tem que ser sadio, estar direcionado à Meca e, na hora da degola, são pronunciadas as palavras “em nome de Deus, Deus é grande”. O abate é feito em um frigorífico no município de Santa Terezinha, tudo legalizado, acompanhado por veterinário. O estabelecimento compra os bois selecionados, eu vou lá, degolo os bois, acompanho todo o procedimento posterior à degola e, ao final, os animais são marcados com o meu carimbo (figura 38), ficam 24 horas na câmara, os miúdos eu mesmo trago e as*

---

<sup>59</sup> Entrevista gravada em 05.12.2011.

*carnes chegam depois. O abate é feito uma a duas vezes por semana, conforme a demanda para consumo. Vários brasileiros consomem muito minha carne porque já perceberam que há uma diferença na qualidade, na cor, principalmente nas carnes nobres para a kafa o quibe cru, tem que ser feito com muito critério, então, além dos muçulmanos, há muitos brasileiros que compram com a gente. Há cada ano que passa o Hayet conquista mais o mercado dos brasileiros, antes eu tinha 10%, 20%, hoje, estamos chegando a quase 50% de consumidores brasileiros e vai aumentando cada dia mais, porque eles vão descobrindo as vantagens da carne, a qualidade dos produtos e o sistema de disque entrega também facilita. Eles consomem mais a carne, o pão árabe, os grãos, azeitonas e, embora seja um mercado direcionado aos árabes, tem os produtos brasileiros, é um mercado completo, sem bebidas alcoólicas e sem nenhum ingrediente proveniente de suínos. O mercado Hayet não é 100% halal, falta uns 20% para se tornar um mercado halal, ou seja, um estabelecimento que opera com produtos autorizados pela lei e tradição islâmicas.*



Figura 36: Fachada do estabelecimento.



Figura 37: Açougue.



Figura 38: Carimbo – abate no sistema islâmico.



Figuras 39, 40 e 41: Dependências do mercado.

### 3.3.3.2 A Doceria Árabe Almanara

O proprietário da Doceria Árabe Almanara, Bayan Abdul Baqi<sup>60</sup>, conta que cresceu ouvindo falar no Brasil. Seus tios chegaram ao país há mais de cinco décadas. Relata que mora em Foz do Iguaçu desde 21 de abril de 1996, na época, o irmão, que já retornou para o Líbano, estava iniciando o negócio. A história da doceria começa com seu pai, mestre oficial confeitoiro, dono de uma doceria no Líbano, onde viveu toda vida até 2006, quando faleceu. Bayan conta que: *o pai era conhecido pela qualidade do seu trabalho e pela honestidade, nasci vendo meu pai trabalhar e cresci ajudando, ensinava os filhos a serem sérios, honestos e corretos, a não enganarem ninguém.* A mãe e parentes de Bayan permanecem no Líbano. Desde 1996, esteve no país três vezes, em uma destas idas, conheceu a esposa e, hoje, o casal tem um filho e uma filha nascidos em Foz do Iguaçu. Quando pergunto se deseja voltar para o Líbano, Bayan responde: *o destino ninguém conhece, não se sabe onde se vive e onde se morre, a terra do Brasil é minha amiga, não tem discriminação. Pela colônia, você se sente como se estivesse morando no Líbano. Aqui e lá é uma coisa só.*



Figura 42: Fachada da doceria.



Figura 43: Mamul.



Figura 44: Baklewa.



Figura 45: Interior do estabelecimento.

<sup>60</sup> Entrevista gravada em 05.12.2011.

### 3.3.3.3 Os Fornos Cataratas Automáticos

A placa na fachada do prédio (figura 47) estampa a sigla P.F. (panificadora) entre as bandeiras libanesa e brasileira. Abaixo, está escrito Cataratas Alimentos Ltda., nome do estabelecimento para os brasileiros, e, à direita, escrito o nome do estabelecimento para a comunidade árabe (figura 46) que traduzido para o idioma português significa Fornos Cataratas Automáticos: Diretor, Pai do Raja Kalakech.



Figura 46: Nome do estabelecimento no idioma árabe (acima).

Figura 47: Fachada da panificadora (à esquerda).

É costume nas famílias libanesas, por respeito, chamar o progenitor e a progenitora não pelos nomes próprios, mas sim pela forma de tratamento pai (أب transliterado para o português *bã*) ou mãe (أم transliterado para o português *um-me*) acompanhada do nome do primeiro filho homem: no caso da panificadora, a expressão em árabe أبو رجا, traduzida para o português *pai do Raja*, transliterada para o português *abou Raja*.

O proprietário da panificadora<sup>61</sup>, após 18 anos administrando o que ele chamava “do melhor forno da Arábia Saudita”, decidiu morar em Foz do Iguaçu e reencontrar os familiares. Chegou em 2009 e inaugurou o estabelecimento em 2011. A panificadora produz diariamente 10 mil pães árabes (figuras 48 a 53). Para o preparo do pão são utilizadas farinhas fabricadas no Paraguai e na Argentina, a massa é trabalhada em uma batedeira industrial italiana<sup>62</sup> (figura 48), assada em forno industrial libanês<sup>63</sup> (figura 49), vendida no balcão da panificadora árabe, distribuída para os comércios de Foz do Iguaçu, Curitiba, São Paulo e Brasília e

<sup>61</sup> Zaki Kalakech, entrevistas em 05-06.12.2011.

<sup>62</sup> LF Logiduce Forni – [www.logiduciforni.com](http://www.logiduciforni.com)

<sup>63</sup> Saltek Bakery Equipment – [www.saltek.com.lb](http://www.saltek.com.lb)

também exportada para o Paraguai. Além dos tradicionais pão e doces árabes, são produzidos também o pão italiano que na opinião do proprietário é o melhor fabricado no Ocidente e o croissant francês (figura 53), cuja receita original foi aperfeiçoada à moda árabe, sendo recheado com zattar<sup>64</sup>, o preferido dos consumidores libaneses.



Figura 48: Batedeira italiana.



Figura 49: Forno árabe.



Figura 50: Pão árabe.



Figura 51: Esteira de pães.

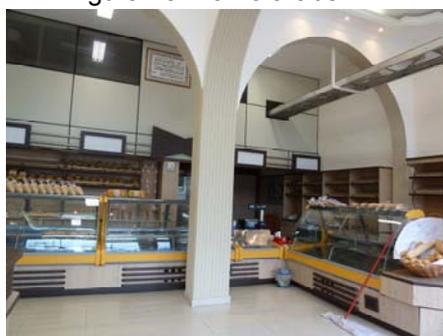


Figura 52: Interior da panificadora.



Figura 53: Croissant.

A perspicácia para reconhecer oportunidades, o tino para os negócios, o poder de persuasão nas vendas e o manejo com o comércio são talentos e competências dos libaneses.

Bayan destaca que *cresceu ouvindo falar do Brasil*. Talvez as experiências bem sucedidas daqueles que migraram antes, seja um dos principais atrativos da continuidade da imigração libanesa para a cidade de Foz do Iguaçu, bem como para outros destinos no Brasil. Claro que são muitos os imigrantes que não se enquadram

<sup>64</sup> Tempero árabe à base de ervas e especiarias: gergelim, coentro, orégano e manjerona.

nas experiências de sucesso, todavia, como estratégia de afirmação e valorização étnica, os imigrantes tendem nos estereótipos a reelaborar representações excluindo aspectos negativos e reforçando os positivos.

Desde os primórdios da imigração libanesa para Foz do Iguaçu, são praticados mecanismos informais de colaboração. Aqueles que conseguem estabilidade e ascensão econômica passam a criar oportunidades de trabalho para os familiares e amigos que estão chegando, a maioria deles procedentes da mesma comunidade ou aldeia. Quanto a isso, Alex ressalta: *a comunidade árabe como um todo não tem uma união efetiva. Na verdade, as pessoas que são de um vilarejo se encontram com pessoas do mesmo vilarejo. O dia a dia é entre eles.*

As contribuições de Sales (1999), auxiliam no entendimento dos processos de colaboração estabelecidos no interior da colônia:

As unidades efetivas de migração não são indivíduos nem famílias, mas sim grupos de pessoas ligadas por conhecimento, amizade e experiência de trabalho, as quais, de alguma forma, incorporam a migração como uma alternativa possível a um momento crítico das suas vidas, definidas por Tilly (1990, apud Sales, 1999:36). Daí o porque de as migrações não se darem de forma aleatória, mas se dirigirem para aquelas poucas localidades com as quais seu lugar de origem tem fortes laços que constituem as tais redes sociais. Uma das formas de expressão dessas redes traduz-se na ajuda mútua, como a moradia temporária aos que chegam e ajuda em conseguir o primeiro emprego.

Na escolha do destino, os imigrantes levam em consideração, como outra entrevistada (Leila) ressaltou anteriormente, as semelhanças com o país de origem, contemplando primeiramente e especialmente o convívio com a família, parentes, amigos e vizinhos que preteritamente emigraram da mesma aldeia. Trata-se das *redes espontâneas* ou *primárias* e, também, das *redes sociais* ou *secundárias*, ambas examinadas no capítulo II, sendo que nestas últimas, as relações são distendidas para além dos vínculos cultivados nos lares mais íntimos, englobando ordenamentos institucionais, como por exemplo, a convivência dos congregados à religião – que no caso dos libaneses, envolve os islâmicos, sejam eles xiitas ou sunitas, praticantes ou não, pertencentes à mesma aldeia ou não – e abarcando também as relações políticas, sociais e econômicas com brasileiros e estrangeiros de outras nacionalidades.

Neste gradiente proxêmico, os espaços de consumo, a exemplo dos três estabelecimentos referidos, operam como alternativas de reforço para os vínculos constituídos no interior das redes primárias: é o caso dos negócios familiares e das trocas domésticas interculturais cotidianas. Por outro lado, os espaços mercantis de fronteira atuam como zonas de contatos interculturais que envolvem uma maior complexidade decorrente das poliédricas negociações e transações econômico-sociais.

Os sujeitos deste estudo, árabes, taiwaneses, argentinos, paraguaios, chilenos e brasileiros, ora como comerciantes-vendedores, ora como consumidores, vão consumando relações e representações sobre o outro com quem estão a se relacionar. Representações estas que somente são possíveis de serem construídas se admitidos os riscos, assimetrias, instabilidades, ambiguidades e contradições inerentes aos contextos e circunstâncias de fronteira.

Em síntese, no horizonte cultural da Tríplice Fronteira, a estabilidade das *redes primárias* (intraculturais) convive com as instabilidades das *redes secundárias* (interculturais).

### **3.3.4 Bairros: Ilhas de Convivência**

Em meio ao todo da cidade e a relações tão distanciadas e díspares, os diferentes, agrupados aos seus “iguais”, criam ilhas de convivência e nelas reproduzem, preservam e dão continuidade aos jeitos de viver próprios dos locais de origem. É o caso dos libaneses que habitam o Jardim Central e dos paraguaios moradores da Vila Paraguaia.

#### **3.3.4.1 O Jardim Central**

No extremo sul do Jardim Central, bairro no qual a maioria das ruas levam o nome de atores, escritores, cantores e críticos literários (Anexo 5), situam-se as ruas Meca e Palestina. Dentre elas, localiza-se a Mesquita Omar Ibn Al-Khattab, inaugurada em 07 de outubro de 1988, projeto idealizado e materializado pelo Centro Cultural Beneficente Islâmico de Foz do Iguaçu, instituição que nasceu em 16 de agosto de 1981, com a finalidade de construir a referida mesquita e a Escola Árabe Brasileira inaugurada na mesma data e em funcionamento no mesmo local.



Figuras 54, 55 e 56: Rua Meca.



Mesquita Omar Ibn Al-Khattab

Figura 57: Fachada.

Figura 58: Interior.



Figura 59: Trajes islâmicos femininos.



Figura 60: Placa divulgando canais árabes por assinatura.



Figura 61: Restaurante árabe.

Além do Centro Cultural Beneficente Islâmico de Foz do Iguaçu, administrado por muçulmanos sunitas, também localiza-se no bairro, a Sociedade Beneficente Islâmica, fundada em 1985, administrada por muçulmanos xiitas, mantenedora da Escola Libanesa Brasileira, do Grupo Escoteiro Líbano Brasileiro e da Associação Senhora Fátima, dedicada aos direitos da mulher.



Figura 62: Sociedade Beneficente Islâmica.



Figura 63: Grupo Escoteiro Líbano Brasileiro.

A partir do início das obras de construção da Mesquita e ao longo de três décadas que se seguiram, mais e mais libaneses islâmicos vêm adquirindo imóveis nas cercanias do templo. No bairro, a presença árabe é facilmente identificada nos trajes a exemplo do *jilbab* ou *abaya*<sup>65</sup> e do *hijab*<sup>66</sup> (figura 59), no uso escrito ou falado do idioma (figura 60) e na gastronomia (figura 61). Naquele espaço, os libaneses estabeleceram uma organização simbólica, um ordenamento do imaginário de acordo, principalmente, com os preceitos islâmicos, garantindo a continuidade cultural. A concentração da população islâmica no perímetro do bairro favorece o acompanhamento vigilante das práticas culturais que seguem a *sunnah*, a vida praticada por Maomé escrita na *radith*, uma espécie de estatuto ou código de conduta destinado à orientação e aplicação da tradição construída no caminho trilhado pelo profeta.

O emblemático papel da Mesquita de transmitir e lembrar aos libaneses os valores e tradições culturais é potencializado nos espaços de consumo, restaurantes, mercados, lojas, locais comerciais ou de prestação de serviços onde o *modos vivendi* libanês atua nos relacionamentos assim como os cinco chamados diários para oração entoados na Mesquita atuam para lembrar o Islamismo. Nos períodos intervalares às orações, a vida prática familiar, social ou profissional destes atores, no bairro ou fora dele, serve como reforço aos congregados e conterrâneos de um *habitus*<sup>67</sup> cultural e, para o restante da população da cidade, são as trocas interculturais praticadas nestes estabelecimentos que decodificam acessivelmente a imagem da comunidade.

<sup>65</sup> *Jilbab* e *abaya* são vestidos longos que cobrem o corpo da mulher.

<sup>66</sup> *Hijab*: o tradicional véu islâmico.

<sup>67</sup> Os *habitus* são esquemas interiorizados individuais, no sentido de uma combinação específica de várias experiências sociais, que respeitam uma herança cultural coletiva e comum. (Bourdieu in Maia, 2002).

### 3.3.4.2 A Vila Paraguaia

A Vila Paraguaia é um pequeno bairro constituído de oito quarteirões, localizado nos arredores do centro, próximo às margens do Rio Iguaçu e não muito distante do Jardim Central.



Figura 64: Rua Tomé de Souza.



Figura 65: Rua 14 de Maio.



Figura 66: Rua Bolívia.

O paraguaio Amálio Giménez Martínez<sup>68</sup>, último presidente da Associação dos Moradores e Amigos da Vila Paraguaia na gestão de 1989 a 1995, chegou em Foz do Iguaçu aos quatro anos acompanhado dos pais e de seis irmãos. A família alugou casa na Vila Paraguaia, onde morou durante quinze anos. Atualmente, reside na Rua Guiana, logradouro adjacente ao bairro. Amálio relata que naquela época o local era chamado de Vila Santana, sobrenome de um paraguaio pioneiro, proprietário de muitas terras. Somente após sua morte, em meados de 1975, a região passou a se chamar Vila Paraguaia. Na ocasião, a maioria da população paraguaia ocupava algo em torno de uma centena de casas. No centro da vila, havia um bar que até hoje permanece aberto, o Bar do Quincho (figura 68). Amálio lembra que *todos os domingos pela manhã a gente se encontrava para tomar cervejinha, tererê, tinha de tudo, eles faziam corrida a pé, tinha os competidores, o pessoal apostava naqueles que eram os mais rápidos, tinha os caras velozes, que se preparavam para isso, corriam duas quadras, dependendo do desafio, a distância era de 50 e 100 metros, tinha aposta e quem vencida recebia parte da aposta. Domingo de manhã soltavam uns foguetes e o povo – crianças, senhoras e senhores – se juntava para ir ver, era bom, um tempo que não volta mais, gostoso era aquilo. Nós continuamos indo no barzinho, mas a maioria que vem é brasileiro,*

<sup>68</sup> Entrevista gravada em 16.12.2011.

*mas todos amigos, conhecidos, crescemos juntos. Na época era tudo mata, agora até na beira-rio tem gente morando.*

Por volta de 1980, começou a diminuir o número de paraguaios, muitos migraram com suas famílias para outras vilas da cidade e, atualmente, Amálio estima que a população da vila, dividida entre paraguaios e brasileiros, alcance um total de 2,5 mil habitantes.

Sobre a associação, Amálio esclarece que a união do grupo acontecia em função do futebol, *tudo registrado na prefeitura, tinham estatuto, time de futebol, participavam do campeonato interbairros, as reuniões aconteciam no bar do seu pastor que faleceu recentemente. Depois o pessoal começou a dispersar. Até hoje, jogamos bola na Casa Paraguaia, todas as quintas-feiras têm uma turma de veteranos que joga lá, a maioria é paraguaia, nós juntamos a turma daquela época. Quando eu era criança, ia muito à Casa Paraguaia. Era uma casa no centro, tinha um bar, do lado, a quadra de futebol de salão e, atrás, um bosque. Alugavam a quadra para brasileiros e os paraguaios tinham dia e horário para jogar e todos iam lá, depois que venderam, fomos para a Vila “A” e continuamos frequentando a Casa Paraguaia até hoje, eles dão preferência para nós e quando tem churrasco a gente vai lá ajudar.*



Figura 67: Jogadores do Esporte Clube Vila Paraguaia.  
Fonte: Acervo pessoal Amálio Giménez Martínez.

Marcelino Sossa<sup>69</sup>, proprietário do bar do Quicho, em funcionamento desde 1970, chegou na Vila Paraguaia em 1960, época que, segundo ele, o lugar era um *mato grande*. O comerciante confirma que *naquela época o negócio era o futebol, o povo se juntava no sábado e domingo no campinho do lado do bar e a diversão eram os torneios e a corrida a pé, não tinha outra coisa, se juntava a turma turbinada*

<sup>69</sup> Entrevista gravada em 16.12.2011.

*e jogava carreira. O bar era de secos e molhados, tinha pouca gente, as madeiras é que funcionavam com a importação de madeira, nós vendíamos a prestação para as madeiras, a maioria da mercadoria era argentina. Hoje, o estabelecimento vende lanches e bebidas para a vizinhança.*



Figura 68: Bar do Quincho – Vila Paraguaia.

A Vila Paraguaia, diferentemente do Jardim Central, não foi ocupada por imigrantes com o tempo, ao contrário, tem sua origem na imigração paraguaia. Em 1980, quando os paraguaios começam a se espalhar pelos bairros da cidade é, justamente, quando os libaneses começam a se concentrar no Jardim Central e erigirem o templo islâmico, marco de reconhecimento da comunidade.

Na Vila Paraguaia não há monumentos suntuosos nem estabelecimentos comerciais economicamente prósperos. Lá, os nomes das ruas assinalam os marcos da imigração (Anexo 6).

A rua denominada Beco Caaguaçu, palavra indígena que significa *mata grande*, remete às características do território. *Mato grande* foi a expressão usada por Marcelino para ilustrar os primórdios da vila. Caaguazú é também o nome de uma subdivisão administrativa do Paraguai, dividida em vinte distritos sendo um deles a cidade paraguaia homônima, local de nascimento dos imigrantes Margarita e Maria, participantes da pesquisa.

A palavra *caacupé* traduzida como “orla da mata, borda da mata”, é outro vocábulo indígena que aparece no nome da padroeira da nação paraguaia, a virgem de Caacupé. A Nossa Senhora de Caacupé é lembrada noutra rua do bairro. Contam os devotos que no final do século XVI, um índio prisioneiro dos selvagens Mbayes pediu a proteção de Nossa Senhora e conseguiu salvar-se ocultando-se atrás de um tronco de árvore, no qual esculpiu a imagem da santa. Em 1603, o Lago

Tapaicuá<sup>70</sup> transbordou inundando o Vale de Pirayú, arrastando tudo, inclusive a imagem que, reapareceu no mesmo lugar quando as águas retrocederam. Desde então, a virgem passou a ser cultuada como Nossa Senhora dos Milagres de Caacupé. Hoje, o local é santuário da cidade paraguaia de Caacupé.

Consta que foi também no ano de 1603 que o evangelizador franciscano Luis de Bolaños<sup>71</sup> (1539–1629) conjurou o Lago de Tapaicuá com o objetivo de conter as inundações do Vale de Pirayú, as águas baixaram e, desde então, o lago passou a chamar-se Ypacaraí<sup>72</sup>. Além do lago, a cidade dele próxima, situada entre a capital Assunción e Caacupé, assim como mais uma das ruas da Vila Paraguaia também chamam-se Ypacaraí.

A virgem de Caacupé é também considerada padroeira da capital do país, protetora de seus exércitos. No oratório que leva o seu nome, localizado em Assunción, estão guardados os restos mortais do presidente Francisco Solano Lopes, morto na Guerra do Paraguai, lembrado como nome de rua na Vila Paraguaia. O Oratório Nossa Senhora de Caacupé é nominado Panteão dos Heróis, onde estão armazenados os restos mortais de outros mártires da Guerra do Paraguai.

Por fim, 14 de maio é outro topônimo de logradouro público na Vila Paraguaia. A data demarca o dia da independência do Paraguai do domínio espanhol, em 1811, sendo também escolhida para designar a organização guerrilheira que reuniu insurgentes na luta para derrubar a ditadura Strossner, denominado Movimento 14 de Maio. O movimento no qual, dentre os muitos participantes, estava o marido de Margarita, contava com bases clandestinas de apoio para refugiar paraguaios na região de fronteira.

A história das palavras que escrevem o mapa toponímico da Vila Paraguaia retrata a história de vida do grupo que delas faz uso, pessoas que permanecem no território, a exemplo de Marcelino, outras nos arredores como é o caso de Amálio, além de inúmeros paraguaios que lá viveram e, atualmente, ocupam outros espaços no país de origem para onde retornaram, ou continuam morando em Foz do Iguaçu,

---

<sup>70</sup> Atual cidade de Areguá, originalmente chamada Tapaicuá, fundada em 1538 na orla do Lago de Ypacaraí.

<sup>71</sup> Luis de Bolaños, frei franciscano, fundador de Yuaguaron, em 1586, uma das primeiras reduções jesuíticas do Paraguai, escreveu a primeira tradução do catecismo para a língua guarani e também a primeira gramática guarani.

<sup>72</sup> O Lago de Ypacaraí, um dos maiores lagos do Paraguai, é retratado em uma das canções paraguaias de maior difusão internacional, denominada Recuerdos de Ypacaraí do compositor Demétrio Ortiz, com versos de Zulema de Mirkin.

porém em outros bairros e, ainda, aqueles que migraram para outros sítios, dentro e fora do Brasil.

Mais do que fatos históricos, os atores (indígenas, colonizadores, marechais, guerrilheiros, tiranos, divindades), os palcos (terras, matas, vales, lagos) e as cenas (confrontos, perseguições) presentes nos nomes das ruas daquele bairro, um dos tantos cenários da cidade, são existências selvagens, delinquentes, provenientes de um passado, subtraídas da lei do presente (CERTEAU, 1996, p. 192). Ruas por onde rondam os “espíritos do lugar” cujas presenças estão a proteger e assombrar aqueles que os reconhecem. Nas casas, onde habitam diferentes gerações, são espectros desconhecidos de alguns, quase sempre, dos mais jovens que lhes são indiferentes, tanto quanto, dos novos moradores. No bairro, as habitações são como fortes: enquanto guardiões, em algumas fortalezas, persistem em resguardar o passado, outros, nas suas distintas fortalezas, empenham-se na proteção do presente, ambos defendendo fronteiras que separam épocas, pessoas, grupos e práticas.

### **3.3.5 Universos particularmente coexistentes**

As estratégias etno-espaciais operadas em práticas culturais, podem estar corporificadas em marcos de grande visibilidade e importância pública, como é o caso da Mesquita, da Casa Paraguaia e das ruas da Vila Paraguaia, mas podem também estar manifestas em formas compactas, a exemplo do pequeno oratório (figura 69) no quarto do casal paraguaio Valois e Maria, que substitui os lugares de culto; do camelo de pelúcia (figura 70) localizado em meio ao balcão de grãos, ervas e temperos do mercado Hayet, que remete ao caminho das especiarias onde dromedários, também chamados camelos-árabes, carregavam mercadores e mercadorias, cena, aliás, ilustrada na logomarca do mercado; da coleção de rádios de Cleimar (figura 71), que faz pensar sobre como através da radiodifusão, as narrativas puderam ganhar asas; das miniaturas (figura 72) de Leila dispostas sobre a mesa auxiliar, ao lado do sofá, dentre elas o narguilé, cachimbo de água, e o *ud*, instrumento de corda, símbolos que tornaram-se conhecidos internacionalmente nos clássicos da literatura árabe.

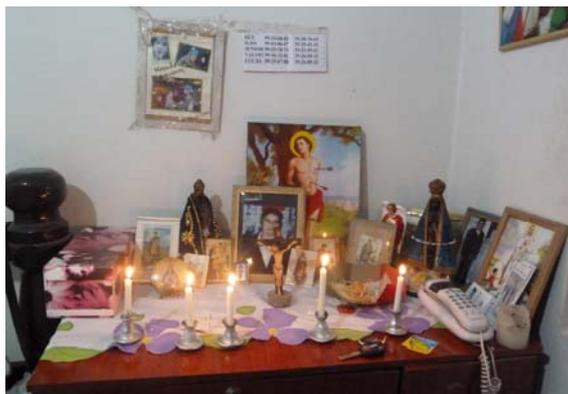


Figura 69: Oratório – Valois e Maria.



Figura 70: Camelo de pelúcia – Mercado Hayet.



Figura 71: Coleção de rádios – Claimar.



Figura 72: Miniaturas – Leila.

A expressão espacial de um grupo cultural manifesta em objetos menores encontrados em pequenos e diversos ambientes, demonstra que a intensidade das simbologias independe das dimensões ou métricas territoriais.

Formas materiais aparecem imóveis nos recantos das casas e locais de trabalho destes cidadãos, mas também em movimento, quando carregadas nos seus corpos andantes, conforme assinala Certeau (1998, p. 199):

[...] os mil modos de vestir-se, de circular, de decorar, de imaginar, traçam as invenções nascidas de memórias ignoradas. Fascinante teatro, que se compõe dos gestos sem número que utilizam o léxico dos produtos de consumo para dar linguagem a passados estranhos e fragmentários. “Idiolectes” gestuais, as práticas dos habitantes criam, no próprio espaço urbano, uma multitude de combinações possíveis entre lugares antigos (segredos de que infâncias ou de que mortes?) e situações novas.

As práticas culturais são, portanto, usos polissêmicos dos lugares e das coisas. As inúmeras formas de apropriação dos espaços estão constantemente a transpor os usos prescritos, ordenados, regulamentados e disciplinados pelos

soberanos mecanismos de poder. A propósito e a título de ilustração, cabe lançar mão do preceito de natureza colonizatória que postula: “mapeia-se um espaço quando pretende-se conquistá-lo.” Assim fazem os atores nas contrastantes posições ocupadas na esfera social.

No cotidiano, os imigrantes percorrendo itinerários, alguns mais estáveis e sistemáticos, outros mais dinâmicos e eventuais, desenham traçados, nomeiam e codificam territórios. Autores de decifrações e traduções, detentores, portanto, de particulares enunciações, exercem o poder da conquista de espaços geográficos e simbólicos e legislam sobre as regras de partilha indicando quais frações permanecerão recônditas e quais serão reveladas.

O poder das representações simbólicas existe independentemente de sua enunciação, embora seja através dela que este poder se estenda e se perpetue. Dilatar as representações, abrindo portas para além da existência pessoal é participar da vida social. A pessoa (*persona*) ao contrário do indivíduo, é estruturalmente plural, “não mais uma identidade, mas antes pertencente ao universo das ‘identificações múltiplas’.” (MAFFESOLI, 2008, p. 9). Enunciar-se e insinuar-se ao outro e, através dele, propagar-se, é coexistir. As pontes entre “eus” e “outros” vão da dilatação à interfusão dos espaços de intimidade.

Portas e pontes iconografam dimensões moventes da existência: passagens, deslocamentos, percursos e itinerários. Os espaços descritos no decorrer destas páginas são pontes edificadas pelos imigrantes para aproximar mundos moventes. Os espaços de consumo parecem capazes de inverter ordenamentos: neles permanecem (fixidade) os estrangeiros, dia após dia, abrindo as portas por onde entram e saem os passantes (trajetividade) nativos.

Ao decidirem abrir as portas dos seus estabelecimentos, estão a autorizar o acesso de conhecidos e desconhecidos a frações que decidem reveláveis de seus mundos particulares, cientes de que estão sujeitos às surpresas reservadas pela coexistência. A diferença, internalizada em redes de sociabilidade compostas por nativos e estrangeiros, está dentro e não fora ou em *oposição implacável*, “é uma pressão, é uma presença, que age constantemente, embora de forma desigual, ao lado de toda fronteira da autorização.” (BHABHA, 2005, p. 159).

As práticas culturais ordinárias são os pequenos rituais cotidianos que passam despercebidos, aqueles que Maffesoli (2008, p. 173) refere como *socialidade*: “constituem a verdadeira densidade da existência individual e social,

[...] confortam o sentimento de pertença, a impressão de fazer parte de uma comunidade.”

As pequenas coletividades, as redes de afinidade se constroem, se abastecem e se ocupam das relações próximas, das coisas e questões concretas, dos fazeres requisitados no aqui e agora. Neste cotidiano dominado, os espaços social e natural, bem como seus ordenamentos, são contíguos, interpostos aos sujeitos e aos elementos que, para estes, servem de orientação geral. Seus quadros de referência estão fundamentados nas vivências acercadas que lhes servem de substrato e lhes conferem vitalidade e validade. São realidades que escapam às lógicas e às razões hegemônicas.

A natureza sígnica, subjetiva e simbólica faz destas redes universos de irreduzível elusividade, portanto, como afirma Ginzburg (1989), “decifrar” ou “ler” pistas são metáforas, sendo impossível tomá-las ao pé da letra.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarem na cidade como libaneses, argentinos, taiwaneses, paraguaios e chilenos, os sujeitos da pesquisa mesclam representações destas pretensas identidades, movendo significados e traduções cultivados nos países de origem e destino, como ilustra o caso de Rodrigo, o jovem chileno que pratica *wakeboard* no Rio Iguaçu, para quem aquelas águas representam sentidos que estão além dos originários, datados de distanciadas temporalidades.

Detentores de filiações culturais múltiplas e de singularidades moventes, os imigrantes participam do imaginário urbano local, como protagonistas de heteróclitas alteridades, personagens legendários da Foz do Iguaçu Poliédrica. São as teatralidades cotidianas referidas por Zhang Jie lembrando os ensinamentos da cultura chinesa herdados do pai, Qin Yon.

Neste cenário, confrontar homogeneidades enfrentando regras e ordenamentos é o destino dos jogos interculturais cotidianos e deles depende a liberdade intersticial que estes jogadores conquistam na Tríplice Fronteira. É, por exemplo, o caso de Margarita, a ativista filiada ao Partido Liberal paraguaio e ao Partido dos Trabalhadores brasileiro, que conta com o apoio dos correligionários associados a estes partidos nos confrontos políticos.

Os diferentes trajetos migratórios dos atores englobam, além dos deslocamentos do país de origem ao país de destino, as migrações no interior deste mesmo país e a mobilidade socioespacial que, nos espaços de fronteira, assumem contornos cotidianos.

A experiência da imigração distende a identidade para além do território, evidenciando que a construção do eu habita múltiplas territorialidades. A história de vida dos imigrantes inaugura uma sucessão de transbordamentos: as famílias apresentam-se como formações rebeldes, a começar pela ruptura própria da emigração e a continuar pelas novas formas de agregação; as amizades se multiplicam em condições também plurais, algumas nascem na fixidade, outras na trajetividade; a sociabilidade descobre que é possível ambientar-se em ninhos estranhos e que, surpreendentemente, é capaz de sobreviver mesmo desalojada; os hábitos e rituais percorrem distâncias mais simbólicas do que geográficas para em novas terras, reinventarem as tradições das “suas terras”. Longe de casa, os sentidos assumem elasticidade e maleabilidade.

Além do apoio da família e de conterrâneos, o acolhimento pelas pessoas da comunidade local representa um relevante contributo para a qualidade das condições de vida construídas no país de destino, como demonstram as passagens relatadas pelos argentinos Enrique quanto ao brasileiro que, sem conhecer-lhe, hospeda-lhe e confia-lhe a casa, e Carlos acerca do vizinho que, predispondo-se a avalista, colaborou para o seu estabelecimento profissional.

A vitalidade dos vínculos interculturais é determinante nas relações de pertencimento. Nesse sentido, a importância das pessoas ultrapassa o valor dos territórios, realidade observada nas palavras de Mustapha ao contar sobre os vínculos afetivos firmados nos locais onde morou, atribuindo a estes relacionamentos a razão de não sentir-se um estrangeiro. O poder das relações afetivas no processo de inclusão do imigrante é capaz, até mesmo, de suplantar os obstáculos impostos pelas leis do país para entrada, permanência e legalização de estrangeiros.

No habitar, os imigrantes vão experimentando percursos, explorando os espaços da cidade e das urbes vizinhas. Circulam nos municípios de Foz do Iguaçu, Puerto Iguazú e Ciudad del Este como se, por extensão, estivessem a explorar a totalidade dos países Brasil, Argentina e Paraguai. Nos deslocamentos da memória, os roteiros abarcam, além destes, outros mundos. Locomovendo-se geográfica e virtualmente, os imigrantes aproximam códigos simbólicos dos espaços praticados e operam mixagens na tentativa de integrar e presentificar pertenças, garantindo a continuidade dos vínculos: o antes de lá, no aqui e agora e vice-versa.

As contribuições de Certeau (1998) salientam que a alteridade põe diante de nós, experiências ancoradas em mundos distantes, descolados dos nossos lugares. Assim, discutir a imigração mergulhado em um certo lugar, no caso a cidade de Foz do Iguaçu na Tríplice Fronteira, é como eleger uma estação de embarque e desembarque polifônico, onde vozes mais distantes quase inaudíveis, eventualmente desembarcam e se fazem nítidas, outras fazem da estação um lugar de intimidade, indo e vindo diariamente, algumas jamais embarcam e há aquelas que hesitam em desembarcar. São vozes mais poderosas do que os falantes.

Mundos cujas fronteiras simbólicas marcadas pela indeterminação acompanham as pessoas nos seus itinerários. Limites eficientes porque difusos, estratégicos, engendrados para proteção das identidades culturais confrontadas pelos homogeneizadores ordenamentos oficiais fundados nas lógicas nacionais.

Subjetividades que criam e sustentam códigos simbólicos, ao mesmo tempo, produzem objetividades dando a eles formas: os prédios soberanamente habitados por libaneses, outros por chineses, os nomes das ruas na Vila Paraguaia e no Jardim Central, as vestimentas, os objetos nas casas e estabelecimentos comerciais e os lugares de fé a exemplo da Mesquita, marcam e demarcam existências estrangeiras.

Nestes espaços, dentre uma miríade de práticas, o ato de lembrar e narrar episódios vividos ou ouvidos, de reviver lembranças, permite vitalizar a existência. São memórias vigorosas que asseguram a sensação, no presente, de tempos auspiciosos e prenunciam uma vida melhor.

Sensibilidades que participam fortemente da construção dos sentidos, afirmando convicções e anatomizando razões íntimas que sustentam, ordenam e fundamentam a vida nos espaços de fronteira. Significados densos e complexos, todavia sujeitos a oscilações. Diante de ameaças e conflitos, submetidas a pressões, a face vulnerável, frágil e falível das convicções acaba por vir à tona.

Nas crises, ao que parece, são as memórias dos acontecimentos vividos que costumam resistir ao caos. Diferentemente, as lembranças “vivas por tabela”, nas palavras de Pollak, ou “de segunda mão” no vocabulário de Geertz, aquelas vividas pelo grupo ou pela coletividade de pertencimento e não pela pessoa, são mais permutáveis, negociáveis. Ainda, a uma distância maior, além do imigrante e de seus grupos, contudo mergulhados no oceano particular que corresponde à memória de cada um, estão acontecimentos, pessoas, eventos e conceitos longínquos, ao modo de uma memória herdada (POLLAK, 1992). São fragmentos de códigos e ordenamentos remotos, também passíveis de negociação.

Na trajetória desta pesquisa, a decisão por uma conduta flexível e interdisciplinar que permitisse uma aproximação dos saberes dos sujeitos, implicou em relativizar percepções e perspectivas, e esse foi, ao mesmo tempo, o maior desafio e o maior legado da experiência.

Descortinar o contexto da fronteira, mantendo um necessário, sadio e libertador distanciamento dos domesticadores modelos e categorias de ordenamento e enquadramento científicos, foi um rito de passagem.

As histórias contadas pelos imigrantes são por mim vividas por tabela e os contatos com os imigrantes, assim como a gestação de cada página intertextual que

conta esta experiência, são vivências de primeira mão carregadas da sensibilidade e da satisfação próprias de quem pôde viajar por outros mundos.

## FONTES ORAIS

**Alex** (nome fictício): Nasceu no ano de 1947, em Baalu, Vale do Becaá, Líbano. Proprietário de loja de confecções em Foz do Iguaçu. Entrevista realizada em 22.03.2011, na loja.

**Carlos Alberto Rizzi**: Nasceu no ano de 1944, em La Plata, Argentina. É mecânico, proprietário de oficina mecânica em Foz do Iguaçu. Entrevista realizada em 03.12.2010, na residência.

**Elisabeth Rivas**: Nasceu no ano de 1972, em Foz do Iguaçu, Paraná. Filha de Valois Rivas e Maria Lopes. Trabalha em uma empresa de exportação em Foz do Iguaçu. Entrevista realizada em 04.12.2010, na residência.

**Enrique Elizeu Valdovino**: Nasceu no ano de 1967, em Ovella Negra, Buenos Aires, Argentina. É professor de piano. Entrevista realizada em 02.03.2011, na residência.

**Leila Hawi Ghaziri**: Nasceu em 1957, na cidade de Anápolis, Goiás. Esposa de Mustapha Abdul Razzak Ghaziri. Dona de Casa. Entrevista realizada em 01.12.2010, na residência.

**Mari** (nome fictício): Nasceu no ano de 1958, em Baalu, Vale do Becaá, Líbano. Esposa de Alex. Dona de casa. Entrevista realizada em 22.04.2011, na loja.

**Maria Lopez**: Nasceu no ano de 1955, em Caaguazú, Paraguai. Esposa de Valois Rivas. Dona de casa. Entrevista realizada em 04.12.2010, na residência.

**Margarita Giménez de Báez**: Nasceu no ano de 1937, em Caaguazú, Paraguai. Dona de casa. Entrevista realizada em 17.03.2011, na residência.

**Mario Celso Rodriguez**: Nasceu em 1985, na cidade de Oberá, Provincia de Misiones, Argentina. É bombeiro e estudante universitário de Comunicação Social: Jornalismo. Entrevista realizada em 07.12.2010, na faculdade.

**Mustapha Abdul Razzak Ghaziri**: Nasceu no ano de 1954, em Beirut, Líbano. Proprietário de comércio em Ciudad del Este, Paraguai. Entrevista realizada em 03.12.2010, na residência.

**Mei** (nome fictício): Nasceu no ano de 1963, em Taichung, Taiwan, República da China. Proprietária de comércio em Ciudad del Este, Paraguai. Entrevista realizada em 02.12.2010, na residência.

**Norma Gladis Basso de Rizi**: Nasceu em 1947, na cidade de La Plata, Argentina. Esposa de Carlos Alberto Rizzi. Dona de casa. Entrevista realizada em 03.12.2010, na residência.

**Pin Yin** (nome fictício): Nasceu no ano de 1971, em Taiwan, República da China. Filha de Qin Yon. Professora de chinês. Entrevista realizada em 05.12.2010, na residência.

**Qin Yon** (nome fictício): Nasceu no ano de 1941, em Taiwan, República da China. Comerciante aposentado. Entrevista realizada em 05.12.2010, na residência

**Rodrigo Andrés Molina Quijada:** Nasceu no ano de 1989, em Concepción, Chile. Atua no ramo do Turismo e é estudante universitário de Comunicação Social: Publicidade e Propaganda. Entrevista realizada em 26.11.2010, no hostel.

**Valois Rivas:** Nasceu no ano de 1943, em Itá Puku Guazu, Paraguai. Proprietário de mercearia em Foz do Iguaçu. Entrevista realizada em 04.12.2010, na residência.

**Zhang Jie** (nome fictício): Nasceu no ano de 1988, em Foz do Iguaçu, Paraná. Filho de Qin Yon. Gerente de loja em Ciudad Del Este, Paraguai e estudante universitário de Comunicação Social: Publicidade e Propaganda. Entrevista realizada em 05.12.2010, na residência.

#### **Entrevistas complementares:**

**Amálio Gimenez Martinez:** Nasceu no Paraguai. Último presidente da Associação dos Moradores e Amigos da Vila Paraguaia na gestão de 1989 a 1995. Entrevista realizada em 16.12.2011, na residência.

**Bayan Abdul Baqi:** Nasceu no Líbano. Proprietário da Doceria Árabe Almanara. Entrevista realizada em 05.12.2011, na doceria.

**Khalil M. Smidi:** Nasceu no Líbano. Proprietário do Mercado de Produtos Árabes Hayet. Entrevista realizada em 05/12/2011, no mercado.

**Marcelino Sossa:** Nasceu no Paraguai. Proprietário do Bar do Quicho. Entrevista realizada em 16.12.2011, no bar.

**Nathalie Husson Granzotto:** Nasceu em Paris, França. Proprietária da Kunda Livraria Universitária. Entrevista realizada em 22.11.2011, na livraria.

**Roberto Vaz:** Brasileiro, descendente de paraguaios. Trabalha e mora com a família nas dependências do Centro Social e Cultural Paraguaio. Entrevista realizada em 16.12.2011, no clube.

**Zaki Kalakech:** Proprietário da Panificadora Cataratas Fornos Cataratas Automáticos. Entrevistas realizadas em 05 e 06.12.2011, na panificadora.

**BIBLIOGRAFIA**

ALMEIDA, M. C. D. P. *Preconceito*. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, 2010. Disponível em [http://sbprj.org.br/site/admin/upload/arquivos/Miguel\\_Calmon\\_Preconceito.pdf](http://sbprj.org.br/site/admin/upload/arquivos/Miguel_Calmon_Preconceito.pdf). Acesso em: 31 ago. 2011.

ANDERSON, B. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

ARRUDA, A. (Org.). *Representando a alteridade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

AUGÉ, M. *O sentido dos outros: atualidade da antropologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 3 ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BARTH, F. *Grupos étnicos e suas fronteiras* in POUTIGNAT, Philippe. Teorias da etnicidade. São Paulo: UNESP, 1998.

BAUMAN, Z. *O mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. Sociedade líquida. *Folha de S. Paulo*, São Paulo. 19.10.2003. Entrevista concedida a Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke. Caderno Mais!

\_\_\_\_\_. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. O homem que inspirou Matrix. *Folha de São Paulo*, São Paulo. 11.3.2007. Entrevista concedida ao *Caderno Mais*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mas/fs1103200706.htm>. Acessado em: 20 out. 2007.

BAUMGARTEM, M. (Org.). *Conhecimento e redes: sociedade, política e inovação*. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

BOND, R. *A saga de Aleixo Garcia: o descobridor do Império Inca*. Florianópolis: Editora Insular, Fundação Franklin Cascaes, 1998.

- BOURDIEU, P. (Org.). *A miséria do mundo*. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BRITO, J. M. *Descoberta de Foz do Iguaçu e a fundação da Colônia Militar*. Curitiba, PR: Travessa dos Editores, 2005.
- BURKE, P. (Org.). *A escrita da história*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- CABEZA DE VACA, A. N. *Naufrágios e comentários*. Porto Alegre, RS: L&PM, 1999.
- CANCLINI, N. G. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- CASTLES, S. *Globalização, transnacionalismo e novos fluxos migratórios: dos trabalhadores convidados às migrações globais*. Lisboa: Fim de Século, 2005.
- CAVALLI-SFORZA, L. L. *Genes, povos e línguas*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2003.
- CERTEAU, M. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- \_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A cultura no plural*. 4 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.
- CERTEAU, M., GIARD, L. e MAYOL, P. *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar*. 3 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- DAMATTA, R. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- \_\_\_\_\_. *O que faz do brasil, Brasil?* 12 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- DEGENNE, A. e LEBEAUX, M. Qui aide qui, pour quoi? *L'Année Sociologique*, 1997, p. 117-141.
- DELORY-MOMBERGER, C. A história de vida: um cruzamento intercultural. *Educação e Linguagem*. São Paulo, vol. 1, n. 1, 1998, p. 55-72.
- DEMO, P. *Certeza da incerteza: ambivalências do conhecimento e da vida*. Brasília, DF: Plano, 2000.
- DENZIN N. K. *The research act*. Chicago: Aldine Publishing Co., 1970.
- DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. São Paulo: Artmed, 2006.
- DERRIDA, J. *Politics of friendship*. (G. Collins, trad.). New York: Verso, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

DICK, M. V. P. A. *Fundamentos teóricos da toponímia*. Estudo de caso: o projeto ATEMIG – Atlas toponímico do estado de Minas Gerais (variante regional do Atlas Toponímico do Brasil). In: SEABRA, M. C. C. de (Org.) *O léxico em estudo*. Belo Horizonte, MG: Faculdade de Letras da UFMG, 2006, p. 91-117.

DINIS, J. *Obras de Júlio Dinis*. Vol. II. *Serões da província*: poesias – inéditos e esparsos – teatro. Porto, Portugal: Lelo & Irmão-Editores, s.d.

ELIADE, M. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FAZENDA, I. *O que é interdisciplinaridade*. São Paulo: Cortez, 2008.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FREIRE, J. R. B. *Da língua geral ao português: para uma história dos usos sociais das línguas na Amazônia*. Rio de Janeiro: UERJ, 2003 (tese de doutorado).

GEERTZ, C. *O saber local*. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GINZBURG, C. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GRANJO, P. Dragões, régulos e fábricas: espíritos e racionalidade tecnológica na indústria moçambicana. *Análise Social*, vol. XLIII, n. 2, 2008, p. 223-249.

GREGORY, V. *Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no Oeste do Paraná*. Cascavel, PR: EDUNIOESTE, 2002.

GRÜMBERG, G. (Coord.). *Mapa Guarani Retã 2008: povos Guarani na fronteira Argentina, Brasil e Paraguai*. Bartolomeu Meliã: 2008. Disponível em [http://pib.socioambiental.org/files/file/PIB\\_institucional/caderno\\_guarani\\_%20portugues.pdf](http://pib.socioambiental.org/files/file/PIB_institucional/caderno_guarani_%20portugues.pdf). Acesso em: 10 jun. 2011.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, S. *A identidade cultural da pós-modernidade*. 4 ed. Rio de Janeiro: LP&A, 2000.

\_\_\_\_\_. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2003.

HANNERZ, U. Fluxos, fronteiras, híbridos: Palavras-chave da antropologia transnacional. *Revista Mana*. Rio de Janeiro, vol. 3, n. 1, 1997, p. 7-39.

HARRES, M. M. Aproximações entre história de vida e autobiografia: os desafios da memória. *História UNISINOS*. São Leopoldo, RS, vol. 8, n. 10, 2004, p. 143-156.

HELLER, A. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

HERAS, J. *Fray Luis de Bolaños. Iniciador de las "reducciones" de Paraguay*, in R. Ballán, *Misioneros de la primera hora. Grandes evangelizadores del Nuevo Mundo*. Lima, 1991, pp. 203-206.

HOBSBAWM, E. e RANGER, T. (Orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HYNDMAN, J. e WALTON-ROBERTS M. Migration and nation: Burmese refugees in Vancouver. *The Bulletin*, 11:1-5, 1998.

KINCHELOE, J. L. *Repensar el multiculturalismo*. Espanha: Octaedro, 1997.

KLAUCK, S. *Gleba dos Bispos: colonização no Oeste do Paraná – uma experiência católica de ação social*. Porto Alegre, RS: EST, 2004.

LAPLANTINE, F. *Aprender antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

LAPLANTINE, F. e TRINDADE, L. *O que é imaginário?* São Paulo: Brasiliense, 1996.

LÉVINAS, E. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

LÉVI-STRAUSS, C. *O pensamento selvagem*. 5 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

LUCENA, C. T. *Artes de lembrar e de inventar: (re)lembanças de migrantes*. São Paulo: Arte & Ciência, 1999.

LUCKMAN, A. Em regiões transfronteiriças, limites do Estado desaparecem. *Gazeta do Povo*. Disponível em <http://www.gazetadopovo.com.br/mundo/conteudo.phtml?id=812284>. Acesso em: 10 dez. 2011.

MACAGNO, L. Cidadania e cidade (aventuras e desventuras do multiculturalismo). *Espaços & Debates*, São Paulo, vol. 23, n. 43-44, p. 51-59, 2003.

MAFFESOLI, M. *O conhecimento comum: compêndio de sociologia compreensiva*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_. *Elogio à razão sensível*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. *A transfiguração do político: tribalização do mundo*. 3 ed. Porto Alegre, RS: Sulina, 2005.

\_\_\_\_\_. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo na sociedade de massa*. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. *O ritmo da vida*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

\_\_\_\_\_. A terra fértil do cotidiano. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre, RS, n. 36, agosto/2008, p. 5-9.

\_\_\_\_\_. *A república dos bons sentimentos*. São Paulo: Iluminuras, Itaú Cultural, 2009.

\_\_\_\_\_. *Saturação*. São Paulo: Iluminuras, Itaú Cultural, 2010.

MAIA, R. L. (Coord.). *Dicionário de sociologia*. Porto, Portugal: Porto Editora, 2002.

MARTINO, N. Onde os mundos se encontram in *Horizonte Geográfico*. Disponível em: [HTTP://www.horizontegeografico.com.br/indez.php?acao=exibirMateria&materia%5Bid\\_materia%5D=1064](http://www.horizontegeografico.com.br/indez.php?acao=exibirMateria&materia%5Bid_materia%5D=1064). Aceso em 13 fev. 2011.

MARTINS, J. S. *Fronreira: a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. *A sociabilidade do homem simples*. São Paulo: Contexto, 2010.

MARTINS, R. *História do Paraná*. Curitiba, PR: Imprensa Oficial, 1989.

MASSEY, D. Economic development and international migration in comparative perspective. *Population and Development Review*, 14: 383-413, 1988.

MAUSS, M. *Ensaio sobre a dívida*. Lisboa: Edições 70, 1988.

MCLAREN, P. *Multiculturalismo revolucionário: pedagogia do dissenso para o novo milênio*. Porto Alegre, RS: ARTMED, 2000.

MENDONÇA, S. C. P. *A imprensa e o discurso político nas eleições de 2004 em Foz do Iguaçu*. VIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 10 a 12 de maio de 2007, em Passo Fundo, RS, GT Jornalismo.

MONTENEGRO, S. e BÉLIVEAU, V. G. *La triple frontera: globalización y construcción social del espacio*. 2 ed. Buenos Aires, Argentina: Mino y Dávila, 2010.

MORENO, J. L. *Quem sobreviverá – fundamentos de la sociometria*. Buenos Aires, Argentina: Paidós, 1959.

\_\_\_\_\_. *Psicoterapia de grupo e psicodrama*. São Paulo: Mestre Jou, 1974.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 6 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.

MOURA, R. Movimento pendular da população no Paraná: uma evidência da desconexão moradia/trabalho. *Cadernos Metrópole*, EDUC, São Paulo, vol. 12, n. 23, p. 43-64, jan-jun, 2010.

MYSKIW, A. M. *A fronteira como destino de viagem: a colônia militar de Foz do Iguaçu (1888-1907)*. Niterói, RJ: UFF, 2011.

NANCY, J. *El Intruso*. Buenos Aires, Argentina: Amorrortu, 2006.

NUNES, J. A. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença, da igualdade in SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Porto, Portugal: Afrontamento, 2004.

ORTEGA, F. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2009.

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. *Relatório de desenvolvimento humano 2009: ultrapassar barreiras, mobilidade e desenvolvimento humano*. Coimbra, Portugal, 2009.

POLLAK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992, p. 200-212.

\_\_\_\_\_. Memórias, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

POUTIGNAT, P. e STREIFF-FENART, J. *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: UNESP, 1998.

RABOSSI, F. *Nas ruas de Ciudad del Este: vidas e vendas num mercado de fronteira*. Tese. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

RIBEIRO, M. F. B. *Memórias do concreto: vozes na construção de Itaipu*. Cascavel, PR: EDUNIOESTE, 2002.

RIBEIRO, S. I. G. T. O Guarani no Oeste do Paraná: espacialidade e resistência. *Espaço Plural*. UNIOESTE, Cascavel, PR, ano VI, n. 13, p. 27-30, 2º semestre de 2005. Disponível em [www.unioeste.br/saber](http://www.unioeste.br/saber).

ROCHA, E. *O que é etnocentrismo?* 11 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ROSAS, J. C. *Sociedade multicultural: conceitos e modelos (versão preliminar)* Disponível em [http://www.ipri.pt/eventos/pdf/PE\\_JCR\\_site.pdf](http://www.ipri.pt/eventos/pdf/PE_JCR_site.pdf). Acesso em: 23 abr. 2011.

RUSHDIE, S. *Cruze esta linha: ensaios e artigos*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *Oriente, Ocidente*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.

SALES, T. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo: Cortez, 1999.

SANTOS, B. S. Dilemas do nosso tempo: globalização, multiculturalismo e conhecimento. *Currículo sem Fronteiras*. Vol. 3, n. 2, p. 5-23, jul-dez, 2003.

SANTOS, B. S. e NUNES, J. A. Introdução: para ampliar o cânone do conhecimento, da diferença e da igualdade in SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SANTOS, J. C. *Luzes na floresta: religiosidade como arte de governar no espaço colonial*. Cascavel, PR: Coluna do Saber, 2010.

SAYAD, A. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Editora USP, 1998.

SCHECHNER, R. *Performance Theory*. New York e London: Routledge, 1988.

SCHLITHLER, C. R. B. *Redes de desenvolvimento comunitário: iniciativas para a transformação social*. São Paulo: Global: IDIS – Instituto para o Desenvolvimento de Investimento Social, 2004.

SCHUTZ, A. *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SEMPRINI, A. *Multiculturalismo*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

SEVCENKO, N. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. O enigma pós-moderno in OLIVEIRA, R. C. *Pós-modernidade*. 4 ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1993.

SIDEKUM, A. (Org.). *Alteridade e multiculturalismo*. Ijuí, RS: UNIUI, 2003.

SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SLUZKI, C. *A rede social na prática sistêmica*. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 1997.

SORIANO, R. *Interculturalismo: entre liberalismo y comunitarismo*. Espanha: Almuzara, 2004.

SOUZA, W. D. *Anarquismo, Estado e Pastoral do Imigrante: das disputas ideológicas pelo imigrante aos limites da ordem: O caso Idalina*. São Paulo: UNESP, 2000.

TIBIRIÇA, L. C. *Dicionário guarani português*. São Paulo: Traço Editora, 1989.

TODOROV, T. *Poética da Prosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TOSI, G. Direitos humanos: uma retórica vazia? *Revista Symposium*. Universidade Católica de Pernambuco, ano 3, número especial, p. 47-59, dezembro, 1999. Disponível em [http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/tosi/tosi\\_dh\\_retorica\\_vazia.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/tosi/tosi_dh_retorica_vazia.pdf). Acesso em: 23 abr. 2011.

TUAN, Y. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.

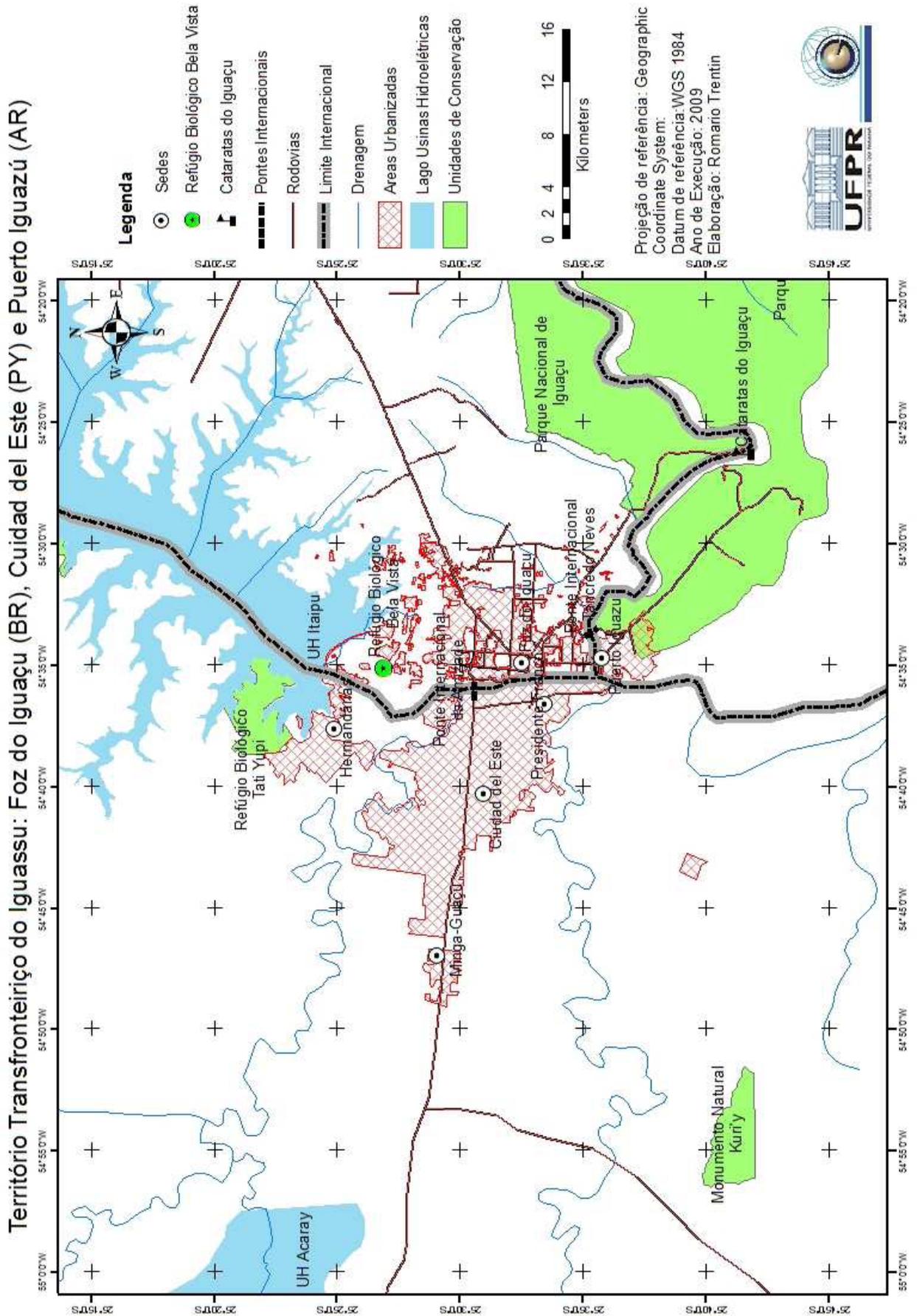
\_\_\_\_\_. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

VIEIRA, W. *Homo sapiens reurbanisatus*. Foz do Iguaçu: Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia – CEAEC, 2003.

\_\_\_\_\_. *Homo sapiens pacificus*. Foz do Iguaçu: Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia – CEAEC, 2007.

ZIZEK, S. Multiculturalismo, e la lógica cultural del capitalismo multinacional. In GRÜNER, Eduardo. *Estudios culturales: reflexiones sobre el multiculturalismo*. Buenos Aires, Argentina: Paidós, 2003.

ANEXO 01 – MAPA DO TERRITÓRIO TRANSFRONTEIRIÇO DO IGUAÇU



ANEXO 02 – CAPA PROGRAMA DIA CULTURAL DE TAIWAN 2011  
CENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO DA REPÚBLICA DA CHINA



## ANEXO 03 – PROGRAMAÇÃO DIA CULTURAL DE TAIWAN 2011 CENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO DA REPÚBLICA DA CHINA



### 表演節目 PROGRAMA DE PRESENTACIONES 200

- |       |   |       |  |
|-------|---|-------|--|
| 10:00 | 開幕典禮 Ceremonia de Apertura<br>騎隊入場 Desfile y Demostración a cargo del Grupo de Equitación<br>打擊鼓樂儀仗隊入場<br>Desfile a cargo de los jóvenes Bandaliza del Colegio Sol<br>僑校青少年齊唱中華民國與巴拉圭國歌並展秀100及200字圖<br>Entonación del Himno Nacional de Taiwán e Himno Nacional del Paraguay interpretados por el coro de jóvenes y adolescentes de la Escuela China Sun, Yet-Sen<br>(由巴拉圭國家弦樂交響樂團伴奏)(Acompañado por los Músicos Integrantes de la Camerata Sinfónica Nacional) | 12:40 | 台灣中山橋校青少年大合唱「我愛台灣」 Interpretación de la Canción "TEAMO TAIWAN" a Cargo de los jóvenes estudiantes del Colegio Sun Yet-Sen. (由巴拉圭國家弦樂交響樂團伴奏)<br>(Acompañado por los Músicos Integrantes de la Camerata Sinfónica Nacional)                              |
| 10:35 | 僑校青少年齊唱中華民國與巴拉圭國歌並展秀100及200字圖<br>Entonación del Himno Nacional de Taiwán e Himno Nacional del Paraguay interpretados por el coro de jóvenes y adolescentes de la Escuela China Sun, Yet-Sen<br>(由巴拉圭國家弦樂交響樂團伴奏)(Acompañado por los Músicos Integrantes de la Camerata Sinfónica Nacional)   | 12:50 | 台灣僑界婦女表演肚皮舞 Baile de Belly (Danza de Vientre) por las danzarinas de la Comunidad Taiwanese<br>台灣僑界兒童服裝秀 Desfile de Vestido Moda de Niños de la Comunidad Taiwanese   |
| 10:50 | 恭讀中華民國政府各級長官所頒台灣文化日賀電<br>Nombrar a las autoridades de Taiwán quienes transmitieron sus Notas y expresiones de congratulación.<br>貴賓致詞<br>陳僑務委員淑芬、洪僑務委員振盛、張會長德輝、黃大使聯昇、黃總領事、巴拉圭政府官員(暫定兩位)<br>Palabras de los Principales Organizadores y las Autoridades Gubernamentales  | 13:05 | 台灣僑界表演「瀟灑走一回」手語歌曲 Interpretación Mímica de la Canción popular de Taiwán: "UN BRINCO CON ELEGANCIA"   |
| 11:25 | 舞龍舞獅表演 Danza de Dragones y Leones Chinos.   | 13:10 | 摸彩 SORTEO  |
| 11:35 | 園遊會開始 Inauguración Oficial de la Feria<br>表演節目開始 INICIO DE PROGRAMA   | 13:25 | 巴拉圭國家弦樂交響樂團成員演奏台灣民謠歌曲<br>Canciones Populares de Taiwán interpretado por los integrantes de la Camerata Sinfónica Nacional<br>1. 梅花 (演奏曲) "Flor de Taiwán"<br>2. 玫瑰玫瑰我愛你 (演奏曲) "Rosa Rosa Eres Mi Cariño"<br>3. 月亮代表我的心 "La luna Representa Mi Corazón" |
| 12:00 | 安平追想曲<br>Interpretación de la Rapsodia Remembranza de Taiwán  | 13:45 | 巴拉圭傳統舞蹈表演<br>Presentación artística de la Danza Tradicional de Botellas  |
| 12:05 | 清朝時代台灣民族舞蹈<br>Presentación del Baile de Cultura Etnica de Taiwán  | 13:55 | 巴拉圭傳統民謠歌王 Alberto de Luque 演唱表演<br>Presentación artística de Don Alberto de Luque y su conjunto  |
| 12:10 | 台灣日據時代鄉土風俗演歌劇<br>Actuación Teatral sobre la Vida y Folclore de Taiwán   | 14:20 | 拉丁歌謠 Mal Acostumbrado 歌唱與舞蹈團表演<br>Canción Popular Latino "Mal Acostumbrado", con acompañamiento de presentación artística de la Danza con Fantasía<br>(由巴拉圭國家弦樂交響樂團伴奏)(Acompañado por los Músicos Integrantes de la Camerata Sinfónica Nacional)       |
| 12:20 | 台灣光復時代「山頂黑狗兄」名曲演唱<br>Interpretación Musical: Perro Negro del Monte, describe sobre la vida pastoril de un joven en la montaña, Famosa Canción Taiwanese   | 14:25 | 巴拉圭民謠樂團 Rigoberto Arévalo 三重唱表演<br>Temas populares interpretados por Rigoberto y su Conjunto   |
| 12:25 | 摸彩 SORTEO   | 14:50 | 嘉年華森巴舞蹈表演 Baile y Danza Carioca  |
|       |   | 14:55 | 台灣拉丁民謠合唱組曲<br>Enganches de Músicas Populares Latinas y Taiwanese<br>(由巴拉圭國家弦樂交響樂團伴奏)(Acompañado por los Músicos Integrantes de la Camerata Sinfónica Nacional)   |
|       |   | 15:00 | 摸彩 SORTEO  |

**-GRACIAS POR SU PRESENCIA-  
祝大家身體健康萬事如意！**

## ANEXO 04 - ÚLTIMA PÁGINA DA ATA DE FUNDAÇÃO DA CASA PARAGUAIA

- Art. 47º - Os casos omissos no presente Estatuto, serão resolvidos em Sessão Extraordinária da Comissão Diretora, convocada para esse fim, com o voto de dois terços de seus membros, e, devendo ser homologados pela primeira Assembléia Geral que se realizar.
- Art. 48º - Este Estatuto só poderá ser reformado por uma Assembléia Geral Extraordinária de sócios, que conte com o voto de dois terços da totalidade dos sócios efetivos. Esta mesma disposição regerá a revogação de resoluções de Assembléias anteriores.
- Art. 49º - São sócios Fundadores, por haverem participado da Assembléia de Fundação, os Srs: - Wildo B. Benitez, Tomas Ramos, Alejandro Barudi Aranda, Victoriano Florentin, Rodolfo Sanemann, Daniel Gonzalez, Ramon Gonzalez Piñanez, Ernesto dos Santos, Elias Molinas, Adolfo Venialgo, Benito Abbade, Luiz C. Corvilan, Rafael Nuñez Fernandez, Ramon Martinez Caceres, Ricardo Calderon, Anibal Abbate Soley, Carlos Villagra, Rigoberto E. Leguizamón, Dra. Gladis Meinlinger de Sanemann, Sra. Maria Cristina de Abbate, Sra. Celina Casilda de Gonzalez Piñanez, Sra. Elza Ramirez de Gonzalez, Sandino Gil Oporto, Antonio Gilberto Gonzalez Prieto, Guillermo Correa Martinez, Horacio Martinez, Gregorio Vargas, Norberto Mercado, Pedro Lopez, Silvestre Gomez, Sra. Ercília Beatriz Savio de Ramos, Luiz Diaz, Snta. Petronila Gonzalez, Cezár Achou, Casimiro U. Calderon, Griselli Lopez, Estaquilo Fernandez, Ernesto I. Quesna, Marcelino Ferreira, Cezar-Escobar, Cezár Spika, Juan Enriquez, Wilfrido Barreto, Fulgencio Aldana, Isabelino Arrua, Ricardo Gonzalez, Ramon S. Villagra Duarte.
- Art. 50º - A atual Comissão Diretora providenciará perante os poderes públicos e no mais breve prazo, o reconhecimento da "CASA PARAGUAYA" de Foz do Iguaçu, como pessoa jurídica.

- \*\*\*\*\* -

DIRETORIA ATUAL

Presidente - Dr. Blas Antônio dos Santos  
 VICE-Presidente - Sr. Anibal Abbate Soley  
 Secretário Geral - Sr. Adolfo Venialgo  
 Tesoureiro - Sr. Alejandro Barudi Aranda  
 Diretor Social - Sr. Horácio Martinez  
 Diretor de Relações Públicas e Difusão Cultural - Sr. Ramon Martinez Caceres  
 Diretor de Esportes - Sr. Daniel Gonzalez  
 Diretor de Festividades - Sr. Tomas Ramos  
 Síndico - Sr. Gregorio Vargas  
 Suplentes - Srs. Wildo Benitez, Ernesto dos Santos e Rodolfo Mongeló Leguizamón.

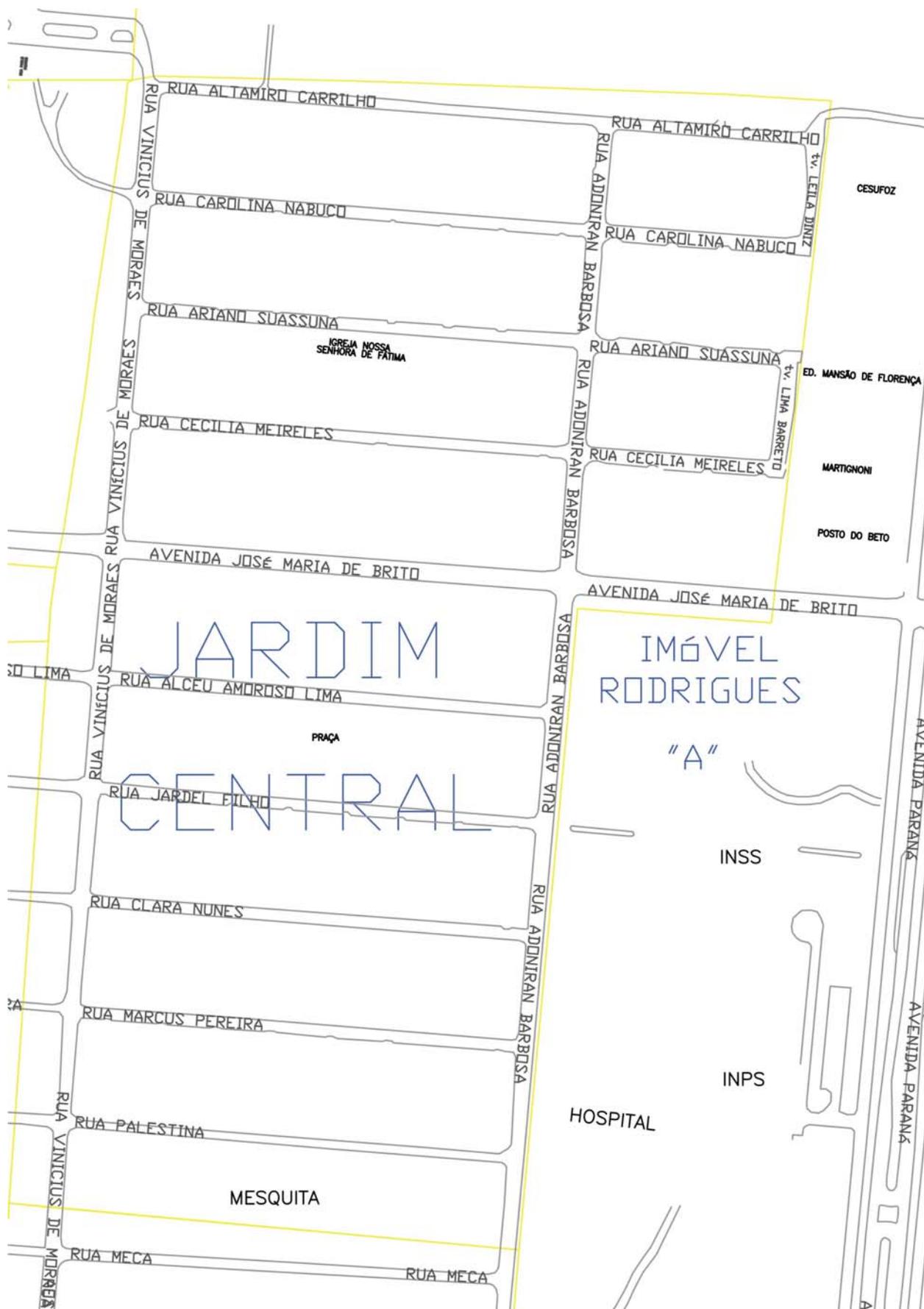
Foz do Iguaçu, 9 de Janeiro de 1965

ANNIBAL ABBATE SOLEY

Vice-Presidente no exercício da Presidência

ADOLFO VENIALGO  
 Secretário Geral

### ANEXO 05 – MAPA DE RUAS DO JARDIM CENTRAL



ANEXO 06 – MAPA DE RUAS DA VILA PARAGUAIA

